

ANEXO AO PROCESSO Nº 459/98 - CM

DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM: 03/05/01

Adriana Aparecida Pinto

**A Escola Pública: (1893-1897) Um Estudo da
Pedagogia Paulista no Século XIX**

**Marília
2001**



ADRIANA APARECIDA PINTO

A Escola Pública: (1893-1897) Um Estudo da Pedagogia
Paulista no Século XIX

Marília
JUNHO/2001



ADRIANA APARECIDA PINTO

A Eschola Publica: (1893-1897) Um Estudo da Pedagogia
Paulista no Século XIX

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP - Campus de Marília, sob a orientação do Profº. Dr. Carlos Roberto da Silva Monarcha.

1410001260



Marília
JUNHO/2001



Nº cham 370.509 → educat - hist
P659 e

Nº Tombo 1.260-ter

Aquisição D

Preço R\$5,00

Data 10/11/2001

Proced. autor

Pinto, Adriana Aparecida.

A Eschola Publica: (1893 – 1897) um estudo da pedagogia paulista no século XIX. Marília, 2001.

Dissertação – Mestrado – Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista – UNESP – Marília.

História da educação – imprensa periódica educacional – revistas em educação.

ADRIANA APARECIDA PINTO

A Escola Publica: (1893-1897) Um Estudo da Pedagogia
Paulista no Século XIX

COMISSÃO JULGADORA

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto da Silva Monarcha (Unesp – Marília)

1º examinador: Prof. Dr. Jaime Francisco Parreira Cordeiro (Unesp – Araraquara)

2º examinador: Profª. Drª. Maria do Rosário Longo Mortatti (Unesp – Marília)

Marília
JUNHO/2001



Dedicatória

Dedico este trabalho de mestrado aos meus pais (Raimundo e Efigênia) e aos meus irmãos (Anderson e Amélia), pois sem o apoio deles em todos os níveis possíveis e imaginários esta dissertação não teria sido possível e especialmente ao professor que me iniciou no trabalho de pesquisa, prof. Jaime Cordeiro.

AGRADECIMENTOS

"Eu era apenas um bloco de barro estéril enquanto não me plantaram rosas." (Fábula oriental)

Esta frase foi citada por Caetano de Campos por ocasião da formatura dos alunos da escola Normal, e é assim que me sinto com relação ao trabalho que os (as) senhores (as) terão a oportunidade de conhecer após estes agradecimentos.

Pedagoga por formação e opção, não foram poucas as dificuldades para a elaboração deste trabalho, mas a humildade me permite dizer sem sombra de dúvida que sem as pessoas que abaixo relaciono, ele certamente não seria possível:

Primeiramente e é claro, os maiores agradecimentos são para os meus pais, que mesmo sem compreender a amplitude do meu intuito, em função de sua grande simplicidade, me apoiaram em todos os momentos, principalmente no financeiro;

Ao professor Jaime Francisco Parreira Cordeiro, da UNESP de Araraquara, que confiou no meu potencial para a pesquisa, fazendo-me ir sempre além do que eu acreditava ser o meu máximo, a ele a minha eterna gratidão;

A todos aqueles que duvidaram deste potencial, a dúvida nos faz fortes e prontos a transformá-las em certeza;

Ao pessoal da Fundação Biblioteca Nacional, especialmente nas pessoas de Eliane Perez e Maria das Graças da Divisão Documental, sempre prestativas e atenciosas aos meus 'e-mails' nem sempre tão objetivos;

As amigas Vanda, Rosane, Vitória, Marileia, Márcia, Isabel, Ana Lúcia, Camila e Mislaine, aos amigos Flaviano, Fernando, Claudinei pelo carinho e atenção demonstrados, pela paciência, pelas conversas sobre o tema e pelos simples, mas sempre produtivos, bate-papos!

Ao Antônio, por estar presente neste momento da minha vida;

Ao professor Carlos Monarcha, por ter compartilhado comigo um pouco do seu conhecimento, pelas preciosas orientações, as quais talvez eu nem tenha sabido entender como ele desejava, pelo auxílio na busca do tema e delimitação da pesquisa, a este professor meu eterno respeito e sinceros agradecimentos;

A professora Maria do Rosário Longo Mortatti, sempre atenciosa aos meus anseios, pela contribuição dedicada no meu exame de qualificação;

A Edna, Vilma e Maria Inês, nossos anjos de guarda na secretaria da pós-graduação;

Ao CNPq, pelo financiamento parcial desta pesquisa



SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS E QUADROS	9
RESUMO	11
ABSTRACT	12
APRESENTAÇÃO	13
CAPÍTULO I	26
1 A <i>ESCHOLA PUBLICA</i> DE 1893 (1ª FASE): UM MOMENTO DE ATENDER AS NECESSIDADES DA REPÚBLICA.....	26
1.1. HISTÓRICO DA PUBLICAÇÃO.....	26
1.2. ESTRUTURA DIDÁTICA DA PUBLICAÇÃO	36
1.3. ESTRUTURA FORMAL DA PUBLICAÇÃO QUANTO AOS SEUS ARTIGOS E AUTORES	46
1.4. CONSIDERAÇÕES	65
CAPÍTULO II.....	67
2 A <i>ESCHOLA PUBLICA</i> DE 1895: RUMO À ELABORAÇÃO DE UMA PEDAGOGIA PAULISTA?	67
2.1. HISTÓRICO DA PUBLICAÇÃO.....	67
2.2. ESTRUTURA DIDÁTICA DA PUBLICAÇÃO	70
2.3. ESTRUTURA FORMAL DA PUBLICAÇÃO QUANTO AOS SEUS ARTIGOS E AUTORES	71
2.4. CONSIDERAÇÕES	75
CAPÍTULO III	77
3 A <i>ESCHOLA PUBLICA</i> DE 1896 (2ª FASE): REVISITANDO UMA PRÁTICA DE SUCESSOS?	77
3.1. HISTÓRICO DA PUBLICAÇÃO.....	77
3.2. ESTRUTURA DIDÁTICA DA PUBLICAÇÃO	86

3.3. ESTRUTURA FORMAL DA PUBLICAÇÃO QUANTO AOS SEUS ARTIGOS E AUTORES	94
3.4. CONSIDERAÇÕES	98
CAPÍTULO IV	101
4 A <i>ESCHOLA PUBLICA</i> ENQUANTO MANUAL DIDÁTICO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	101
CAPÍTULO V	112
5 O PROJETO EDITORIAL DE <i>ESCHOLA PUBLICA</i>: TRÊS MOMENTOS DE UM MESMO TEMPO? SÍNTESE INTERPRETATIVA DE TODOS OS NÚMEROS DA PUBLICAÇÃO	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	121
ANEXOS.....	127

LISTA DE TABELAS E QUADROS

QUADRO 1 - Periodicidade de publicação da revista <i>A Eschola Publica</i> 1ª fase 1893-94	35
QUADRO 2 - Temas presentes nos editoriais da revista <i>A Eschola Publica</i> de 1893-94	40
QUADRO 3 - Frequência das matérias escolares na revista <i>A Eschola</i> <i>Publica</i> nas edições de 1893-94	42
QUADRO 4 - Artigos e autores de <i>A Eschola Publica</i> nº 01-1893	48
QUADRO 5 - Artigos e autores de <i>A Eschola Publica</i> nº 02-1893	49
QUADRO 6 - Artigos e autores de <i>A Eschola Publica</i> nº 03-1893	51
QUADRO 7 - Artigos e autores de <i>A Eschola Publica</i> nº 04-1893	52
QUADRO 8 - Artigos e autores de <i>A Eschola Publica</i> nº 05-1893	52
QUADRO 9 - Artigos e autores de <i>A Eschola Publica</i> nº 06-1893	56
QUADRO 10 - Artigos e autores de <i>A Eschola Publica</i> nº 07-1893	56
QUADRO 11 - Artigos e autores de <i>A Eschola Publica</i> nº 08-1894	59
QUADRO 12 - Artigos e autores de <i>A Eschola Publica</i> nº 09-1894	60
QUADRO 13 - Artigos e autores de <i>A Eschola Publica</i> nº 10-1894	61
QUADRO 14 - Artigos e autores de <i>A Eschola Publica</i> nº 11-1894	63
QUADRO 15 - Frequência de autores na edição de <i>A Eschola Publica</i> de 1893-94	64
QUADRO 16 - Índice sistemático de <i>A Eschola Publica</i> de 1895	73
QUADRO 17 - Balanço financeiro de <i>A Eschola Publica</i> de 1896, fechado a 25/01/1897	83
QUADRO 18 - Quadro de seções de <i>A Eschola Publica</i> de 1896-97	87
QUADRO 19 - Autores biografados em <i>A Eschola Publica</i> de 1896-97	87
QUADRO 20 - Frequência de autores na edição de <i>A Eschola Publica</i> de 1896-97	90

QUADRO 21	- Índice do 1º volume da revista <i>A Eschola Publica</i> correspondente aos números 1, 2, 3 e 4 - 1896	94
QUADRO 22	- Índice do 1º volume da revista <i>A Eschola Publica</i> correspondente aos números 1, 2, 3 e 4 - 1897	96
QUADRO 23	- Artigos da <i>Revista de Ensino</i> nº de 1902	104

PINTO, Adriana Aparecida. ***A Eschola Publica: (1893-1897) Um estudo da Pedagogia Paulista no século XIX.*** Marília, 2001, 140p. Dissertação (Mestrado em Educação) UNESP/UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – Marília – São Paulo.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo o estudo do periódico educacional *A Eschola Publica*, considerado até onde se pode conhecer como primeira publicação periódica educacional, editada em São Paulo, no período republicano. A revista teve seu ciclo de vida desenvolvido entre os anos de 1893 a 1897, somando um total de 20 números publicados e apresentando-se em duas fases distintas – 1893-1894 e 1896-1897. Até onde se pode constatar *A Eschola Publica* tem como objetivo expresso indiretamente nos seus editoriais de ser uma publicação que direcione a prática instrucional paulista, almejando irradiar sua produção para cidades do interior do Estado. Contando com um conselho editorial do qual faziam parte professores normalistas que ocupavam posições de destaque no contexto político do período, a revista converte-se, num primeiro momento, em instrumento de homogeneização das idéias e práticas educacionais, o que vem ao encontro da políticas educacionais do período voltadas para o desenvolvimento do país por meio da instrução, sendo necessário que os professores estivessem bem preparados. A revista se propõe a ser um instrumento que possibilite a melhoria dessa formação. (CNPq).

PINTO, Adriana Aparecida. **The *Eschola Publica*: (1893-1897) a study of the Pedagogy from São Paulo in the century XIX.** Marília, 2001, 140p. Dissertation (Master's degree in Education) FROM SÃO PAULO STATE UNESP/UNIVERSIDADE - Marília - São Paulo.

ABSTRACT

The periodic had her life cycle developed among the years from 1893 to 1897, adding 20 published numbers and coming in two different phases - 1893-1894 and 1896-1897. Up to where her it can verify *Eschola Publica* has as expressed objective indirectly in their editorials, of being a publication to address the practice educative from São Paulo longing for to irradiate her production for cities of the interior of the State. Counting with a piece of advice editorial of which they made part teachers elementary school teachers that they occupied prominence positions in the political context of the period, the magazine changes, in a first moment, in instrument of divulgation of the ideas and education practices, what comes from encounter to the education politics of the period returned for the development of the country through the instruction, being necessary that the teachers were very prepared. The periodic intends to be an instrument to make possible the improvement of that formation. (CNPq).

APRESENTAÇÃO

O trabalho do historiador, em especial do historiador da educação, pode ser comparado a um trabalho de garimpagem; garimpagem das fontes documentais, dos momentos históricos, dos arquivos, das instituições, para, assim, revelar detalhes ainda não conhecidos pela comunidade acadêmica e social. Observa-se que à história da educação não tem sido dada a devida atenção e importância, e essa discussão vem sendo realizada por vários pesquisadores, dentre eles NÓVOA. Segundo esse renomado historiador da educação:

a história da educação tem sido considerada como uma 'disciplina menor' tanto por *uns* como por *outros*: *uns* consideram-na um prolongamento, algo marginal da história; *outros* não lhe concedem o espaço de intervenção pedagógica que lhe pertence (1992: 216).

Esta pesquisa tem a pretensão de contribuir para elevar o *status* da História da Educação à Ciência da Educação, pois envolve a produção de um conhecimento extremamente importante para a análise e compreensão de fatos históricos que ocorreram no período ao qual este trabalho está circunscrito, não devendo, portanto, na opinião desta pesquisadora, ficar a História da Educação relegada à posição de apêndice da História propriamente dita devido aos esforços de diversos pesquisadores como CATANI (1989), MONARCHA (1994), NÓVOA (1992), CORDEIRO (1999), DE LUCA (1999), que contribuem singularmente para a criação e solidificação deste espaço de pesquisa voltado para os estudos em educação.

Decorrente dessa necessidade segue-se a apresentação da trajetória desta pesquisa, na qual estão descritas algumas das experiências, julgadas mais relevantes para auxiliar no entendimento desta dissertação como um processo, inacabado com certeza, de produção de conhecimento no tocante à sua temática, mas singular no que diz respeito ao seu objeto de estudo.

A dissertação ora apresentada constitui-se parte integrante do Projeto Integrado de Pesquisa “Cultura Escolar Urbana: São Paulo 1840-1940: Repertório de Fontes Documentais”, coordenado pelo professor Dr. Carlos Monarcha. Esse Projeto Integrado de Pesquisa tem por objetivos: abreviar o encontro entre pesquisador e fontes primárias e secundárias mediante a elaboração de um repertório de fontes documentais resultante da recuperação, reunião, seleção e ordenação de fontes documentais primárias e secundárias e centrado no tema da cultura escolar urbana, em São Paulo, no período de 1840-1940; incentivar pesquisas acadêmicas originais; subsidiar a execução de um programa de estudos e investigações relativo ao tema geral que organiza; e conduzir à execução do Projeto Integrado de Pesquisa, contribuindo para o alargamento do campo de conhecimento em história da educação brasileira.

Para melhor operacionalização, o Projeto Integrado de Pesquisa “Cultura Escolar Urbana: São Paulo 1840-1940” foi dividido em sete sub-unidades temáticas, a saber: organização do aparelho escolar estatal; fundamentos teórico-práticos da educação institucional; atividade editorial e publicações pedagógicas; condições de vida e trabalho dos professores paulistas; condições de vida dos contingentes de alunos; tradições escolares e acadêmicas; e depoimentos,



diários, biografias e memórias da época relacionadas à educação (MONARCHA, 1997).

Assim sendo, tem-se, a partir deste momento, como um dos resultados o projeto de pesquisa intitulado, inicialmente, “*A Eschola Publica*”¹: análise de uma publicação pedagógica periódica republicana”, integrado na subunidade temática “Atividade editorial e publicações pedagógicas” e tendo por objetivo o estudo e investigação da revista *A Eschola Publica*, editada inicialmente, pela Tipografia Hennies & Winniger, São Paulo, entre os anos de 1893-1897².

Estudos, leituras e pesquisas preliminares assinalam que a revista pode ser considerada a primeira publicação periódica pedagógica do Estado de São Paulo no período republicano. Segundo Silveira,

... fez-se, desde logo, sentir a falta de uma revista escolar que servisse de orientadora ao professorado paulista. Mestres novos, methods recentemente introduzidos, processos ainda não muito vulgarizados determinaram a iniciativa de um grupo de professores da Capital, e dahi o aparecimento de *A Eschola Publica*, primeira publicação pedagógica, no nosso Estado (1929:323).

MAGNANI (1997), por sua vez, fundamentado em sólida pesquisa documental, afirma que a revista *A Eschola Publica* serviu de modelo

¹ Optou-se por manter a grafia original da publicação, bem como das fontes históricas secundárias que foram utilizadas para a elaboração deste trabalho. As referências à publicação serão arroladas sob a sigla *E.P.*, seguidas da seção na qual se encontra o excerto, número do exemplar e ano da publicação.

² A edição de 1895 é publicada pela Tipografia Paulista e da edição 1896/1897 não foi possível à identificação da casa Editora, em função de não haver, no material consultado, esta informação.

para outras publicações pedagógicas publicadas em São Paulo nas décadas de 1910-1920.

Autores como AMARAL (1967), ALMEIDA (1998), BASTOS (1997), NAGLE (1983) e SILVEIRA (1929), mencionam e/ou analisam *A Eschola Publica*, podendo-se depreender que a revista foi criada em um período de grande efervescência política e cultural originada pela instauração da República, possibilitando uma série de iniciativas voltadas para a publicação de revistas, jornais ou boletins com temas diversos.

NAGLE (1974) observa que o desenvolvimento das publicações pedagógicas insere-se na transformação da literatura educacional, constituindo-se em um importante instrumento de sustentação das discussões travadas no âmbito da instrução pública paulista, transmitindo, por consequência, novas formas de percepção da problemática educacional. AMARAL (1967), por sua vez, afirma que outras publicações, não tão emblemáticas, foram criadas na primeira década republicana. Dentre outras o autor aponta: *A Revista Moderna* (1892), que abordava assuntos pedagógicos, científicos e literários; e em tempos mais recuados, *a Revista dos Novos* (1885), organizada pelo normalista José Feliciano de Oliveira.

As leituras, estudos e pesquisas preliminares indicaram também que a revista *A Eschola Publica* teve duas fases de publicação: a primeira entre os anos de 1893-1894, publicando-se onze números com formato tablóide, editados mensalmente e vendidos por 500rs (quinhentos réis). O conselho editorial era composto por quatro professores normalistas: Oscar Thompson, Benedito Maria

Tolosa, Joaquim de Sant'Anna e Antônio Rodrigues Alves Pereira, sendo a revista aberta à colaboração de professores. A segunda fase deu-se entre os anos de 1896-1897, publicando-se oito números, editados trimestralmente, padrão tipográfico diferente do anterior e conselho editorial composto por seis membros efetivos e seis colaboradores. Nas duas fases a revista é apresentada como uma publicação pedagógica com caráter de inovação educacional.

Segundo SILVEIRA (1929), em 1895 foi publicado um volume especial contendo os artigos considerados “mais interessantes” pelo conselho editorial. Todavia, também nesse volume, localizado e recuperado, não constam explicações acerca da interrupção da publicação nos anos precedentes.

Nas duas fases de publicação, *A Eschola Publica* contou com um conselho de editores de projeção intelectual no contexto educacional paulista, todos formados pela Escola Normal da Capital e participantes ativos do movimento cultural e político do período e que, posteriormente, viriam ocupar postos administrativos importantes no âmbito da Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo como, por exemplo, o professor Oscar Thompson, considerado “figura das mais brilhantes do magistério paulista, predestinado a ocupar destacados postos na instrução”³.

A publicação pedagógica *A Eschola Publica* insere-se nessa atmosfera intelectual empenhada na inovação educacional, mediante abordagem das questões do ensino das diferentes matérias do currículo escolar e na difusão do ideário republicano. Considerava-se a crença nos métodos e processos de ensino,

³ Cf. *Poliantéia comemorativa do ensino normal em São Paulo: 1846-1946*, s/d.

quase mística, nas palavras de Caetano de Campos. Os métodos de ensino estariam, neste período, transformando em toda parte o destino das sociedades (CAETANO CAMPOS apud REIS FILHO, 1981:55).

Pode-se afirmar que a primeira década republicana deu lugar a inúmeras e significativas iniciativas e realizações no âmbito da instrução pública, de grande alcance social, político e cultural. Nesse contexto social e histórico, a educação foi considerada instância de modernização e estratégia de desenvolvimento da nação brasileira.

A publicação pedagógica *A Eschola Publica* pode ser considerada como um projeto editorial estável, voltado para a inovação educacional mediante abordagem das questões e conteúdos do ensino das matérias do currículo da escola primária, e representativo de importantes transformações ocorridas no âmbito educacional paulista, a saber: consolidação do ensino profissional, estipulando-se padrão de formação e rituais acadêmicos de formação; organização institucional do sistema de ensino; e profissionalização e especialização do magistério primário.

Dotada de originalidade e representatividade, pode-se considerar ainda que a revista *A Eschola Publica* contribuiu para a formação de uma cultura escolar urbana no Estado de São Paulo.

Orientando-se por um referencial teórico-metodológico fundamentado nas contribuições da produção acadêmica de autores envolvidos com o tema das publicações pedagógicas e/ou imprensa periódica, dentre outros:



BASTOS (1997), CATANI (1989), GANDINI (1995), CASPARD⁴ (1997), GONDRA (1996), e NÓVOA (1997), este trabalho tem, portanto, a intenção de contribuir para o alargamento e compreensão de uma determinada fonte em história da educação.

Para GANDINI, o estudo e a análise dos periódicos podem ser tomados como fontes necessárias para:

apreender quais perspectivas e quais pressupostos políticos, teóricos, daqueles que, como intelectuais têm participado de órgãos administrativos do estado e sua relação com a sociedade e com a educação (1995:7).

Já CATANI considera a imprensa periódica educacional como:

... um *corpus* documental de vastas dimensões, pois constitui-se em testemunho vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma época e da ideologia moral, política e social de um grupo profissional (1997:5).

NÓVOA, por sua vez, justifica a relevância das pesquisas centradas em publicações pedagógicas e na atividade editorial da seguinte maneira:

... a análise da imprensa permite apreender discursos que articulam práticas e teorias que se situam no nível macro do sistema, mas também no plano micro da experiência concreta, que exprimem desejos de futuros ao mesmo tempo em que denunciam situações do presente. Trata-se, por isso, de um *corpus* essencial para a história da educação, mas também para a criação de uma outra cultura pedagógica (1997:11).

⁴ A referência aos estudos de Pierre Caspard sobre a imprensa periódica francesa só foi possível com base na leitura do trabalho de Catani, D.B. Perspectivas de investigação e fontes para a História da Educação brasileira: a imprensa periódica educacional In: CATANI D.B. **Ensaio sobre a produção dos saberes pedagógicos**, 1994.

Para a viabilização desta pesquisa consideram-se como fontes documentais primárias todos os números da revista *A Eschola Publica*, em suas duas fases de sua publicação, 1893-1894 e 1896-1897, inclusa a edição especial de 1895. O objeto deste estudo, em particular, é a publicação veiculado no período de 1893 a 1897, *A Eschola Publica*, não explorado como fonte investigativa até o momento da elaboração deste trabalho, mostrando-se como uma publicação emblemática para o período ao qual ela está circunscrita⁵.

A pesquisa documental preliminar permitiu verificar a localização, disponibilidade – e, por vezes, recuperar por meio de microfimes – os 20 números da revista, os quais se encontram dispersos e, em alguns casos, em precário estado de conservação, podendo ser encontrados nos acervos das seguintes instituições: Acervo Paulo Bourroul – FE-USP; Acervo de Periódicos da Biblioteca Municipal Presidente Kennedy/SP; Fundação Biblioteca Nacional/RJ. Cabe, nesta apresentação, ressaltar que a pesquisa foi realizada com inúmeras dificuldades de ordem prática, principalmente no que diz respeito à localização e consulta das fontes documentais utilizadas para a análise. Estas, como já foi dito, então dispersas por alguns acervos em São Paulo, mas o acesso apresenta-se dificultado.

Enquanto pesquisa documental que busca contribuir para interpretação de determinados temas e objetos pertinentes à história da educação

⁵ NÓVOA define o período no qual está circunscrita a publicação como “fase de emergência deste tipo de publicação, em sintonia com a consolidação do Ensino Normal”, isto com relação à periodização portuguesa (1993:XLVIII).

brasileira, é preciso assinalar que a análise das fontes primárias será orientada pelo pressuposto teórico-metodológico que assim pode ser formulado:

... os historiadores dependem, nas suas investigações, não apenas das questões formuladas dentro de certas matrizes teóricas, mas também dos materiais históricos com que podem contar. Não fazemos bons trabalhos na área sem respeitar a empiria contra a qual lutamos; e todos já nos deparamos com a dificuldade de recolher fontes impressas e arquivísticas, geralmente lacunares, parcelares e residuais. Apesar dessas dificuldades, é justamente no manuseio crítico das fontes que o pedagogo ganha a distância necessária para olhar de uma nova maneira a pedagogia, tornando-se pela sua prática e pelo seu projeto, um historiador (Carvalho, Nunes, 1993:36).

Foi efetuado um recenseamento sistemático do conjunto da publicação *A Eschola Publica*, analisando-se suporte material e custo da publicação; periodicidade, preço de venda, formas de veiculação e tiragem de exemplares; composição do conselho editorial e grupo de colaboradores; editoriais; frequência de assuntos e autores; e, sobretudo, natureza das orientações didático-metodológicas, pertinentes às questões do ensino e conteúdo das matérias do currículo da escola primária, na intenção de possibilitar ao leitor o contato mais próximo possível com o que foi a publicação e com o que ela representou para o período e sua contribuição para o campo educacional.

A pesquisa pretende, portanto, trazer a publicação pedagógica republicana *A Eschola Publica* para o campo dos debates e questões atuais, mediante sobretudo estudo da visão político-ideológica de seu conselho editorial, colaboradores e das orientações de natureza didático-metodológica.

A explicação, discussão e avaliação dos resultados foram efetuadas mediante o estabelecimento da inter-relação dos diferentes aspectos da revista, comparando-os entre si e interpretando-os à luz da bibliografia especializada.



Assim sendo, a presente dissertação apresenta-se estruturada em 5 (cinco) capítulos. Os capítulos iniciais, de 1 ao 3, vão tratar especificamente da estrutura e organização da revista no seu período de circulação. A cada período de foi dedicado um capítulo específico, por considerar-se necessário efetuar um recenseamento da publicação dentro do seu momento de veiculação, no qual foram considerados todos os aspectos possíveis para reconstituir a revista e constituí-la em fonte documental. Portanto, esses capítulos apresentam um detalhamento com relação à fonte documental selecionada, que trata desde a sua apresentação gráfica aos seus aspectos internos, como artigos e autores juntamente com temas desenvolvidos pelo conselho editorial. Considerou-se de extrema importância elaborar uma grade, que se repete nos três capítulos iniciais, para possibilitar uma visão mais abrangente da publicação. Essa grade interpretativa foi elaborada com base nas informações que as fontes documentais ofereciam.

A revista foi identificada individualmente em cada fase de edição e sobre esta foram feitos os apontamentos descritivo-analíticos possibilitados até este momento do trabalho.

Organizado por edições, segue-se uma organização secundária, interna à primeira, que categoriza as fases da publicação em grades de análise, o que possibilita, num primeiro momento, verificar as mudanças de uma fase para outra e, posteriormente, a elaboração da análise destas mudanças de modo didático.

Ao final de cada apontamento descritivo-analítico segue a síntese pessoal, na qual esboço os primeiros passos da análise acerca da revista.



Finalizando a parte que trata sobre a revista propriamente dita, procedo então a um esboço de análise acerca da internalidade da publicação, objetivando contrapor os seus três momentos de publicação/edição.

As intenções derivadas dos temas que emergem da publicação encerram esse momento analítico sobre a revista.

Os capítulos 4 e 5 são dedicados aos estudos dos aspectos que foram considerados de maior relevância na revista. Fazendo-se valer da referência de LE GOFF (1992:540), citada como epígrafe deste trabalho, estes capítulos constituíram-se em um “esforço constante de fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens...”.

A organização, dos temas da revista, por parte dos editores, teve a possível intenção de constituir *A Eschola Publica* como um manual didático para a formação dos professores para o novo sistema de governo que ora se instaurava e para o qual ainda não havia uma sistematização em termos educacionais, além da formação possibilitada pela Escola Normal. Os textos da revista destacam-se no que diz respeito à questão relativa aos métodos de ensino, sobre os quais identifica-se uma série de debates, que dizem respeito desde ao método mais adequado para ensinar a ler e escrever os cidadãos da República, até ao melhor modo de aplicá-lo.

À guisa de conclusão elaborou-se uma síntese interpretativa das fases de publicação da revista, no intuito de sistematizar as informações levantadas por este trabalho e possibilitar, ainda, o vislumbre de outras temáticas, que por uma série de outras questões, não foram abordadas neste trabalho.

Os estudos com periódicos têm conquistado espaço e disseminado seus esforços de pesquisa com vigor pela área de História da Educação, consolidando, assim, um eixo temático que já consta de algumas pós-graduações no Estado de São Paulo. A necessidade e importância desses estudos centram-se, basicamente, na possibilidade de reaver, por intermédio de fontes primárias e da constituição do seu “ciclo de vida”⁶, num período, os valores morais, culturais, políticos e sociais, presentes em uma sociedade, e a importância ou não da disseminação desses valores para se atingir objetivos específicos.

A opção por essa publicação, de certa forma justificada na apresentação deste trabalho, carece a meu ver ainda de mais algumas considerações acerca de seu conteúdo, parte do qual pretendo apresentar, demonstrando assim a eleição dessa revista como fonte documental de primeira ordem para estudos históricos em educação.

A impressão que tive ao desenvolver o trabalho de leitura e organização da fonte é que estava tomando contato com o que conhecemos hoje como “manuais de ensino”, tamanha é a simplicidade tipográfica, o que não implica dizer que a publicação não se faz abrangente dentro da sua proposta e seu conteúdo.

A análise da publicação será pautada, além do referencial teórico que segue, na idéia expressa por LE GOFF na qual:

a leitura dos documentos não serviria, pois para nada se fosse feita com idéias preconcebidas (...) a sua única habilidade (do historiador) consiste em tirar dos documentos tudo o que eles contêm e não acrescentar o que eles não

⁶ Esta expressão foi utilizada inicialmente nos trabalhos da professora Denice Barbara Catani, mas também aparece na publicação que é objeto deste estudo – *A Eschola Publica*.

contêm. O melhor historiador é aquele que se mantém o mais próximo possível dos textos (1992:536).

Ou, ainda, a questão das fontes documentais que deve ser levada em consideração pois:

o documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que em silêncio. O documento é uma marca que fica, que dura, é o testemunho. O ensinamento (para evocar etimologia) que ele traz deve ser em 1º lugar analisado desmistificando-lhe o seu significado aparente (LE GOFF, 1992:548).



CAPÍTULO I

1 A *ESCHOLA PUBLICA* DE 1893 (1ª FASE): UM MOMENTO DE ATENDER AS NECESSIDADES EDUCACIONAIS DA REPÚBLICA

1.1 HISTÓRICO DA PUBLICAÇÃO

Em julho de 1893 teve início o ciclo de vida da primeira publicação periódica educacional do Estado de São Paulo, no período republicano⁷ — a revista *A Eschola Publica*.

SILVEIRA assim descreve o aparecimento de *A Eschola Publica*,

fez-se, desde logo, sentir a falta de uma revista escolar que servisse de orientadora ao professorado paulista. Mestres novos, métodos recentemente introduzidos, processos ainda não muito vulgarizados determinaram a iniciativa de um grupo de professores da Capital, daí o aparecimento de *A Eschola Publica*, primeira publicação periódica, no nosso Estado (1929:323).

Editada a partir dessa data e perdurando até junho de 1894, *A Eschola Publica* somou um total de 11 números, distribuídos mensalmente, contando com, em média, de 08 a 10 páginas por número. A revista não contava com recursos gráficos, com exceção de alguns quadros para ilustrar os ‘artigos’

⁷ Encontramos essa classificação em SILVEIRA, Carlos. Apontamentos para uma história do ensino público em São Paulo. In: **Revista Educação**, 1929.

referentes às metodologias de matemática. *A Eschola Publica*, nesta primeira fase, foi editada pela Typographia Hennies e Winiger, em São Paulo, apresentando uma tiragem de 1.000 exemplares. Nesse período foram publicados 11 números. A periodicidade da revista era mensal e os números eram adquiridos por meio de assinaturas a um custo de 500rs (quinhentos réis) o número. Não há, na publicação indicações de outras fontes de recursos para a manutenção da revista além da arrecadação com as assinaturas, chamadas pelos editores de 'importes'. CATANI (1989), citando João Lourenço Rodrigues⁸, aponta que a manutenção dessa publicação se deu às custas do editores, concluindo que 'muito provavelmente daí é que surgiram as dificuldades enfrentadas pelo periódico cuja existência foi interrompida em 1894'.

A revista possui formato tablóide⁹, com aproximadamente 35x22cm, apresentando seus textos em duas colunas. Durante a primeira fase de edição, esteve sob a direção dos professores normalistas Oscar Thompson, Benedito Maria Tolosa, Joaquim de Sant'Anna e Antonio Rodrigues Alves Pereira, que estiveram diretamente envolvidos com a organização da instrução pública e simultaneamente exerciam atividades docentes na Escola Normal da Capital. Esses professores foram responsáveis por imprimir a marca da transformação, que segundo eles caracterizava o período inicial da República.

ANTUNHA (1976) caracterizou o período de 1889 a 1920 como uma etapa decisiva na vida econômica, social e política do Estado de São Paulo,

⁸ CATANI, D. B. 1989:30.

⁹ O tablóide diz respeito a publicações cujo formato assemelha-se à metade do formato habitual dos jornais, conhecido como *standard*.



devido às mudanças rápidas e à posição de liderança alcançada por São Paulo no conjunto da federação republicana, graças à expansão da cultura cafeeira. Em função desse desenvolvimento e do grande fluxo migratório que se instalou nessa região, fez-se necessária a implantação de um sistema de ensino que atendesse às necessidades do Estado em formação devido ao aumento populacional.

Em São Paulo, no início do período republicano, considerado como “período áureo da instrução paulista” (ANTUNHA, 1976), foram inúmeras as iniciativas e realizações no âmbito educacional, as quais serviriam de referência para as posteriores reformas educacionais realizadas durante a Primeira República. Nesse período, marcado pela presença dos ideais republicanos em educação, o Estado incentivou primordialmente a organização do ensino primário e deixou o ensino secundário a cargo da iniciativa privada. Assim, por exemplo, na reforma da instrução pública de 1892, promulgada por Bernardino de Campos, era visível o interesse pela organização do ensino primário com duração de oito anos, embora as autoridades estaduais não pretendessem aumentar as despesas com o ensino.

No contexto das iniciativas e realizações, características da primeira década republicana, foi efetuada a reforma da Escola Normal da Capital, idealizada como centro de estudos pedagógicos e irradiadora de experiências e orientações significativas e produtivas para o magistério primário paulista e até mesmo para outros Estados da Federação. E, no transcorrer da década de 1890, consolida-se o prestígio e autoridade intelectual da “primeira geração de normalistas republicanos” (MONARCHA, 1997), composta dentre outros por:

Oscar Thompson, Joaquim de Sant'Anna, Benedito Maria Tolosa, Ramon Roca, José Feliciano de Oliveira e João Lourenço Rodrigues, e também diretamente envolvidos com a criação e difusão da revista *A Eschola Publica*.

Autor de um estudo relevante para a compreensão das iniciativas e realizações educacionais relativas ao período de 1890-1897 – reformas Caetano de Campos e Gabriel Prestes –, no qual está inserida a publicação pedagógica periódica, REIS FILHO (1981) afirma que nesse período realizou-se o mais intenso esforço de racionalização político-administrativa no governo de São Paulo, com prioridade para a organização da instrução pública. REIS FILHO contribui significativamente para a compreensão das ações diretamente relacionadas em prol da instrução pública, destacando a dimensão renovadora de tais ações nos primeiros anos do novo regime.

Para a implementação dessa iniciativa destacam-se os reformadores educacionais do início da República. Caetano de Campos e Gabriel Prestes, dentre outros, vão demonstrar concretamente a função que a escola deveria exercer nesse período que se instaurava, de forma organizada e sistematizada, sendo a reforma paulista do ensino em 1892, precedida pela reforma da Escola Normal em 1890¹⁰, o primeiro projeto de execução, organização e sistematização do ensino primário.

¹⁰ Para Caetano de Campos a implementação da Escola Normal e a Escola Modelo eram fundamentais para que os professores então formados pudessem desempenhar de modo pleno sua atividade em prol da instrução pública como pode-se perceber em sua fala: “*A chave de toda evolução do ensino escolar, como concebe o decreto de 12 de março [de 1890], repousa sobre a pratica que devem ter os alumnos mestres na escola-modelo, mais do que sobre a ampliação do curso superior com a criação de novas cadeiras. Toda a erudição que elles puderem colher no curso superior da Escola, de nada lhes valerá se não forem á escola das crianças aprender como ellas são manejadas e instruidas. É ahi que se revelará aos olhos dos futuros professores o mundo, novo para elles, de ensino intuitivo*” (apud RODRIGUES, 1930:200).

Os periódicos da época saudavam as iniciativas com chamadas de destaque como foi o caso do jornal *O Estado de S. Paulo*, que, em janeiro de 1890, sob a direção de Rangel Pestana, já destacava a importância da instrução para o período. Segundo seu diretor:

há uma outra refôrma importante e urgente que deve ser feita neste período de transformação – a da instrucção publica (...) impossível no dominio dos partidos monarchicos, porque cada um delles queria ter o ensino nas mãos, como arma eleitoral, preferindo contar os votos dos professores a dar boa instrucção ao povo, (...) com o desaparecimento dos velhos partidos é preciso coincidir a refôrma da instrucção publica (...) a reforma do ensino no Estado não deve ter nenhum fim eleitoral. A não ser assim, ficará muito abaixo do nível do nosso desenvolvimento material (...) A Republica é uma organização do Patriotismo (apud Rodrigues, 1930:182).

São Paulo merece destaque nesse contexto, não apenas por ser o Estado que produz e divulga a revista *A Eschola Publica*, mas também por ter influência modelar na concepção e organização de um sistema de ensino voltado para as necessidades do sistema político, fazendo desse modelo uma espécie de cartilha sobre como se organizar a instrução pública no período, organizando inclusive missões de professores paulistas para divulgar esse conhecimento sistematizado pelo interior do Estado¹¹. E é no período de 1890 a 1896, período no qual o ciclo de vida de *A Eschola Publica* se desenvolve, que se constata ‘o mais intenso esforço de racionalização político-administrativa no governo de São

¹¹ Em estudo realizado com a Revista do Brasil, publicado em 1999, a historiadora Tania Regina de Luca, destaca em diversos momentos do seu texto a importância capital da cidade de São Paulo, no contexto cultural, político e econômico do início do século, configurando, segundo a própria autora “uma estrela solitária”, pois “graças aos paulistas, era possível propor uma leitura redentora do passado, transformando no momento privilegiado de alargamento das fronteiras; do presente, pois a região constituía-se encorajador exemplo de prosperidade econômica; e do futuro, que passava a ser encarado com confiança. O Estado e sua dinâmica capital, tornavam-se então o modelo, grande farol que derramava sua possante luz sobre todo o país” (DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n) ação* (1999:298).

Paulo. Como parte deste processo organizou-se o ensino público paulista (REIS FILHO, 1981).

RODRIGUES ilustra este fato afirmando que,

quando as outras unidades da Federação no intuito de reformar os seus velhos moldes didacticos, appellaram para São Paulo, solicitando o concurso de seus professores, ellas affirmaram por este facto o primado da terra dos bandeirantes em matéria de organização didactica, reconheceram os progressos methodologicos que della fizeram um paradigma. Nada menos que dez Estados dão testemunho disso: Santa Catharina, Parana, Matto Grosso, Goyaz, Espirito Santo, Sergipe, Pernambuco, Piauhy, Ceará e o próprio Districto Federal (1930:428).

NAGLE (1974) identifica que o ciclo de vida dessa revista insere-se num período de efervescência das idéias educacionais no estado de São Paulo, fato que torna propícia a criação de publicações periódicas. Houve, portanto, um interesse crescente, nesse momento, em se veicularem idéias educacionais, por meio dessas publicações educacionais, periodicamente, o que atenderia a uma demanda maior de leitores, possibilitando a veiculação de saberes selecionados por um grupo de profissionais da educação.

Portadores de conhecimentos sobre as novas técnicas de ensino e novos ideais para a instrução pública, os “alunos-mestres” como eram chamados no período em que cursavam a Escola Normal, tinham, de acordo com discurso republicano da época, a função de educar para o progresso e para a consolidação do regime republicano que ora se instaurava¹² e acabavam por redigir a maioria dos artigos e das matérias que circulavam nos periódicos durante esse período.

¹² Ver sobre: MONARCHA (1999), GONDRA (1996), CARVALHO (1994).

A revista não se coloca na posição de órgão de defesa dos professores, pois como fazem questão de firmar:

não recebemos delegação alguma do professorado. Nosso alvo é o interesse infantil e para a consecução de nossas idéas apellamos para quem de mais perto compete velar pelas crianças – os professores e os paes (*EP*, n. 01, 1893).

Muito embora esse fato não seja confirmado no decorrer da publicação, pois os redatores por meio do Editorial dão voz a seus anseios e às suas críticas e colocam-se na posição de sugerir e cobrar atitudes, que segundo eles, sejam as melhores para o encaminhamento das questões de ensino.

Os editores de *A Eschola Publica* eram todos formados pela Escola Normal da capital, sendo que Oscar Thompson, Benedito Tolosa e Antonio Rodrigues Alves Pereira se formaram na mesma turma, em 1891. À época da publicação da revista, Oscar Thompson estava à frente da diretoria da Escola Modelo, Joaquim de Sant'Anna, Bendito Tolosa e Antonio Rodrigues Alves Pereira eram professores na Escola do Carmo¹³. A experiência desses professores com questões voltadas para a instrução pública motivou-os a organizar a revista, que segundo eles, vinha atender uma necessidade palpitante no meio educacional (*EP*. n. 1, editorial, 1893). Ambos ocuparam, ou vieram a ocupar, cargos e funções na hierarquia da instrução pública paulista, como a Direção da escola modelo, Inspeção da Instrução Pública, Direção da Escola Normal. Dentre esses destaca-se a figura de Oscar Thompson, que teve n'*A Eschola Publica*, seu empreendimento inicial no que diz respeito à veiculação de seus conhecimentos e

¹³ CATANI, D. B. 1989:30.



valores sobre a instrução, sendo posteriormente, em 1901, diretor da Escola Normal, Diretor Geral da Instrução Pública e responsável pela continuidade da publicação da *Revista de Ensino* em 1902¹⁴.

Para CATANI,

a atuação de todos[referimo-nos aos editores de *A Eschola Publica*] eles iriam estender-se, posteriormente, à organização e manutenção de outros periódicos de educação. Inequivocamente este grupo via-se em posição privilegiada dada sua inserção nas melhores escolas e a possibilidade de fazer chegar sua voz aos centros de decisão – daí o modo como empenharam-se em atender às necessidades do professorado. Necessidades estas concebidas, por eles, como a de tomar contato com novos modos de ensinar (1989:30).

Essa questão encontra-se diretamente relacionada com a organização e difusão de novos métodos de ensino, objetivo expresso nos editoriais de *A Eschola Publica*, os quais descrevem a necessidade de se inovarem os procedimentos educacionais utilizados para o ensino, e essa inovação dever-se-ia dar no âmbito da formação de professores, à época, realizada essencialmente pela Escola Normal. E ainda, de acordo com Caetano de Campos (apud RODRIGUES), seria da escola, do ensino primário e dos métodos bem entendidos e bem praticados que poderia sair o cérebro adaptado à conquista da verdade¹⁵.

Com base nos estudos que enfocam a imprensa periódica educacional¹⁶, ou fazem uso dessas fontes para desenvolverem outras problemáticas e aspectos da cultura educacional, observou-se que as publicações periódicas seguem um padrão de formatação e de conteúdos. As seções, quando

¹⁴ Cf. **Poliantéia Comemorativa do Centenário da Escola Normal**. p. 101.

¹⁵ RODRIGUES, João Lourenço. **Um retrospecto**: alguns subsídios para a história pragmática do ensino em São Paulo (1930:197).

¹⁶ Tem-se em DE LUCA (1999), CATANI (1989), NERY (1993), CORDEIRO (1999), exemplos de trabalhos de pesquisa que envolve estudos de periódicos.

aparecem, estão estruturadas de modo semelhantes, assim como o desenvolvimento dos temas. Esse modelo de publicação tem sua inspiração na publicação francesa *Revue Pedagogique*, que, ao que tudo indica, inspirou diversos modelos de publicações periódicas no mundo¹⁷.

VIDAL & CAMARGO apontam que,

em São Paulo o surgimento das revistas especializadas em educação ocorre no final do século XIX, por iniciativa de grupos de professores interessados em fazer circular informações sobre o trabalho pedagógico e o aperfeiçoamento das práticas docentes. Esses primeiros ensaios de criação de periódicos educacionais, no início do século XIX, coincidem com tentativas de organização da categoria do magistério, que naquele momento, buscava articular sua luta pela valorização da profissão, condições de trabalho, qualidade de ensino, reivindicações salariais e aperfeiçoamento do sistema (...) O estudo da imprensa pedagógica periódica, no caso paulista, evidencia que já em 1893 os professores criam uma revista para divulgar assuntos de seus interesses (1992:73).

O volume correspondente aos números da revista de 1893-1894, organizado pelos editores e utilizado como fonte e objeto deste estudo, reúne todos os referidos números em um exemplar encadernado feito ao final do seu período de veiculação, com vistas a facilitar a aquisição por parte daqueles que não puderam realizá-la com regularidade durante o primeiro ano de edição. O valor desse volume era de 7\$000 (sete mil réis), valor equivalente ao custo de 14 números da revista.

Com o fim de facilitar a aquisição de toda a collecção da Eschola, áquelles que desejem obte-las, vamos mandar encadernar alguns exemplares que

¹⁷ Essa informação foi fornecida pelo prof. Dr. Jaime Cordeiro, durante o exame de qualificação para a dissertação de mestrado, realizado em 18 de outubro de 2000. Segundo o professor Jaime, pesquisadores da Universidade de São Paulo, especificamente da Faculdade de Educação, juntamente com universidades conveniadas em Portugal, estão desenvolvendo um trabalho de seleção e mapeamento destas publicações, para, dentre outros objetivos, identificarem o modelo de revista pedagógica a ser seguido. Nestes projetos estão envolvidos diversos pesquisadores, dentre eles: Denice Barbara Catani (FEUSP), Jaime Francisco Parreira Cordeiro (UNESP/Araraquara), Antonio Novoa (Universidade de Lisboa).



estarão á disposição dos nossos collegas mediante razoavel retribuição (*EP*, n. 10, 1894:78).

A redação da revista estava localizava na região central de São Paulo, à Rua das Flores. Esse endereço foi alterado no decorrer da publicação.

Todos os números continham a seguinte epígrafe: “*Luz, luz, muita luz!*” (Dr. Caetano de Campos). Essa frase foi proferida por Caetano de Campos em discurso por ocasião da comemoração do primeiro aniversário da Escola Normal¹⁸ e faz referência à metáfora das luzes, sobre a qual o sistema republicano desenvolveu seu discurso de ‘espalhar as luzes da instrução’ tendo, como objetivo criar um sistema escolar, mais aberto que o vigente, que pudesse, em termos, ampliar os limites da cidadania, mas que mantivesse o controle do processo político por parte das elites dirigentes.

A periodicidade da revista, encontra-se assim organizada:

Quadro 1

Periodicidade de publicação da revista *A Eschola Publica* - 1ª fase 1893-94:

Publicação	Número	Mês/Ano de Publicação	Número de Páginas
A Eschola Publica	1	Julho/1893	8
A Eschola Publica	2	Agosto/1893	7
A Eschola Publica	3	Setembro/1893	8
A Eschola Publica	4	Outubro/1893	8
A Eschola Publica	5	Novembro/1893	8
A Eschola Publica	6	Janeiro/1894	7
A Eschola Publica	7	Fevereiro/1894	9
A Eschola Publica	8	Março/1894	8
A Eschola Publica	9	Abril/1894	9
A Eschola Publica	10	Maior/1894	8
A Eschola Publica	11	Ju nho/1894	8

¹⁸ RODRIGUES, João Lourenço. Op. Cit. 1930:283.



No período referente à primeira fase, não houve interrupções na circulação de *A Eschola Publica*. A revista só não foi editada em dezembro por conta do encerramento das atividades escolares e por conta também das festividades de fim de ano. Tem-se, ao final de cada número publicado, um espaço que se repete regularmente, direcionando as atenções dos leitores para o modo de entrar em contato com a revista.

Toda a correspondência deve ser dirigida a Benedicto Maria Tolosa, rua das Flores n. 44 - São Paulo. Rogamos às pessoas que receberem nossa folha, nol-a devolverem, caso não queiram ser consideradas assignantes. Não restituiremos originais que nos forem enviados (*EP*. n. 1, 1893:8).

1.2 ESTRUTURA DIDÁTICA DA PUBLICAÇÃO

A Eschola Publica apresenta-se, nessa fase inicial, estruturada com textos, cuja forma e espaço ocupados na revista já foram descritos anteriormente. Esses textos foram caracterizados de acordo com seu formato e abordagem, resultando na classificação de quatro seções da revista: *Editoriais*, *Artigos pedagógicos*, *Boletins* e *Expedientes*. Destas, apenas os boletins e os expedientes têm espaços definidos na revista, ocupando regularmente as páginas finais de todos os números.

Denominam-se *editoriais* os textos de caráter pessoal e introdutório apresentados, muito embora os editores afirmem não considerar esses textos como apresentação nem como editoriais propriamente ditos. Puderam ser identificados nesses editoriais abordagens políticas, culturais, sociais, por vezes

econômicas, no intuito de referendar a instrução (pública) como prática que permeava todas essas abordagens, sob a qual identifica-se também a voz dos editores, nem sempre em concordância com o regime republicano.

Os editoriais d'*A Eschola Publica* expressavam idéias e posições políticas dos editores, os quais reservam-se ao direito de tecer comentários sobre a estrutura político-administrativa do Estado de São Paulo, enfocando questões referentes à instrução pública.

Entre as milhares de dificuldades que surgem ao ensino nas nossas escholas primarias apresenta-se a da falta de livros elementares adequados ao grau do desenvolvimento das creanças. Essa falta torna-se mais sensível quando se a considera em relação aos meninos pertencentes às classes menos abastadas, os quaes não encontram os livros necessarios senão por preços relativamente exorbitantes para elles. Accresce a isto as faltas das livrarias que devido a causas diversas, deixam muitas vezes exgotar os livros que mais se prestam ao ensino donde resulta a difficuldade de uniformizar o estudo. Felizmente, porém, parece que em breve teremos esse inconveniente senão destruido, pelo menos grandemente modificado, graças as providencias tomadas pelo patriotico governo estadoal cuja sollicitude pela causa do ensino cada vez mais se accentúa, razão pela qual não lhe temos poupado applausos, principalmente quando consideramos que nesta terra a instrução principalmente a primaria, tem sido sempre olhada com tal ou qual desprezo que indigna os espiritos que vêm na instrucção popular o progresso e o adiantamento do paiz (*EP*. n. 10, Editorial, 1894).

No primeiro número, os editoriais apresentam uma reflexão a respeito dos ideais que norteiam a revista e o público para o qual pretendem trabalhar, embora isso não se confirme ao longo da publicação como demonstra o estudo que está sendo realizado.

Uma revista pedagogica é uma necessidade palpitante em nosso meio - dizem. Pois bem, nós vamos ensaiar uma revista que satisfaça essa necessidade. É pelas crianças que trabalhamos, por ellas toda a nossa actividade, por ellas todo o nosso esforço: nenhuma outra recompensa queremos, além dos sorrisos que essas almas delecadas nos dedicam cada vez que lhes proporcionamos um ensinamento facil e nutriende, capaz de ser assimilado pelo seu espirito. Não recebemos delegação alguma do professorado paulista para defender seus interesses: não somos portanto um orgam do professorado. Nosso alvo é o interesse infantil e para a consecução

de nossas idéas appellamos para quem de mais perto compete velar pelas crianças - os professores e os paes. Somos dos que pensam que todo professor publico bem intencionado, é um combatente aproveitavel para a causa que defendemos, quaesquer que sejam as suas habilitações. Por isso daremos publicidade em nossas columnas a pequenos trabalhos praticos de pedagogia que nos enviarem as escholas publicas, tanto da capital como do interior. Esses trabalhos poderão versar sobre animaes da nossa fauna e plantas de nossa flora, constando de pequenas descripções de seus costumes e applicações sob o ponto de vista da utilidade humana; bem assim noticias mineralogicas, climatologicas e geographicas especialmente (*EP* n. 1, Editorial, 1893).

Os editores justificam a necessidade da fundação da revista na seguinte passagem:

Fundamos uma revista e temiamos ella não encontrasse elementos de vida num meio tão esteril como o da nossa terra. Inteiramente enganados andámos nós: o sucesso obtido excedeu á nossa expectativa e reconhecemos que o professorado publico pôde e quer ter uma folha pedagogica, pela qual se possa conhecer em um momento dado o nosso adiantamento em materia de ensino. Nem foi só apoio material que nos veio: muitas felicitações, muitos termos de adhesão á nossa attitude, palavras de animação, tudo recebemos afim de que não deixassemos perecer uma folha pedagogica de nosso Estado (*EP*. n. 2, Editorial, 1893).

Os números da publicação eram editados mensalmente, mas a organização da revista seguia um critério semestral, segundo consta da própria publicação, e em função disso o sexto número aparece com um editorial com características de reappresentação da publicação, como pode-se perceber,

Reapparece hoje *A Eschola Publica*, iniciando com o número 06, o segundo semestre de seu 1º anno. Apesar das immensas difficuldades materiaes que arros ou, poude esta folha ser distribuida com toda a regularidade no principio de cada mez, provando assim a constancia com que se empenhára na propaganda do ensino. Fiel ao seu programma, jamais se embarçou com discussões estéreis de questões controversas, de pouca utilidade para o trabalho de educação de nosso estado, nem também se arvorou em censor destes ou daquelles individuos que por acaso feliz se a cham a testa dum movimento de que não têm grande consciencia. Bem recebida por todos os professores e professoras bem intencionados, foi mesmo para elles que escrevemos, porque elles entendem o que seja ensinar, e por isso mesmo pôdem conscientemente ser nossos juizes e avaliar qual o valor intrinseco de nosso trabalho (*EP*. n. 6, Editorial, 1894).

Finalizando o primeiro ano de edição da revista, tem-se uma espécie de carta de intenções e justificativas para as atividades não realizadas de acordo com a proposta inicial dos editores, devendo-se destacar o fato de que esse número apresenta-se tipograficamente diferenciado dos outros, no que diz respeito ao papel de sua edição e às fontes utilizadas para a impressão dos artigos. Nota-se maior cuidado e mais forma nestas fontes, fato este também identificado na revista de número 6. Isso pode estar relacionado ao fato desses números serem representativos de momentos semelhantes da publicação, a saber, encerramento de semestre e encerramento da edição da primeira fase.

Com o nº 11 completamos o 1º anno da nossa folha. Escrupulosamente procuramos desenvolver o programma que traçamos e a consciência nos tranquilisa a esse respeito, pois não houve difficuldades com que não arrostassemos. Bem sabiamos já de ante mão que tinhamos de nos avir com a descrença de muitos, com a má vontade de alguns. Uma e outra foram vencidas. A certeza disso temos no grande apoio que nos prestára a operosa classe do professorado paulista. Não poupámos despesas para levar a cabo a nossa empresa. Em compensação pore mo o Estado de São Paulo tão justamente orgulhoso em quasi todos os ramos da actividade humana possúe já uma revistaa pedagogica, embora modesta, mas utilissima aos que ensinam, para quem ella presta bem bons serviços. Terminando pois o nosso primeiro anno de publicação, agradecemos o apoio de nossos illustres collegas e sollicitamos para o segundo anno a começar no próximo número a honra de continuarmos a merecer os seus favores (*EP*. n. 11, Editorial, 1894).

Com base na leitura e estudo desses editoriais, foram identificados e agrupados em assuntos os temas destacados pelos editores nos textos:

Quadro 2

Temas presentes nos editoriais da revista *A Eschola Publica* de 1893-1894

Número da Revista	Temas Presentes nos Editoriais
n. 1	Necessidade didático-metodfológico da publicação.
n. 2	Importância da atitude editorial empreendida pelos autores e ratificada por outras personalidades do contexto educacional e político do período.
n. 3	Iniciativa particular no ensino, iniciativa pública em prol do ensino; ausência de organização escolar sob vários aspectos, ênfase: contribuição dos municípios para estender a rede pública de instrução.
n. 4	Iniciativas do governo em prol da instrução; utilidade da revista enquanto meio de contato com os novos métodos de ensino.
n. 5 (este é o mais extenso editorial de total a publicação)	Atuação do governo republicano com relação ao ensino; atuação dos inspetores de ensino; fiscalização; situação das escolas no interior; o governo republicano e sua atuação em prol do ensino.
n. 6	Breve restropectiva da atividade no ano anterior, a revista diz continuar 'fiel ao seu programa'.
Encerra-se o primeiro semestre de publicação da revista	
n. 7	Queixas sobre o modo como alguns assinantes se portavam com relação ao pagamento das assinaturas; Críticas.
n. 8	Organização escolar; escolas reunidas (grupos – os editores defendem esta idéia).
n. 9	Crítica ao sistema monárquico de instrução; Conselho Superior de Instrução; legislação de ensino.
n. 10	Falta de livros para as escolas preliminares e do interior; ação do governo estadual a respeito desta questão; distribuição de livros às escolas primárias; posição do professor quanto aos recursos didáticos inexistentes; leituras do professores; ausência de recursos didáticos.
n. 11	Agradecimento no apoio dos professores; idéia de continuar no próximo ano.

Os editoriais d'*A Eschola Publica* expressavam idéias e posições políticas dos editores, os quais reservavam-se o direito de tecer comentários sobre a estrutura político-administrativa do Estado de São Paulo, enfocando questões referentes à instrução pública. Essas questões enfocavam desde as metodologias de ensino adotadas pelos professores durante o período até a estrutura física necessária para comportar o aparelho escolar que a República pretendia instaurar.

É por meio desses editoriais que Oscar Thompson, Benedito Tolosa, Antonio R. Alves Pereira e Joaquim de Sant'Anna dão voz aos seus ideais e os propagam sob a forma de orientações didáticas impregnadas de cunho político, no intuito de referendar algumas práticas ainda desconhecidas no meio educacional.

A diversidade de temas observada no quadro 2 demonstra o quão engajados estavam os editores com o processo de instalação e consolidação do aparelho escolar, o que contribuiu para a criação de uma cultura escolar urbana, com práticas e costumes que seriam modelos para as práticas em outros Estados.

A revista apresenta, regularmente, após os textos que caracterizam os editoriais, textos com características didáticas e metodológicas, os quais optei por denominar de *artigos pedagógicos*¹⁹, visto que são modelos de aulas para as diversas matérias do ensino primário. Esse curso, com duração de quatro anos, compreendia as seguintes matérias: Leitura e dedução dos princípios da gramática; Escrita e Caligrafia; Cálculo Aritmético sobre números inteiros e frações; Geometria Prática (taximetria) com as noções necessárias para suas aplicações à medição de superfícies e volumes; Sistema métrico decimal; Desenho à mão livre; Moral Prática; Educação cívica; Noções de Geografia geral; Cosmografia; Geografia do Brasil; Noções de Física, Química e História Natural;

¹⁹ Em função da primeira fase da publicação da Eschola Publica não contar com uma organização previamente definida em termos de seções a pesquisadora organizou os textos de acordo com as características predominantes, resultando assim, na elaboração da seção "artigos pedagógicos". As referências às seções da revista estão grafadas em Itálico.

História do Brasil e Leitura sobre a vida dos grandes homens; Leitura de músicas e Canto; Exercícios ginásticos e militares, trabalhos manuais apropriados à idade e ao sexo²⁰.

Quadro 3

Frequência dos temas na revista *A Eschola Publica* nas edições 1893-1894.

Temas abordados na revista ²¹	Incidência	Número da Publicação
Botânica	8	1, 2, 3, 4, 5, 7, 10, 11
Lições de desenho	11	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
Zoologia	9	1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10
Arithmetica Elementar	11	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11
Physica	3	1, 3, 5
Chimica	2	1, 7
Linguagem	6	1, 2, 3, 5, 6, 7
Geographia	4	2, 3, 4, 5
Moral	1	2
Musica	1	2
Educação cívica	2	6, 7
Ensaio de História pátria	1	6
Leitura Intuitiva	5	7, 8, 9, 10, 11
Lições de cousas	6	6, 7, 8, 9, 10, 11
Curso Preliminar (programa)	6	6, 7, 8, 9, 10, 11
Hygiene Escholar	1	8
Poesia	1	3

Os temas apresentados no quadro acima são referentes aos títulos e abordagens organizados nesse estudo sob a categoria de Artigos Pedagógicos, como pode ser identificado nos quadros resultantes do recenseamento da publicação.

²⁰ Regime Interno das escolas públicas do Estado de São Paulo apud Reis Filho, *A educação e a ilusão liberal*, Casemiro, 1989:118.

²¹ Essas matérias são temas dos artigos pedagógicos identificados na revista. Deve-se ressaltar que apenas Botânica, Zoologia, Arithmetica, Physica, Chimica, Geographia, Linguagem, Moral e Música eram matérias escolares que constavam do programa de Ensino do Curso Preliminar, quanto aos outros temas observou-se que foram acrescido à publicação em função de necessidades da época.

Ainda no que diz respeito à autoria dos artigos pedagógicos, estas são creditadas a professores normalistas, grande parte formada na mesma turma dos editores. Deve-se levar em consideração ainda que a maioria dos artigos são de autoria dos próprios editores, o que indica um certo controle das idéias veiculadas pelo periódico. Observa-se a presença de mulheres autoras, embora com participação reduzida: Garibaldina Machado, Minervina Payão e Maria Ernestina Varella, professoras que em 1896 estariam à frente da direção do Jardim da Infância e da revista editada por este órgão, a *Revista do Jardim da Infância*.

A revista não apresentava, nessa fase de sua publicação, materiais iconográficos – mapas, fotos, gráficos, esquemas ou desenhos – que ilustrassem seus artigos, com exceção dos recursos utilizados para ilustrar as aulas de matemática, como palitos de fósforos e figuras geométricas.

Há ainda textos que são transcritos sem referências a seus autores, apenas as revistas das quais foram extraídos, como por exemplo, *A Revista da Instrução*, *Revue Pedagogique* e *Revista do Pará*, mas não são informados dados mais específicos sobre essas publicações, como data de edição e local. Esse aspecto reflete a circulação dos saberes pedagógicos²². Os editores de *A Eschola Publica* explicitam essa circulação de conhecimentos, ao citarem especificamente, na seção *Boletim*, o recebimento de obras e/ou revistas de outros Estados da Federação, no intuito de divulgar as iniciativas desenvolvidas em prol da instrução principalmente no Estado de São Paulo. Noticiam também os

²² Ver: CATANI, Denice Bárbara. **Ensaio sobre a produção e circulação dos saberes pedagógicos**, cap. 2:1994.



✓ agradecimentos de outros institutos de ensino, pelo recebimento de *A Eschola Publica*, o que indica um interesse por parte dos editores em romper as fronteiras das municipalidades e mais ainda dos Estados, pois acusam o recebimento da revista nos Estados do Rio de Janeiro e Santa Catarina; o número 09 acusa o recebimento da Revista do *Pedagogium*.

Apresenta-se também *A Eschola Publica* composta por duas outras seções: *Expediente e Boletins*. Na seção experiente os editores, freqüentemente, solicitavam aos assinantes que regularizassem seus débitos e atualizassem endereço de correspondência. Finalmente formulavam agradecimentos nominais para os assinantes que comunicassem alteração de endereço ou pagassem débitos, o que eles chamam de “pagamento dos importes”. Transcreve-se o expediente da revista *A Eschola Publica*, n. 7, de fevereiro de 1894,

Solicitamos dos nossos assignantes o pagamento de suas assignaturas correspondente ao 1º anno. Não temos agentes, por isso terão a fineza de nos enviarem pelo correio, o importe, do qual remeteremos logo o recibo. Rogamos aos nossos dignos assignantes professores a bondade de nos participar as remoções e as mudanças de logar que por ventura hajam feito, afim de que possam receber com toda a regularidade a nossa folha. A correspondência d'Eschola póde ser dirigida a Oscar Thompson, rua da Liberdade, nº 12, Benedito Maria Tolosa, rua General Osorio, nº 65, Joaquim de Sant'Anna, travessa da Sé, nº 03. A R. Alves Pereira, rua Cardoso Ferrão, nº 06 – Barra Funda. Rogamos a nossos assignantes o favor de reclamarem a remessa da (Eschola) quando por ventura haja extravio no correio, ou por qualquer outro motivo não a tenham recebido. Assim evita-se a allegação que nos fazem muitos, na ocasião de apresentarmo-lhes o recibo, de que só receberam os primeiros números e nada mais (*EP*. n. 7, 1894:56).

Portanto, como se pode demonstrar pela própria publicação, a seção *Expediente* funcionava como um espaço de contato com os leitores, sendo recorrente o apelo à regularidade de pagamento das assinaturas. O tom da redação

nessa seção apresenta-se bem diferenciado em relação ao editorial. Não foi identificada, nessa fase da publicação, nenhuma seção que possibilitasse aos leitores a manifestação de opiniões. Entretanto, na apresentação, os editores comunicavam a disposição para receber “pequenos trabalho practicos de pedagogia que nos enviarem as escholas publicas tanto da capital quanto do interior” (EP, n. 1, 1893:8). E especificavam previamente a temática a ser abordada nos trabalhos dos possíveis colaboradores,

esses trabalhos poderão versar sobre animaes da nossa fauna e plantas da nossa flora, constando de pequenas descrições de seus costumes e applicações sob o ponto de vista da utilidade humana; bem assim como noticias mineralogicas, climatologicas e geograficas especialmente (EP, n. 1, 1893).

Pode-se perceber que a participação dos leitores é orientada de acordo com os preceitos da revista.

Já a seção *Boletim* tinha caráter altamente informativo, noticiando fatos políticos, sociais e culturais que envolviam a instrução pública, contando com a opinião manifesta dos editores no tocante a esses fatos, como se pode ler na revista *A Eschola Publica*, n. 2:

A cidade de Itu acaba de dar um passo bastante seguro em materia de instrução publica. Sob direção do Professor Francisco Mariano da Costa, estão todas as escholas do sexo masculino daquela cidade funcionando em um só estabelecimento, convenientemente preparado para este fim. Congratulamo-nos com a municipalidade de Itu por tão acertada medida (EP, n. 2, 1893).

Ou, ainda,

Por decreto do mez passado, foi nomeado director da Eschola Normal o Sr. Gabriel Prestes. Si tivessesmos de produzir encomios ao illustre cidadão, diriamos apenas que, além de sua reconhecida capacidade, é um valente trabalhador (EP, n. 4, 1893).

Nessa seção, os editores reservam-se o direito de elogiar ou criticar de modo breve atitudes das municipalidades, do governo etc., pois essa seção não ocupava muito espaço na revista, mas destacava atitudes e posturas político-administrativas dos responsáveis pela administração da cidade de São Paulo e da federação, no que diz respeito à instrução pública:

Nos, os professores publicos, sentimo-nos jubilosos, por vêrmos a testa do Governo deste Estado, um homem que tanto interesse, tanto desvelo dispensa á infancia paulista. É digno dos maiores encomios o acto do Dr. Cesario Motta (*EP* n. 2, 1893:16).

Ou, ainda,

O commendador Francisco de Freitas Novaes offereceu ao Governo tres predios para nelles fncionarem as escholas publicas da villa de Pinheiros. A Camara Municipal de Guaratingueta tambem offereceu terreno necessario a construcções escholares do mesmo municipio (*EP*, n. 5, 1893:40).

1.3 ESTRUTURA FORMAL DA PUBLICAÇÃO QUANTO AOS SEUS ARTIGOS E AUTORES

A característica notadamente marcante nessa fase da revista é a presença de modelos de aula para as matérias que integravam a grade curricular do ensino preliminar. Essa característica acrescida da forte postura política identificada nos textos dos editoriais imprimem à *A Eschola Publica* a importância de constituir-se em um veículo que consolida práticas pedagógicas e discursivas embasadas em ideais difundidos pelo editores, dentre os quais Oscar

Thompson, que contribui de modo intenso para a adoção do método intuitivo por parte do professores.

Identifica-se a partir desse momento a abordagem que parece nortear a elaboração e divulgação da revista. De acordo com o estudo realizado, essa abordagem diz respeito à constituição de uma cultura escolar que viesse organizar o sistema de ensino por meio da metodização do modo de ensinar, tendo como eixo norteador o controle dos procedimentos escolares, consolidando assim uma espécie de hegemonia de educadores paulistas e, ainda, a formulação a respeito do incentivo à formação continuada dos professores em exercício, que se daria paralelamente à Escola Normal. Isso, de certa forma, indica/representa uma certa crítica aos procedimentos adotados pela Escola Normal, cujo ensino era insuficiente para a formação do professor, mas necessária para este atuar no regime vigente.

Procedeu-se à sistematização dos “artigos pedagógicos” da edição de 1893/1894 em forma de quadros. Estes encontram-se organizados de forma análoga à de um índice para possibilitar a apreensão dos conteúdos da revista. Os textos da revista estão diretamente relacionados com os conteúdos escolares propostos pelo Regimento Interno das escolas públicas do Estado de São Paulo²³. Nota-se a presença freqüente de textos que tratam de aritmética elementar, ensino de moral, botânica, química, linguagem e lições de coisas.

²³ Ver a respeito: Reis Filho, Casemiro. **A educação e a ilusão liberal**, 1989:118.



Apresenta-se, o primeiro número, com 8 páginas cujos textos encontram-se na forma de artigos, lembretes, como se pode conferir no quadro abaixo:

Quadro 4

Artigos e autores de *A Eschola Publica* n. 01-1893

Nome do artigo	Nome do autor	N. de páginas
Editorial		1
Particularidades botânicas - a árvore barometro	Antonio Rodrigues Alves Pereira	1
Primeiras lições de desenho	Benedito Maria Tolosa I	2
A Zoologia em lições decousas - O Homem	Antonio Rodrigues Alves Pereira	3
Arithmetica Elementar	Oscar Thompson I	5
Um pouco de physica	Garibaldina P. Machado	6
Os tres estados physicos dos corpos	Joaquim Sant' Anna	6
A physica e a chimica nas escolas primárias	Theophilo de Melo	7
Um pouco de linguagem	Benedito Maria Tolosa	8
Boletim (sobre a demissão de Miss Marcia P. Browne) Eschola Modelo Dr. Caetano de Campos Ramon Roca		8

Todos os números subseqüentes seguem essa mesma estrutura de apresentação, não havendo seções previamente definidas, com uma tiragem de 1.000 exemplares por edição. Nessa fase, os textos assumem características de artigos pedagógicos.

A Eschola Publica de número 01 apresenta um texto extenso com características de editorial, justificando a necessidade de tal iniciativa, e colocando-se à disposição daqueles que, como os editores, estariam dispostos a lutar pelas causas da instrução pública.

Uma revista pedagogica é uma necessidade palpitante em nosso meio - dizem. Pois bem, nós vamos ensaiar uma revista que satisfaça essa necessidade. É pelas crianças que trabalhamos, por ellas toda a nossa actividade, por ellas todo os nossos esforços: nenhuma outra recompensa queremos, além dos sorrisos que essas almas delecadas nos dedicam cada vez que lhes proporcionamos um ensinamento facil e nutriente, capaz de ser assimilado pelo seu espirito. Não recebemos delegação alguma do professorado paulista para defender seus interesses: não somos portanto um orgam do professorado. Nosso alvo é o interesse infantil e para a consecução de nossas idéas appellamos para quem de mais perto compete velar pelas crianças - os professores e os paes (*EP*. n. 1, Editorial, 1893).

A responsabilidade, portanto, do sucesso da instrução pública para as crianças fica relegada aos pais e professores, segundo consta nesse editorial.

Identifica-se nesse primeiro número a predominância de artigos que versam sobre ciências biológicas e naturais (*botanica, phisica e chimica*). Quanto aos autores, apenas Theophilo de Mello e Garibaldina Machado não são membros do corpo editorial.

O segundo número da revista data de 1º de agosto de 1893, mantendo a mesma tiragem e as características básicas do primeiro número.

Quadro 5

Autores e artigos de *A Eschola Publica* n. 02-1893

Nome do artigo	Autor	N. de páginas
Editorial		9
Texto de saudação pelo publicação	Arthur Raggio Nóbrega	9
Algumas lições de Botanica - A Flor	Antonio Rodrigues Alves Pereira	10
Geographia	Garibaldina P. Machado	10
Arithmetica Elementar	Oscar Thompson	11
Um pouco de cores	Minervina Payão	12
Primeiras lições de desenho	Benedito Maria Tolosa	12
A zoologia em lições de desenho Animaes Domesticos O cão	Antonio Rodrigues Alves Pereira	14

O ensino moral - As crinaças de sete e de nove anos.	Joaquim de Sant'Anna	14
A primavera	Honorato Faustino	15
Um pouco de linguagem	Benedito Maria Tolosa II	15
Taboada	Oscar Thompson	16
Escholas (Informes) Arithmetica Elementar A Eschola Publica		16

Há, com base nesses textos, um compromisso implícito da revista em difundir a pedagogia, que ora se instaurava junto com o regime republicano.

Os *artigos pedagógicos* apresentam-se seqüenciados, ou seja, observou-se uma ordenação por assunto de acordo com a matéria abordada na revista. Assim sendo, os artigos que estão descritos sob o título de *Arithmetica elementar*, de Oscar Thompson, são freqüentes em quase todos os números da revista, dando uma idéia de continuidade da proposta inicial da revista que era de auxiliar os professores no que diz respeito ao seu fazer docente.

Em nossa folha daremos modelos de lições apropriadas a cada grao do curso preliminar; transcreveremos, adaptando ao nosso meio entretanto, tudo o que de util encontramos nas nações estrangeiras aproveitaremos todas as informações que nos ministrarem as escholas públicas da capital e do interior (EP. n. 1, editorial, 1893:01).

A Eschola Publica de número 3 data de setembro de 1893, e apresenta algumas matérias diferentes do número anterior, valorizando os conteúdos de botância e zoologia:

Quadro 06

Autores e artigos de *A Eschola Publica* n. 03-1893

Nome do artigo	Autor	N. de páginas
Editorial		17
A zoologia em lições “dd” ²⁴ cousas - O gato	Antonio Rodrigues Alves Pereira	17
Um pouco de linguagem	Benedito Maria Tolosa III	17
Particularidades botânicas	Carta de Arnaldo de Oliveira Barreto	18
Volta ao meu lar (poesia)	Honorato Fautino	20
Taboada	Oscar Thompson II	20
Phisica	Joaquim Sant’ Anna	21
Primeiras lições sobre desenho	Benedito Maria Tolosa III	21
Geografia	Garibaldina P. Machado II	22
Algumas lições botanicas - Folhas	Antonio Rodrigues Alves Pereira	22
Trabalho Escolar (informes)		22
Boletim (inclui agradecimentos)		22
“Os autores” ²⁵		

O número 4, publicado em 1 de outubro de 1893, apresenta-se mais diversificado quanto às matérias selecionadas. Acredita-se que essa diversidade não ocorra na maior parte das vezes pelo espaço que de a revista dispõe para editar mensalmente os seus números, visto que os próprios editores alertam que, em função dos poucos recursos, não foi possível aumentar o número de páginas da revista, mas demonstram que estão bem informados acerca das políticas educacionais do período, almejando até mesmo veiculá-las, sob a forma de orientação para os professores, na revista, o que não acontece, pelo menos nesse número, em função do reduzido número de páginas,

É então que a nossa folha poderá prestar um valioso auxílio a todos os professores bem intencionados, pois que nos é fácil, a nós, reunir informações e mesmo instruções sobre a execução dos programmas do curso preliminar, que se acham em elaboração. Mas, para que não prejudicássemos

²⁴ Na revista apresenta-se escrito dessa forma.

²⁵ Constitui-se de um pequeno espaço reservado para o nome dos responsáveis pela revista, sem apresentação prévia, onde se encontram também os endereços para contato.

a parte didáctica de nossa folha, desejavamos aumentar-lhe o número de paginas para accudir esse accrescimento de materia. Por isso resolvemos a effectuar desde já a cobrança das assignaturas no interior, afim de conhecermos os recursos que dispomos (*EP*, n. 4, Editorial, 1893).

Quadro 07

Autores e artigos de *A Eschola Publica* n. 04-1893

Nome do artigo	Autor	N. de páginas
Editorial		23
Nota de 2 anos de falecimento do Dr. Caetano de Campos		23
Algumas lições de botanica - O caule	Antonio Rodrigues Alves Pereira	25
Trabalho Escholar (informes sobre a Eschola Modelo)		26
A zoologia em lições de cousas - O cavalo	Antonio Rodrigues Alves Pereira	29
Musica (informe)		29
Primeiras lições de desenho	Benedito Maria Tolosa	30
Arithmetica Elementar	Oscar Thompson III	31
Geografia	Maria E. Varella	32
Boletim		31
"Os autores"		31

O número 5 é editado em 1 de novembro de 1893 e mantém, ainda, as características de conteúdos iniciais da revista.

Quadro 08

Artigos e Autores de *A Eschola Publica* n. 05-1893

Nome do artigo	Autor	N. de páginas
Editorial		33-34
Um pouco de linguagem	Benedito Maria Tolosa IV	35
A zoologia em lição de cousa - O boi	Antonio Rodrigues Alves Pereira	36
Arithmetica Elementar	Oscar Thompson IV	36
Geografia	Garibaldina Machado IV	37
Physica	J. de Sant'Anna	38
Trabalho Material - Exercícios com pauzinhos para ensinar números	Oscar Thompson ²⁶	38

²⁶ O nome de Oscar Thompson está grafado de maneira diferente dos outros autores, em letras maiores, mais espaçadas.

Primeiras lições de desenho	Benedito Maria Tolosa VI	39
Algumas lições de botânica - Raiz - Fruto	Antonio Rodrigues Alves Pereira	39
Boletim		40
"Editorial"		40

Esse número conta com um editorial extenso, diferente dos números anteriores e pode-se dizer que é o mais contundente, em termos de crítica, observado durante essa primeira fase da revista. Cabe destacar alguns pontos desse editorial que dizem respeito aos diversos aspectos que foram alvo das críticas dos editores, mas principalmente a nomeação dos inspetores escolares, que iniciam o seu trabalho nesse período e com isso emitem relatórios e pareceres a respeito das condições da instrução pública observada no Estado:

Condição da escola:

Segundo o que temos ouvido a várias pessoas vindas do interior do Estado a passeio nesta capital, é tristíssima a situação das nossas escolas no interior. Ora é a queixa contra a incuria com que são cumpridos deveres por parte de alguns colegas; ora o pouco caso com que os paes tratam os mestres; ora a falta de casas e para o funcionamento das escolas e muitas outras circunstancias desfavoraveis aos interesses vitais da educação publica (*EP*, n. 5, Editorial, 1893).

Sobre os inspetores de ensino.

Não é nenhuma novidade o que dizemos, os inspectores não devem ficar surprehendidos com que vão vêr no desempenho de suas funcções. Elles vêm desse meio mesmo, elles participaram dessa moleza enervadora, em que o organismo amollecido, as forças como que narcotizadas, almejam frouxamente, repousar num *dulce far niente* desesperador, que leva o desanimo àquelles mesmos luctores audazes, incansaveis, endurecidos nas santas peijas pelo ensino. Hoje porém, o ponto de vista é outro. Uma coisa é ser delle expectador... Agora os novos funcionarios vão talvez achar tudo ruim, tudo mau, tudo desleixo, tudo atrazo, tudo miseria... Eis ahi os espinhos de sua missão e todos o seu perigo referencia (*EP*, n. 5, Editorial, 1893).

Sobre a função dos inspetores de ensino.



Aproveitar o pouco que se encontrar esparso aqui a alli, e desse pouco ensinar a tirar todo o proveito possível, porque o governo não poderá de prompto acudir com o material escolar para todas as partes do Estado; dar aos professores todos os esclarecimentos precisos sobre as leis e regulamentos, mostrando-lhes os desvios voluntarios ou casuaes a que tenham incorrido; indicar-lhes livros onde facilmente possam adquirir idéas sobre as novas materiaes accrescidas nos novos programmas; providenciar sobre tudo quanto possa chamar o professor á animação, e aos paes á comprehensão de seus deveres para com a escola e o mestre; tal será o papel dos inspectores ao iniciarem os seus trabalhos. É mister construir, construir sempre, estando o seu principal merito em levantar das ruinas os novos edificios que hão de abrigar as crianças desejosas de luz referencia (*EP*, n. 5, Editorial, 1893).

Ou, ainda,

Assim, com character apostólico os novos funcionarios poderão elevar o nível moral da nossa classe, e mostrar a sociedade que há nella lampejos vivissimos de brio e patriotismo. Associar, pois, governo, povo e professores na grande obra da solidificação da Republica pela educação popular – tal é o grande serviço que os inspectores de districto poderão prestar a nosso Estado, si souberem usar com prudencia da autoridade com que a lei os investiu. Que consigam esse desideratum é o nosso mais ardente desejo (*EP*, n. 5, Editorial, 1893).

Sobre a situação educacional do país.

Não tratem agora de recriminações mutuas ou não, porque em nosso paiz ninguém é culpado do atrazo intellectual em que nos achamos, e muito menos os professores publicos. Governo, povo e mestres – a nação – em uma palavra, é a única criminosa. Num paiz em que todos são **remissos(??)**, a quem accusar? Aos governos? Elles respondem invariavelmente que não têm pessoal apto e capaz de comprehender suas altas idéas. Aos professores? – Elles objectam mui razoavelmente que os governos os têm abandonado, não lhes fornecendo o mister para as escolas, e que os paes mal conseguem vêr seus filhos lerem e contarem um pouco retiram-n-os da aula. Ao povo? – Esse queixa-se do governo monarchico que tinha interesse em conserval-o na ignorancia, e dos professores que se não interessavam pelo ensino de seus filhos, etc, etc. E nós nos queixamos de todos – dos governos, do povo, de nós mesmos professores – porque agora é que começamos a vêr um pouco claro... Uma nova phase, porém, bruxolea-se para nossas escolas. O governo republicano quer educar o povo, o povo quer fortalecer a Republica educando-se, e os professores influenciados dessa corrente de vitalidade querem trabalhar (*EP*, n. 5, Editorial, 1893).

Nesse momento, os editores representavam a voz do povo conclamando aos inspetores de ensino para que desempenhassem do melhor modo

possível a sua função para que, em consonância com os anseios do regime republicano, a instrução pública em São Paulo atingisse/alcançasse “*esse desideratum [que] é o nosso mais ardente desejo*” (EP, nº 5, 1893).

Não houve publicação da revista em dezembro. Assim sendo o número 06 data de 12 de janeiro de 1894 e apresenta características diferenciadas do número inicial, que serão permanentes até o final dessa fase, em junho de 1894.

O leitor conta, a partir deste número, com artigos mais diversos, ainda que privilegiando a grade curricular do ensino preliminar, mas com textos que constarão de todos os números subseqüentes sobre o Curso Preliminar, explicitando partes do programa, para que os futuros professores tivessem conhecimento do que se tratava nesse curso.

A Eschola Publica inicia o segundo semestre de sua publicação com o seguinte editorial:

Apezar das immensas difficuldades materiaes que arrosou, pôde esta folha ser distribuida com toda a regularidade no principio de cada mez, provando assim a constancia com que se empenhára na propaganda do ensino. Fiel ao seu programma, jamais se embaraçou com discussões estéreis de questões controversas, de pouca utilidade para o trabalho de educação de nosso estado, nem também se arvorou em censor destes ou daquelles individuos que por acaso feliz se a cham a testa dum movimento de que não têm grande consciencia. Bem recebida por todos os professores e professoras bem intencionados, foi mesmo para elles que escrevemos, porque elles entendem o que seja ensinar, e por isso mesmo pôdem conscientemente ser nossos juizes e avaliar qual o valor intrinseco de nosso trabalho. Outros não houve, bem poucos felizmente, que não comprehenderam os nossos intuitos... Para que fallar, si já temos connosco a maior part pensante de nossos collegas? Iniciamos o 2º semestre com a mesma fé que nos animou no 1º. Temos confiança no trabalho perseverante de poucos, e é essa confiança que nos diz mais ou menos o futuro do trabalho escholar entre nós (EP. n. 06, Editorial, 1894:41).

Quadro 09

Autores e Artigos de *A Eschola Publica* n. 06-1894

Nome do artigo	Autor	N. de páginas
Editorial		41
Primeiras lições de desenho	Benedito Maria Tolosa	41
Educação cívica I	Sem autor	42
Arithmetica Elementar	Oscar Thompson	43
Receita util		43
Tinta para quadro negro		44
Um pouco de linguagem	Benedito Maria Tolosa VI	44
Linguagem em lições de cousas I	Sem autor	45
Curso Preliminar (programa)		46
Ensaio de Historia Patria		47
Boletim		47
Expediente		47

Os editores acrescentam que a primeira página dessa edição era confeccionada com impressão de luxo, da qual constavam os aforismos de Pestalozzi e tinha a forma de quadro, que, de acordo com sugestão dos editores, deveria ser “pregado na parede de cada eschola ou de cada gabinete de trabalho do professor” (*EP*, n. 6, 1894).

A autoria dos artigos, nesse número, fica restrita aos editores da revista.

A Eschola Publica de número 7 data de fevereiro de 1894, e introduz textos de química e leitura intuitiva, até então não identificados nos números anteriores:

Quadro 10

Autores e Artigos de *A Eschola Publica* n. 07-1894

Nome do artigo	Autor	N. de páginas
Editorial		49
Educação cívica		49
Chimica - Água	Joaquim de Sant'Anna	50

Algumas lições de botânica	Antonio Rodrigues Alves Pereira	51
Leitura intuitiva	Antonio Rodrigues Alves Pereira	52
Zoologia - vozes de diferentes animaes	Joaquim de Sant'Anna	53
Um pouco de linguagem	Benedito Maria Tolosa VII	54
Linguagem em lições de cousas II	Sem autor	55
Curso Preliminar - Programa		55
Boletim		56
"Editorial"		56

Os textos sobre leitura intuitiva continuam a constar dos números seguintes; quanto aos textos sobre química não são mais identificados nessa fase da revista. A partir desse número todos os artigos pedagógicos eram de autoria dos editores. O editorial desse número toma ares de protesto no que se refere a comentários que surgiram contra a revista, inclusive quanto à devolução de alguns números enviados aos assinantes:

Não obrigamos ninguém a ser assignantes de nossa folha. Imprimol-a e distribuimol-a á quasi totalidade do professorado apellando para o seus valioso concurso moral e material, afim de que o Estado de São Paulo, actividade humana, não ficasse na rectaguarda no que diz respeito á instrucção publica e possuisse uma folha pedagogica. E a parte sã dessa corporação nos respondeu com um Bravo! Temos esse orgulho (*EP*, n. 5, Editorial, 1893).

Ou, ainda,

Mas o que queremos tornar bem patente é que começamos a publicação de nossa folha em julho de 93, e tomámos assignantes por um anno. Em o cabeçário de nossa folha lê-se "onze números por anno", portanto só com o número onze, é que finaliza-se o primeiro anno de assignatura, tanto para os que pagarem como para os que não pagarem, por isso que tivemos a cautela de pedir a todos aquelles que não quizessem assignar a nossa folha, nol-a devolvessem. Esse pedido, repetimol-a até o número 3, cousa que nenhum jornal faz senão em seu primeiro número. Em vista disso é uma falta de seriedade ludibriar com os nossos esforços e só agora com o sexto número se lembrarem de dizer que não querem ser assignantes. Quando nos congregamos para publicar um ensaio de revista de pedagogia pratica, tomamos entre nós o compromisso de publicar onze números que prometemos fosse qual fosse o apoio que recebessemos, muito embora tivessesmos de sustental-a a nossa custa (*EP*, n. 5, Editorial, 1893).

Pelo que se pode apreender desse editorial, estaria havendo problemas com os assinantes da revista, especificamente relativos ao pagamento das assinaturas, e essa observação fica esclarecida na reafirmação, por parte dos editores, do seu compromisso com a publicação da revista até o número final proposto inicialmente, ressaltando a utilidade dessa revista para os professores, mesmo que estes não correspondessem com o apoio moral e material esperado.

O número 8 foi publicado em 1 de março de 1894, e, com esse número, nota-se um retorno à configuração inicial dos textos da revista, tratando essencialmente de aritmética, zoologia, leitura, física e lições de coisas. Um dos motivos que ocasionaram a diminuição na participação de outros autores foram as divergências ocorridas no campo profissional, já que nesse número, a revista não conta com artigos de autores que não sejam os próprios membros do conselho editorial.

No editorial desse número inicia-se o debate sobre a reunião das escolas ou o que na visão dos editores significa:

aggregar várias cadeiras debaixo de um mesmo teto, sem outras vantagens senão a de alongar mais o caminho a muitas crianças, conservar a cada professor as mesmas dificuldades de sempre, onerando sobretudo os cofres publicos com maiores despesas (*EP*, n. 8, Editorial, 1894).

Essa prática é questionada quanto à sua aplicação ao trabalho dos professores, que, conforme acreditam os editores, não terão grandes vantagens, enumerando as dificuldades:

seria mister obter uma casa com tantas entradas quantas cadeiras se reunissem a fim de evitar-se a confusão da entrada de meninos sujeitos a disciplinas diversas" (*EP*, n. 8, Editorial, 1894).

Embora co editores se apresentem, inicialmente, contrários à idéia das escolas reunidas, o editorial apresenta algumas vantagens em se implementar essa reunião das escolas,

Uma das principaes vantagens da reunião das escolas em um edificio é a divisão do trabalho, tão proficuamente praticada na Eschola Modelo. Além disso a troca diaria de idéas entre os mestres é a melhor eschola de pedagogia que se pode dar-lhes, pois, serão diariamente discutidos e mais ou menos resolvidos todos os problemas da educação. Uma única serie de materiaes é bastante para uso geral do edificio. Ainda mais: cada professor tomando conta de um anno de estudos, póde o ensino no estabelecimento a plano geral preconcebido pelo ??? commum dos professores ou do respectivo director. Quizeramos produzir muitas outras considerações a respeito, mas limitamo-nos apenas a dar um brado de alarma, aguardando os acontecimentos (*EP*, n. 8, Editorial, 1894).

Quadro 11

Autores e Artigos de *A Eschola Publica* n. 08-1894

Nome do artigo	Autor	N. de páginas
Editorial		57
Hygiene Escholar		57
Curso Preliminar - Programa		58
Primeiras lições de desenho	Benedito Maria Tolosa VII	60
Classificação dos animaes	<i>Antonio Rodrigues Alves Pereira</i>	61
Arithmetica Elementar	Oscar Thompson	62
Leitura intuitiva	<i>Antonio Rodrigues Alves Pereira</i>	63
Expediente		63

O número 9 data de 1 de abril de 1894, seguindo o modelo do número anterior de *A Eschola Publica* que segue seu processo de veiculação. Os editores ressaltam, na seção *Boletim*, que receberam a *Revista Pedagógica* publicada pelo *Pedagogium* da capital Federal, à época sediada no Rio de Janeiro, que se encontrava sob a direção do Dr. Menezes Vieira, tecendo elogios à revista, caracterizando-a como um “trabalho excelente” e salientando a importância em se

ler tal veículo informativo.²⁷ O editorial desse número faz menção ao anterior, no que diz respeito à criação das escolas reunidas, apontando que,

Uma sabia disposição da lei nº 88, sobre instrução publica, determinou que as escolas que contassem numero de alumnos superior a 30, seriam regidas por um professor e um adjunto. Em um dos nossos artigos atrazados sobre as vantagens das escolas reunidas, salientámos as difficuldades que encontra o ensino nas classes numerosas das escolas de um só mestre, por isso não necessitamos insistir sobre ellas e nos limitamos a notar que dissemos que parte dessas difficuldades seriam removidas nas escolas que tivessem adjuntos. Entretanto a disposição da lei, que acima nos referimos, não é ainda realidade nas nossas escolas, apesar de haver sido reclamada por diversos professores e este facto muito prejudica o ensino, quando o intuito do legislador, decutando similhante medida, foi exactamente tornal-o mais proficuo e proveitoso (*EP*, n. 9, Editoria, 1894).

Quadro 12

Autores e artigos de *A Eschola Publica* n. 9-1894

Nome do artigo	Autor	N. de páginas
Editorial		64
Primeiras lições de desenho	Benedito Maria Tolosa	65
Arithmetica Elementar	Oscar Thompson	66
Physica - O ar	Joaquim de Sant'Anna	67
Classificação dos animaes	Antonio Rodrigues Alves Pereira	68
Leitura intuitiva	Antonio Rodrigues Alves Pereira II	69
Curso Preliminar - Programma		69
Linguagem em lição de cousas - Mimo ²⁸		70
Boletim		72
Festa Escholar		72
Expediente		72

O número 10 data de 1 de maio de 1894, e nele os textos sobre ciências naturais aparecem em maior número. Em parte justifica-se, na própria

²⁷ Cf. *Eschola Publica* n. 9, seção Boletim, p. 72.

²⁸ Neste sub-ítem aparece a seguinte dedicatória "Damos abaixo a delicada canção escholar offerecida á Eschola Modelo pelo intelligente cidadão Hyppolito da Silva. Mamã, Papá!"



opinião dos editores a respeito dos materiais disponíveis para o ensino dessas matérias:

Um rápido exame sobre nossas escholas demonstraria com facilidade a urgente força d vontade e dedicação que necessita o professor para presentemente obter qualquer resultado positivo, mas nos limitamos a breves considerações sobre algumas das mais importantes disciplinas. Começando pellas leitura onde o professor tem de acceitar os differentes methodos que cada menino traz, vê-se o mestre verdadeiramente embaraçado para harmonizal-os. Si quiser adoptar o método intuitivo então as difficuldades multiplicam-se porque não encontrará cartas em livros que a isso se prestem. Para o ensino de quadros negros, mappas, contadores e outros instrumentos. A geographia, sciencias phisicas, chimicas e naturaes torna-se quase impossível seu ensino pela falta de mappas, globos, muzeus, etc. (*EP*, n. 10, Editorial, 1894:93).

Quadro 13

Autores e Artigos de *A Eschola Publica* n. 10-1894

Nome do artigo	Autor	N. de páginas
Editorial		73
Caixas Escholares		73
Algumas lições de botanica	<i>Antonio Rodrigues Alves Pereira</i>	74
Arithmetica Elementar	Oscar Thompson	74
Classificação dos animaes	<i>Antonio Rodrigues Alves Pereira III</i>	75
Primeiras lições de desenho	Benedito Maria Tolosa IX	76
Leitura intuitiva	<i>Antonio Rodrigues Alves Pereira IV</i>	76
Physica - Calor	Joaquim de Sant' Anna	77
Curso Preliminar - Programma		78
Linguagem em lições de cousas IV		79
Boletim		79
Expediente		79

Identifica-se, com base nesse quadro da revista acima apresentado, a insatisfação por parte dos editores com o estado no qual se encontrava a instrução pública. Os editores pretendem, em relação a esse aparente descaso, lançar mão de uma publicação, no caso *A Eschola Publica*, que ocupe

esse vácuo deixado pelos métodos de ensino adotados até o momento pelas escolas paulistas.

Felizmente, porém, parece que em breve teremos esse inconveniente senão destruído, pelo menos grandemente modificado, graças as providências tomadas pelo patriótico governo estadual cuja sollicitude pela causa do ensino cada vez mais se accentúa, razão pela qual não lhe temos poupadado applausos, principalmente quando consideramos que nesta terra a instrução principalmente a primaria, tem sido sempre olhada com tal ou qual desprezo que indigna os espiritos que vêm na instrução popular o progresso e o adiantamento do paiz. Estas linhas são suggeridas pela agradável noticia de que brevemente serão distribuidos ás eschololas primarias do Estado diversos exemplares dos livros de leitura de Köpke, da Geographia de Tancredo do Amaral e outros materiaes para o ensino, e que o governo contractou o fornecimento de livros e materiaes educativos para as eschololas com a casa Ailland de Pariz. Uma vez as eschololas munidas de livros elementares em numero sufficiente para distribuir aos alumnos e dos apparatus mais necessarios ao ensino, mais suave ou antes menos dura se orna a tarefa do preceptor que trabalha deste modo com mais gosto, com mais sollicitude, porque antevê o coroamento de seus esforços, mais facilmente e com menos dispendio de forças intellectuais e materiaes (*EP*, n. 10, Editorial, 1894).

Com a publicação de artigos pedagogicos, os editores de *A Eschola Publica* entendiam que estavam auxiliando os professores na consecução de seus deveres didáticos, embora apontassem, também, os encaminhamentos propostos pelo governo do Estado para sanar os problemas por eles identificados.

Ainda bem pois, que os poderes competentes estão dipostos a melhorar a sorte da instrução primaria lançando suas vistas para estas cousas. E assim fazendo terá o Governo, terá o Povo, occasião de reconhecer o nosso patriotismo e termos nós ensejo de patentear as nossas habilitações a dedicação ao trabalho e á causa do ensino (*EP*, n. 11, Editorial, 1894:88).

O número 11 data de junho de 1894 e constitui-se no último número da publicação editado até o ano de 1895, quando surge o volume especial. Com esse número, portanto, *A Eschola Publica* encerra seu primeiro ano de publicação, com um êxito destacado pelos editores:

Bem sabíamos já de antemão que tínhamos de nos avir com a descrença de muitos, com a má vontade de alguns. Ma e outra foram vencidas. A certeza disso temos no grande apoio que nos prestará a operosa classe do professorado paulista. Não poupámos despesas para levar a cabo nossa empresa. Em compensação porem o Estado de São Paulo tão justamente orgulhoso em quais todos os ramos da actividade humana possui já uma revista pedagógica, embora modesta, ma utilissima aos que ensinam, para quem ella presta bem bons serviços (*EP*, n. 11, Editorial, 1894:88).

Os editores manifestam nesse número o desejo de continuar com a publicação no ano seguinte:

Terminado pois o nosso primeiro anno de publicação agradecemos o apoio de nossos ilustres collegas e sollicitamos para o segundo anno a começar no próximo número a honra de continuarmos a merecer os seus favores (*EP*, n. 11, Editorial, 1894:88).

Quadro 14

Autores e Artigos de *A Eschola Publica* n. 11-1894

Nome do artigo	Autor	N. de páginas
Editorial		81
Physica - A luz	Joaquim de Sant' Anna	81
Leitura intuitiva	Antonio Rodrigues Alves Pereira V	82
Algumas lições de botanica	Antonio Rodrigues Alves Pereira	83
Linguagem de lições de cousas IV		84
Arithmetica Elementar	Oscar Thompson	85
Primeira lições de desenho	Benedito Maria Tolosa X	85
Curso Preliminar - Programma		86
Boletim		86
Expediente		86

Esse número apresenta um padrão tipográfico diferenciado dos outros números, que se assemelha ao número 6. Isso representa um destaque quanto ao momento em que se encontrava a publicação, ou seja, os números 1, início da publicação, 6, reaparecimento após o término das atividades do primeiro semestre e o 11, finalização das atividades do primeiro ano, são marcos

representativos nessa fase da história da publicação. Cabe destacar que as discussões mais relevantes, em termos de políticas educacionais identificadas na revista, não fazem parte desses números.

Portanto, os editores de *A Eschola Publica* tinham a intenção de continuar editando a publicação. Há, na referida passagem, uma autoprocamação das realizações operadas pelo editores da revista, os quais se consagram como merecedores do mérito de terem levado a efeito um empreendimento do qual o Estado de São Paulo necessitava - UMA REVISTA PEDAGÓGICA.

Quadro15

Frequência dos Autores na Edição de *A Eschola Publica* de 1893/94

Autores	Número de ocorrências
Arnaldo de Oliveira Barreto	1
Romão Piuggari	1
Pedro Voss	1
Artur Raggio Nóbrega	1
Theophilo de Melo	2
Minervina Payão	2
Honorato Faustino	2
Maria Ernestina Varella	2
Garibaldina P. Machado	6
Joaquim Sant'anna	13
Oscar Thompson	14
Benedito Maria Tolosa	17
Antonio Alves Pereira	26

Identifica-se que a maior incidência de artigos publicados é de autoria dos editores da revista.

No que diz respeito aos autores de *A Eschola Publica*, observou-se a incidência maior de publicação de artigos dos membros do conselho editorial.

Outros professores que também apresentam sua contribuição à revista participarão mais ativamente do projeto editorial da edição de 1896, como é o caso de Arnaldo de Oliveira Barreto e Romão Puiggari.

1.4 CONSIDERAÇÕES

Em muitos momentos deste capítulo a análise encontra-se diluída nas informações que foram sendo sistematizadas ao longo do texto, mas ainda assim cabe explicitar alguns pontos que devem ser levados em consideração.

A Eschola Publica de 1893 apresenta seu conteúdo em consonância com o regime político, social e cultural do período. Seus textos, especialmente os editoriais, colocam no centro dos debates questões apontadas pelos editores, que até onde foi possível perceber, eram questões que nortearam os rumos da história da instrução pública em São Paulo, como por exemplo, a adoção de novos métodos para o ensino preliminar e a necessidade de um sistema educacional organizado tanto na estrutura administrativa quanto na física.

Tem-se a impressão, ainda por se confirmar ou não, de que as questões levantadas pelos autores como bandeiras de lutas que a revista vai endossar são as mesmas levantadas pelo sistema republicano, que ora se instaurava no país. Embora a publicação não se constituísse em um veículo oficial da imprensa periódica educacional, serviu a essa finalidade em alguns momentos.



No que diz respeito aos artigos, sua organização e autoria, pode-se perceber também que há uma regularidade na produção, como, por exemplo, os artigos que versavam sobre *Arithmetica* elementar, que foram todos de autoria de Oscar Thompson, que à época ocupava a cadeira de Didática na Escola Modelo, além de fazer parte do conselho editorial da publicação. Os demais artigos seqüenciados de outros autores, como Joaquim de Sant'Anna, expressam a idéia de que, mais do que uma revista informativa das questões de ensino, *A Eschola Publica* pretendia ser um guia para os professores atuantes.



CAPÍTULO II

2 A *ESCHOLA PUBLICA*: RUMO À ELABORAÇÃO DE UMA PEDAGOGIA PAULISTA?

2.1 HISTÓRICO DA PUBLICAÇÃO

Estariam os editores de *A Eschola Publica* em busca da elaboração de uma pedagogia paulista? Em que se constituiria essa “pedagogia paulista?”

Intitulada “Pedagogia Paulista – ensaio de pedagogia prática”, *A Eschola Publica* de 1895 foi organizada pelo mesmo grupo de editores da 1ª fase de 1893, a saber: Oscar Thompson, Benedito Maria Tolosa, Joaquim de Sant’Anna, Antonio Rodrigues Alves Pereira, tendo como característica básica a seleção dos artigos mais interessantes da edição publicada entre o período de 1893-1894.²⁹

Impressa em São Paulo na Typographia Paulista, que se localizava à Rua Libero Badaró, 71 e 73, região central da cidade, apresentando tamanho e formato de livro com aproximadamente 20x14cm e 358 páginas, *A*

²⁹ Essa denominação é apresentada por Silveira, Carlos. Op.cit. 1929:323. Muito embora Silveira não aprofunde a discussão sobre os critérios adotados para a seleção de tais artigos como sendo os mais interessantes, identifica-se que o critério, ou pelo menos um deles é a seleção dos artigos de autoria dos editores da revista.



Eschola Publica mantém, apesar da mudança nas formas, seu caráter eminentemente didático-metodológico.

De acordo com a revista, o governo providenciou a impressão de 1.500 exemplares desse volume especial para que fosse distribuído às escolas públicas da capital e do interior. *A Eschola Publica* conta neste volume com o Brasão da República em sua página de rosto, deixando clara a subvenção do governo para sua impressão e distribuição.

O término da edição de 1893 não é explicitado nesse volume que, procurando recuperar as características iniciais da publicação de 1893, retoma os valores anteriormente defendidos pelos editores da revista, apresentando um caráter saudosista, recuperando inclusive o editorial contido na revista *A Eschola Publica*, n. 1, mês de julho de 1893, para prefaciar essa edição.

Aos Senhores Professores

Resolvemos formar um livro com os artigos publicados n'*A Eschola Publica*, servindo-lhe de prefácio o editorial do primeiro dessa folha, cuja publicação começou em 1º de julho de 1893.

Havia, nesta iniciativa, a possível intenção de difundir os saberes consolidados pelo grupo de editores durante a 1ª fase da revista e mostrar que esses saberes continuavam a ocupar espaço no contexto educacional quando o assunto era metodização do ensino.

Retomando, portanto, à apresentação do primeiro número de *A Eschola Publica* de 1893, tem-se, que

Uma revista pedagógica é uma necessidade palpitante em nosso meio – dizem. Pois bem, nós vamos ensaiar uma revista que satisfaça essa necessidade. É pelas crianças que trabalhamos, por ellas toda a nossa

actividade, por ellas todos os nossos esforços: nenhuma outra recompensa queremos, além dos sorrisos que essas almas delecadas nos dedicam cada vez que lhes proporcionamos um ensinamento facil e nutrienste, capaz de ser assimilado pelo seu espirito. Não recebemos delegação alguma do professorado paulista para defender seus interesses: não somos, portanto um organo do professorado. Nosso alvo é o interesse infantil e para a consecução de nossa ideas apellamos para quem de mais perto compete vellar pelas crianças – os professores e os pais. Somos dos que pensam que todos o professor publico bem intencionado, é um combatente aproveitável para a causa que defendemos, quaisquer que sejam suas habilitações. Por isso daremos publicidade em nossas columnas a pequenos trabalhos praticos de pedagogia que nos enviarem as escholas publicas tanto da capital quanto do interior. Esses trabalhos poderão versar sobre animaes da nossa fauna e plantas da nossa flora, constando de pequenas descrições de seus costumes e applicações sob o ponto de vista da utilidade humana; bem assim noticias mineralogicas, climatologicas e geograficas especialmente. Não trazemos em nossas pennas os germens da discordia: Seremos parcos em elogios a quem quer que fôr, e bastante pródigos em conselhos onde quer que encontremos o erro. Affastaremos das nossas columnas, quanto pudermos, a censura apaixonada, que destróe damnosamente, e lança a confusão nos espiritos os mais lúcidos. Não promettemos artigos literarios, nem scientificos: escreveremos o que pudermos, do modo que soubermos, tendo sempre em vista o alvo que miramos velar pelas crianças proporcionando aos professores publicos suggestões relativas ao ensino, suggestões que a Eschola Normal não poude nem poderá dar-lhes tão cedo. Em nossa folha daremos modelos de lições apropriadas a cada gráo do curso preliminar: transcreveremos, adaptando ao nosso meio entretanto, tudo o que de util encontrarmos nas nações estrangeiras: aproveitaremos todas as informações que nos ministrarem as escholas publicas da capital e do interior. Não fazemos artigos de apresentação, justificando nosso aparecimento. Queremos trabalhar, entendemos que o nosso trabalho pode ser util ao ensino eis porque apparecemos. São Paulo. 1895. Oscar Thompsom. A R. Alves Pereira, Joaquim de Sant'Anna e Benedicto Maria Tolosa (*EP*, Apresentação, 1895, idem *EP*, n. 1, Editorial, 1893).

Com essa apresentação, *A Eschola Publica* reafirma seus valores enquanto publicação periódica supostamente voltada para as questões de ensino. Cabe ressaltar que a publicação é denominada pelos próprios editores como “livro”, o que possibilita inferir que havia uma preocupação premente em se elaborar um manual de ensino direcionado para professores, haja vista que o período se mostra propício a tal iniciativa, embora Nagle acrescente que, apesar de terem sido em grande número para o período, pouquíssimas foram as iniciativas editoriais que se consolidaram.

Tem-se em seguida o que, segundo os redatores, não configura uma apresentação, mas apenas uma introdução à publicação trata-se espécie de seção, intitulada “*A nossa folha*”, contendo textos em forma de cartas assinados por personalidades políticas do Estado de São Paulo no período: Dr. Cesário Motta, à época Secretário dos Negócios do Interior, Luiz Galvão de M. Lacerda, Arthur Raggio Nóbrega. Este último escreveu um texto inflamado saudando os editores pela iniciativa.

2.2 ESTRUTURA DIDÁTICA DA PUBLICAÇÃO

Por ser essa edição um volume com características diferenciadas, a organização da publicação segue uma estrutura simples. Inicialmente são transcritas as cartas recebidas dos representantes da instrução pública, “felicitando” e “parabenizando” os editores pela iniciativa de reeditar a revista sob a forma de volume especial e, posteriormente, tem-se a transcrição dos artigos tidos pelos próprios editores como mais interessantes.

Não foi possível identificar, nessa reedição da revista, possíveis causas para a ausência de publicação no período de agosto de 1894 até a data de edição desse volume.

É interessante observar que os artigos pedagógicos, que se apresentam seqüenciados na edição de 1893 e que foram selecionados para compor esse volume especial, aparecem transcritos na íntegra, constando apenas

de recursos gráficos de separação (asteriscos) para demonstrar que são textos diferenciados, embora pertençam à mesma temática.

Esse recurso evidencia, novamente, a configuração desse volume como um ensaio, fazendo-se valer do próprio subtítulo da publicação: “ensaio ou pedagogia prática”. Identifica-se o empenho desse grupo de editores, aliado possivelmente aos interesses do governo republicano paulista, em consolidar um campo das idéias pedagógicas, o que implicaria posteriormente fato da irradiação destes conhecimentos sistematizados para outros municípios e Estados da Federação, referendando a prática da instrução pública paulista como prática modelar.

2.3 ESTRUTURA FORMAL DA PUBLICAÇÃO QUANTO AOS ARTIGOS E AUTORES

A seguir demonstra-se como esse índice está estruturado, mantendo a forma como se apresenta na publicação. Nos casos em que a paginação for diferente da publicação, a da publicação aparecerá entre parênteses. Há algumas inserções de artigos que não constavam da edição de 1893, como é o caso das transcrições especificadas nas notas explicativas que seguem o índice sistemático.

No que se refere à autoria dos artigos pedagógicos, em função de serem reproduções dos números veiculados em 1893, não foram observadas



alterações. Identificam-se algumas inserções nesse volume como a transcrição de dois artigos, com as mesmas características de conteúdo dos outros, da *Revista da Instrução*, órgão da Arcadia Normalista, grêmio estudantil fundado em 1891 por Oscar Thompson e Benedito M. Tolosa; uma transcrição de curso para trabalhar com agulha (em nível médio e superior) da *Revista do Pará*, e a transcrição de modelos de cartas a serem redigidas para professores e alunos da Escola Modelo.

Há, ainda, uma transcrição artigo da *Revue Pedagogique*, sob o título de “*Uma nova instituição de ensino*”, na qual os editores se fazem valer do bom nome da revista para chamarem a atenção para uma descoberta no campo educacional.

Mr. G. Jost, *Revue Pedagogique* de Pariz, pede a atenção, dos leitores desse importantissimo periódico, para uma nova instituição que, na sua viagem pela a Allemanha, alli encontrou, e que o ilustre pedagogista faz votos de ver posta em pratica na França, como também nós, por motivos identicos, desejamos que se estabeleça no Brasil, caso seja mistér, como é provavel. Referimo-nos á escholas destinadas aos meninos de intelligencia refractaria (EP. 1895:252).

Confirma-se o fato da circulação dos saberes pedagógicos³⁰, pois, com base nessas informações, o grupo de editores estava se antecipando aos acontecimentos cotidianos e recebendo influências de autores estrangeiros para suas elaborações teóricas.

E, finalmente, a transcrição do “Programma das escholas preliminares”, que ocupa um espaço considerável dentro da publicação, sendo compilado de todos os números da edição de 1893-1894 e publicados em forma de

³⁰ Ver Catani, op. cit. 1994.



um só texto, dividido de acordo com as matérias do ensino preliminar, por série e ano.

Quadro 16

Índice sistemático de *A Eschola Publica* de 1895

Título do Artigo	Autor	Página
Aos Senhores professores		5
A nossa folha		8
Leitura intuitiva	A Pereira	15
Arithmetica Elementar	Oscar Thompson	27(29)
Um pouco de linguagem	Benedito Maria Tolosa	55
Physica	J. de Sant'Anna	73
A zoologia em lições de cousas	A Pereira	95
Taboada	Oscar Thompson	149(139)
Primeiras lições de desenho	Benedito Maria Tolosa	145
Chimica	J. de Sant'Anna	183
Geographia	Garibaldina P. Machado	215
Trabalho Material	Oscar Thompson	205
Cosmographia	Joaquim de Sant'Anna	207
Um pouco de physica	Garibaldina P. Machado	215
Geographia	Maria E. Varella	219
Biologia ³¹		223
Um pouco de cores	Minervina Payão	229
Trabalho de agulha ³²		231
Formulas de cartas ³³		237
Uma lição de Historia Pátria	A Pereira	241
Novo metodo de leitura	Romão Puiggari	245
Uma nova instituição de ensino		251
Educação cívica	S.A. ³⁴	263
Arithmetica Escolar ³⁵	Pedro Voss	271
Algumas lições de botanica	A Pereira	272(273)
Lições de cousas		307
Ensaio de Historia Patria		313
O que faz a aranha		315 (Extraído)
Zoologia(não consta do índice)	J. de Sant'Anna	(317)
Physica e Chimica nas escolas primarias ³⁶	Theophilo de Mello	319
Particularidades botanicas	S.A.	323

³¹ Transcrição da *Revista da Instrução*, órgão da Arcadia Normalista (1891).

³² Este artigo apresenta um curso elementar médio e superior para trabalhar com agulha, e foi retirado da *Revista do Pará*.

³³ Fórmula geral para a escrita de cartas a ser adotada por professores e alunos da Escola Modelo.

³⁴ S. A - sem autor

³⁵ O autor faz elogios ao compêndio organizado sob esse título por Ramon Roca. 27/10/1894.

³⁶ Extraído da *Revista da Instrução*.

A arvore barômetro	S.A.	328
Hygiene escolar	S.A.	331
Programma das escholas preliminares		335
Conclusão		357

A Eschola Publica de 1895 apresenta, à guisa de conclusão, uma breve reflexão, seguida da transcrição dos nove aforismos de Pestalozzi.

O presente livro encerra, como já dissemos as lições e os principaes artigos publicados n'A Eschola Publica. Tendo sido suspensa a publicação daquella folha e sido bem acolhida pelo professorado em geral, julgamos prestar mais um serviço á instrucção do Estado, publicando-a em livro especial. Encerramol-o com os aphorismos de Pestalozzi, os quaes constituem hoje a base de todo ensino intuitivo.

Aphorismos tirados de Pestalozzi

I - A actividade é uma lei da meninice. Acostumar os meninos a fazer: - educae a mão.

II - Cultivae as faculdades em sua ordem natural: formae primeiro o espirito para instruil-o depois.

III - Começa pelos sentidos e nunca ensineis a um menino o que elle puder descobrir por si.

IV - Reduzi cada assumpto a seus elementos. Uma difficuldade de cada vez é vastante para uma criança.

V - Avançaê passo a passo. Sêde completo. A medida de uma informação não é o que o professor pôde dar, mas sim o que a criança pôde receber.

V - Cada lição deve ter um fito, quer immediato, quer remoto.

VII - Desenvolvei a idéa: dae depois o termo. Cultivae a linguagem.

VIII - Procedei do conhecido para o desconhecido: do particular para o geral: do concreto para o abstrato: do mais simples para o mais complicado.

IX - Primeiro a synthese, depois a analyse. Não a ordem do assumpto, mas sim a ordem da natureza. (EP, 1895:358)

Tendo o método intuitivo como eixo condutor das práticas escolares, os editores de *A Eschola Publica* desenvolvem, direta e indiretamente,

uma crítica a todos aqueles que não têm, nesse método, a fundamentação para a prática da profissão. Essa crítica atinge também a Escola Normal - responsável pela formação dos professores.

2.4 CONSIDERAÇÕES

Pode-se perceber que esse volume é a própria revista reeditada sob outro padrão tipográfico, pois observa-se em todos os números uma certa continuidade dos assuntos e artigos. Não há, também, uma grande variedade de temas abordados, visto que as abordagens privilegiadas pelos editores são, na grande maioria, de autoria deles próprios e seqüenciadas (I, II, III, etc.).

Não se pode afirmar o que ocasionou a ausência de outros artigos de professores e pessoas ligadas à instrução: se o desinteresse desses em mandar artigos para a apreciação dos editores, ou se o crivo “rigoroso” dos editores. Estas e outras questões serão examinadas mais detalhadamente na análise que se pretende desenvolver com esta publicação. Trata-se de pensar nos critérios de seleção.

Percebeu-se que a intenção deste volume é demonstrar a inserção do grupo de editores no campo das idéias pedagógicas veiculadas, consolidando, como já foi apontado, uma autonomização no campo das idéias educacionais e propostas de ensino.



Percebe-se, também, que nesse momento não são apenas personalidades individuais que dão a tônica à revista e sim o grupo de editores, que manifesta sua preocupação com as questões relativas à instrução pública de modo mais abrangente.



CAPÍTULO III

3 A *ESCHOLA PUBLICA* DE 1896 (2ª FASE): REVISITANDO UMA PRÁTICA DE SUCESSOS?

3.1 HISTÓRICO DA PUBLICAÇÃO

Em março de 1896 tem-se a reedição de *A Eschola Publica*³⁷.

Diferente da fase anterior, conta com um aperfeiçoamento principalmente no que diz respeito às técnicas de composição. Os números editados em 1896 têm um outro padrão tipográfico, contendo gravuras e ilustrações, textos mais longos, seções previamente definidas e diversidade nos temas apresentados, embora mantenha sua característica original, passando a ser veiculado “trimensalmente”, datando o primeiro número de 15 de março desse corrente ano.

Também outra será a sua forma: publical-a-emos em livro pelo menos 64 de páginas, oitavo francez, trazendo a capa o summario da materia inserta (*EP* n. 1, 1896).

³⁷ A edição utilizada como fonte para esta pesquisa encontra-se compilada em dois volumes, que se referem: o primeiro à publicação de 1896 (denominada pelos editores como anno I) e o segundo à publicação de 1897 (anno II). O volume que corresponde ao anno I da revista, apresenta 430 páginas e contem do n. 1 ao 4 da publicação deste ano, o segundo volume que corresponde ao anno II da revista, apresenta 363 páginas que contem do n. 1 ao 4 da publicação deste respectivo ano.

A revista reinicia a numeração como se não houvesse sido editada anteriormente. Esse fato justifica, inicialmente, a identificação desse período como sendo representativo de uma segunda fase da publicação. Nesse momento, a redação situava-se à Travessa da Sé, n. 2, e a assinatura anual correspondia a 8\$000.

A revista reaparece em 1896 no bojo das discussões políticas e educacionais sobre melhoria de ensino, combate ao analfabetismo, dentre outras questões que se encontravam intimamente ligadas ao ideal republicano de, com base no progresso educacional, colocar o Brasil na linha dos países mais avançados.

A continuidade da publicação justifica-se no apoio dado pelo Governo do Estado de S. Paulo, que pode ser observado com o financiamento da edição do volume especial de 1895, e nessa fase da publicação concretiza-se com a doação de recursos financeiros para sua reedição. Justifica-se também na receptividade dos professores, que segundo consta dos textos da revista foi extremamente positiva, ultrapassando os limites das municipalidades, como se pode observar nas seções que relatam os cumprimentos de autoridades, leitores e representantes do poder público com relação ao empreendimento editorial e também as menções à publicação localizadas em outros periódicos como a *Revista Pedagógica*, editada pelo Pedagogium, no Rio de Janeiro³⁸, os Anuários de

³⁸ A Revista Pedagógica iniciou sua circulação em novembro de 1890, tendo a duração de seis anos, e esteve sob a direção do Dr. Joaquim José Menezes Vieira, que à época também era diretor do Museu Pedagogium. Gondra (1996) desenvolve estudos mais específicos a respeito desta publicação. Ver: Gondra, José Gonçalves. **A Pedagogia da república**: uma leitura do discurso oficial da Revista Pedagógica(1890/1896). dez. 1996. Mimeo.

Ensino, os jornais *Tribuna Popular* (1886-1980) e *O Diário* (1913-1917) editados sob a direção de Honorato Faustino, em Itapetininga, que também colabora com textos na primeira fase da revista³⁹ e em estudos sobre publicações periódicas educacionais, já citadas no texto.

O apoio do governo apresenta-se em prol de um “*desenvolvimento progressivo de nossa instrução publica*” (*EP*. n 1, 1896:2) para o quê a revista *A Eschola Publica* teria a função de divulgar o conhecimento sobre a instrução pública, técnicas de ensino e contribuição para a formação de professores em São Paulo, pretendendo mostrar-se com base em uma prática de sucessos, pretendendo modelar para a efetivação do desenvolvimento progressivo.

Identifica-se a menção à edição de 1893 apenas no tocante à originalidade do projeto editorial e às dificuldades de levá-lo adiante. Sobre o período no qual não há publicação (julho de 1894 a março de 1895 e desta data a fevereiro de 1896), silencia-se, ou seja, por 18 meses não foram encontradas referências nos textos da revista. Infere-se, a partir de leituras às entrelinhas dos editoriais, que a situação financeira da publicação não era satisfatória, haja vista a continuação da cobrança dos valores referentes aos importes (assinatura), como na primeira fase:

pedimos com insistencia a collaboração de todos os professores de todos os homens os homens de letras que se interessam pelo futuro das escholas primarias que é o futuro da Pátria (*EP*. n 1, 1896:2).

³⁹ Estas informações foram sistematizadas com base na comunicação oral do doutorando Fausto Antonio Ramalho Tavares (FEUSP) **Escolarização e imprensa cotidiana em Itapetininga – São Paulo**, apresentada no I Congresso Brasileiro de História da Educação, UFRJ, nov. 2000.

Diferente do primeiro momento do seu ciclo de vida (1893–1894), *A Eschola Publica* conta nessa 2ª fase, com um conselho editorial composto por 12 membros. Desses, seis membros eram fixos e seis colaboradores, sendo que estes se alternavam ao final de cada semestre. Os membros do conselho editorial desta fase eram todos formados pela Escola Normal em período diferenciado, mas estavam em busca de um mesmo ideal para a instrução pública. São eles⁴⁰.

René Barreto – diplomado na Escola Normal em 1895; foi professor da escola complementar, inspetor escolar e lente de pedagogia e psicologia na Escola Normal da Praça da República; autor do primeiro hino da Escola Normal, de livros didáticos e de livros de matemática para uso dos professores;

Pedro Voss – diplomado na Escola Normal em 1892, foi diretor do grupo escolar Prudente de Moraes, de 1896 a 1901, e posteriormente, ocupou o cargo de Diretor Geral da Instrução Publica;

Arnaldo Barreto – diplomou-se na Escola Normal em 1891 e é considerado discípulo direto de Caetano de Campos lecionou em escolas primárias e dirigiu uma das classes da Escola Modelo da rua do Carmo, em 1896; procedeu à reorganização do Grupo Escolar de Lorena/SP e iniciou a redação de livros e cadernos didáticos são um dos responsáveis pela edição da revista da Associação do Professorado Paulista em 1901;

⁴⁰ Os esboços apresentados a serem foram extraídos de: **Poliantéia Comemorativa do Centenário do Ensino Normal em São Paulo: 1846-1946**, s/d.



Ramon Roca – diplomou-se na Escola Normal em 1888, juntamente com Gabriel Prestes e Romão Puiggari, lecionou na cidade de Itatiba/SP até 1894, vindo depois para São Paulo, onde ocupou o cargo de diretor do primeiro Grupo Escolar do Braz e, posteriormente, foi nomeado inspetor escolar da capital;

Alfredo Bresser – diplomou-se na Escola Normal em 1890, foi professor e depois diretor da Segunda Escola Modelo; escreveu livros didáticos destinados ao ensino de leitura, desenho, trabalhos manuais e linguagem. Foi um dos fundadores da Associação Beneficente do Professorado Público de S. Paulo em 1902, permanecendo até 1916;

Benedito Tolosa –diplomou-se na escola Normal na mesma turma de Oscar Thompson, em 1891, ocupando o cargo de professor na Escola Modelo do Carmo;

Oscar Thompson – diplomou-se na Escola Normal, São Paulo em 1891 juntamente com Arnaldo Barreto, Benedito Maria Tolosa, Antonio Rodrigues Alves Pereira e outros; teve intensa participação no movimento educacional do período, em 1892 atuou como professor adjunto da eEscola Modelo da rua do Carmo; participou do conselho editorial d'*A Eschola Publica* na primeira fase; em 1901 foi nomeado diretor da Escola Normal de São Paulo, ocupou posteriormente a diretoria geral da Instrução Publica e foi responsável pela continuidade da publicação da *Revista de Ensino*.

Joaquim de Sant'Anna - professor da Escola Normal de São Paulo, formado com a turma de Oscar Thompson;



Romão Puiggari – considerado “o poeta”, dirigiu o primeiro Grupo Escolar do Brás.

Joaquim de Brito – diplomado pela Escola Normal em 1882; posteriormente à colaboração em *A Eschola Publica* assume o cargo de membro efetivo da diretoria da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo e redator efetivo da revista publicada por este órgão – *Revista de Ensino*.

Sobre João Borges e Aristides de Castro não foram encontradas informações.

Nota-se a ausência de Antonio Rodrigues Alves Pereira nessa fase. Esses membros e colaboradores iria se compor, a partir de 1902, o conselho editorial da *Revista de Ensino*⁴¹.

Com base neste breve esboço da trajetória profissional dos membros do conselho editorial da *Revista Eschola Publica*, observa-se que todos estavam engajados com produções no campo político educacional e no campo da literatura educacional desde a produção de livros didáticos para alunos, até a produção de manuais de ensino para professores.

A necessidade do aumento do número de colaboradores, que praticamente triplica nesse momento da publicação, justifica-se em função do grande dispêndio de tempo e responsabilidade necessários para tal empreendimento, mas também do número reduzido de profissionais que se dedicavam a tal fim:

⁴¹ Ver CATANI, D. B. Op. Cit. 1989.



Na sua primeira phase era redigida por um pequeno grupo de professores, os quaes não obstante a sua conhecida competencia e decidida dedicação a nobre causa do ensino, não conseguiram em virtude do incalculavel dispendio de tempo que demandam os trabalhos desta natureza, imprimir o desenvolvimento que elles mesmos, em outras circunstancias lhe poderiam ter dado (*EP*, n. 1, 1896:2).

Mantendo a natureza da publicação, originalmente didático-metodológica, *A Eschola Publica* envereda por caminhos mais ousados nessa fase, com a proposta de uma revista mais densa em conteúdo, no entanto, restringindo-se à abordagem das temáticas educacionais. Estão presentes na publicação, especificamente na apresentação, os objetivos propostos para esse momento e toda a inovação editorial sob a qual essa revista passou:

Além da parte pedagogica, puramente de methodologia pratica, conterà a revista gravuras, cantos escolares com a respectiva musica, literatura infantil, curiosidades scientificas, noticiario, critica bibliographica, encarada apenas pelo valor didatico, e finalmente um Phantheon Escholar, do qual apenas farão parte os retratos dos vultos mais eminentes do mundo pedagógico, que tenham se dedicado ao sacerdócio do ensino (*EP*, n. 1, 1896:2).

A revista apresenta, sob a forma de balanço, a distribuição de renda da publicação. Tem-se abaixo um quadro com características de balanço anual, dos créditos e débitos com a revista.

Quadro 17

Balanço de 1896, fechado a 25/01/97.

CRÉDITOS		
Importância da entrada dos fundadores a 50\$000	600\$000	
Importância das assignaturas recebidas	1:785\$500	
Importância de annuncios	114\$000	
Venda avulsa	18\$000	
Importância do subsidio	3:000\$000	
		5:517\$500
DÉBITOS		

Despesas com o primeiro numero, impressão,	831\$500	
Idem com o segundo numero	1:108\$000	
Idem com o terceiro numero	1:685\$000	
Idem com o quarto numero	1:878\$000	
Saldo	15\$000	
		5:517\$500

Fonte: *A Eschola Publica*, 1896, n. 01.

Com base nas informações fornecidas pelo balanço, tem-se a idéia do modo como eram empregados os recursos obtidos com as arrecadações das assinaturas da revista, seu principal meio de subsistência. O valor subsidiado pelo governo, que representava mais da metade dos valores arrecadados, contribuiu com um considerável aumento para a receita dos editores, possibilitando a edição da revista até o quarto número, que corresponde ao final do primeiro ano de edição, em 1896.

Os fundadores deveriam contribuir com uma importância, que não pode ser identificada individualmente na publicação; as assinaturas representavam uma soma considerável dos recursos para manutenção da revista, o que indica que havia uma circulação intensa, os anúncios, embora contribuíssem com valores menores em relação às outras fontes de recursos, representavam uma parcela maior de arrecadação comparadas às arrecadações com as vendas dos números avulsos.

Quanto às despesas com a publicação, identifica-se um aumento nos valores de um número para outro, associa-se esse aumento ao incremento à publicação, ao aumento no número de páginas, ao volume de matérias inseridas, aos recursos gráficos utilizados. O aumento com as despesas é elevado no terceiro número.

O terceiro número de nossa revista vem mostrar que ella procura sempre caminhar. Promettemos em nosso artigo (...) dar a edição com 64 páginas. Dobramos o número na presente e o augmentaremos ainda si a acceitação corresponder aos nossos esforços (...). Augmentamos a parte artistica já illustrando os artigos com grande número de gravuras, já publicando quatro páginas de impressão musical (*EP*. n 3, 1896, conclusão).

Segue-se abaixo a transcrição do que se optou denominar de “apresentação”, devido ao caráter explicativo-descritivo do texto. Presente na revista, essa apresentação retoma um pouco o trabalho anterior dos editores, mas não esclarece os motivos pelos quais a revista de 1893 deixou de ser editada, embora toque no aspecto financeiro. Essa edição apresenta uma preocupação em deixar claro o rumo da arrecadação das assinaturas, mostrando, por meio de quadros ilustrativos, a receita (créditos) incluindo doações do governo do Estado de São Paulo, e despesas (débitos) mantidos desde a confecção da revista até a sua distribuição.

O acolhimento benévolo que teve na sua primeira phase, não só pelos distinctos collegas, como pelo Governo, que mandou imprimir, em livro uma edição de 1500 exemplares, animou-nos a continuar a publicação de modo mais amplo como requer e exige o desenvolvimento progressivo de nossa instrução publica.(...) Eis o nosso programma: Para elle pedimos o auxilio de todos; e, si nosso pedido for acceito, como esperamos, *A Eschola Publica* indiscutivelmente virá a prestar um contingente valioso ao futuro ensino primario no Estado de São Paulo. *A Eschola Publica* não é uma empreza mercantil, e assim todos os lucros que por ventura venha a ter, serão empregados em melhoral-a, augmentando o número de páginas, ampliando a parte artistica, e tornando menos espaçada a sua publicação. Não queremos também só para nós a glória de ter prestado este serviço á causa da instrução; ao contrario, pedimos insistencia a collaboração de todos os professores, de todos os homens de letras que se interessam pelo futuro das escholas primarias que é o futuro da Patria. Muito compensados ficaremos, em si nosso apello fôr correspondido, em si conseguir se mais um factor de desenvolvimento sempre crescente da instrucção popular. Assinam esta apresentação: João Borges, René Barreto, Pedro Voss, Aristides de Castro, Joaquim de Brito, Arnaldo Barreto, Ramon Roca, Alfredo Bresser, Benedicto Tolosa, Oscar Thompson, Joaquim de Sant'Anna, Romão Puiggari (*EP*, n. 1, 1896:2).

Assim sendo, pode-se considerar que *A Eschola Publica* pretendia ser não apenas uma revista pedagógica paulista e sim a gênese de manual ensino que inicialmente orientasse e, posteriormente, delimitasse a prática do professorado público paulista e de outros Estados. Essa característica apresenta-se claramente delineada nas passagens em que os editores afirmam não ser a revista uma empresa mercantil, ou seja, com fins lucrativos, e na ênfase dada à contribuição da revista para a melhoria do ensino primário no Estado.

Embora *A Eschola Publica* faça menção à edição de 1893 no texto de apresentação do volume em análise, os editores reportam-se a esse momento da publicação como sendo o seu primeiro ano (anno I).

3.2 A ESTRUTURA DIDÁTICA DA PUBLICAÇÃO

A Eschola Publica de 1896-1897 apresentava-se organizada em seções, cujos temas previamente definidos pelo editores estavam agrupados de acordo com suas características temáticas.

A revista é composta por 10 seções, fixas em todos os números e outras 4 que se alternam a partir do número 2. Dentre essas seções, *Pedagogia Pratica* é a que ocupa maior espaço na publicação, atendendo, inicialmente à orientação didático-metodológica da revista.



Quadro 18

Quadro de seções de *A Eschola Publica* – 1896/97

Seção	Número em que aparecem na publicação	
	Ano I	Ano II
Phantheon escolar	1,2,3,4	1,2,3,4
Pedagogia pratica	1,2,3,4	1,2,3,4
Encarte – o uso de modelos	1,2,3,4	1,2,3,4
Collaboração	1,2,3,4	1,2,3,4
Literatura infantil	1,2,3,4	1,2,3,4
Bibliografia	1,2,3,4	1,2,3,4
Noticiários	1,2,3,4	1,2,3,4
Curiosidades	1,2,3,4	1,2,3,4
Transcrições	1,4	
Edifícios escolares	7	
Musicas	2,3	
Propagandas	1,2,3,4	1,2,3,4
Programa da escolas provisórias e preliminares	7	
Conclusão	1,2,3,4	1,2,3,4

Phantheon Escholar - É uma espécie de biografia resumida, escrita geralmente por um dos editores, das personalidades que, segundo eles, se dedicaram ao “sacerdócio do ensino”.

Quadro 19

Autores biografados em *A Eschola Publica* de 1896-1897

Personalidade educacional homenageada	Número da Publicação/ 1896	Número da Publicação/ 1897	Autor da biografia	N. de páginas
Caetano de Campos	1		Arnaldo de Oliveira Barreto	3
João Henrique Pestalozzi	2		Romão Puiggari	75
Abílio César Borges	3		Alfredo Bresser	167
Augusto Guilherme Frederico Fröebel	4		René Barreto	299
Antonio da Silva Jardim		1	Ramon Roca	3
Cesario Motta Junior		2	Arnaldo de Oliveira Barreto	130
Menezes Vieira		3	Arnaldo de Oliveira Barreto	192
A publicação de n. 4 não contou com nenhum homenageado em função de o “retrato” não ter ficado pronto a tempo da publicação				281

Os textos que compõem essa seção são elucidativos das características dos homenageados, recuperando parte da trajetória de sua vida no tocante às questões em prol da instrução. O número 1, por exemplo, apresenta Caetano de Campos, que tem seu posfácio escrito por Arnaldo Barreto, em um texto carregado de emoção e pesar pela perda do mestre, utilizando-se de uma série de metáforas para ilustrar a vida e morte deste que é considerado, pelo autor, um ícone da instrução pública em São Paulo.

Há homens, cujo desaparecer da scena da sociedade, assemelha-se ao Sol no crepusculo após si deixam rastros de luz. Caetano de Campos foi um deles (...) Foi quiça na carreira para a qual o impelliu a necessidade, que adquiriu essa grande compreensão do ensino, esse methodo soberbo, essa alta intuição pedagogica de que deu provas como professor e como reformador (...) Si bem que a reforma por si elaborada em 1890 não seja uma obra completa, todavia abriu novos horizontes e traçou uma nova róta a seguir na intrusão do povo (*EP*. n. 1, 1896:5).

Essas biografias são extensas do número 1 ao 5, ocupando mais de uma página da publicação e repletas de qualificativos positivos a respeito do biografado. A partir do número 6 elas tornam-se mais objetivas e menos enfáticas.

Pedagogia Prática - Apresenta uma série de artigos sobre os mais variados temas, concernentes à instrução e tem seqüência, como na primeira edição, em números diferentes. Essa pode ser considerada a seção essencial da publicação, haja vista que ela se destina à finalidade essencialmente didático-metodológica que a própria publicação alardeia ser a sua diretriz. Os artigos são escritos, na maioria das vezes, em forma de diálogo com o aluno [ou professor], exemplificando a importância do conteúdo. Escrito em primeira pessoa do

singular, reflete uma aparente conversa de alguém que tem algo de valioso a transmitir.

Lêr bem, lêr com naturalidade e expressão, é tão necessario, tão indispensável, que acredito não precisar insistir quanto ao muito cuidado que a leitura deve merecer aos professores (*EP*. n. 1, 1896:8).

Ou, ainda,

Tenho notado que nas nossas escholas publicas há um certo descuido no que diz respeito ao ensino dos rudimentos de Astronomia. Como se há de explicar isto? Pois, nessas mesmas escholas não se ensinam rudimenttos de Physica e Chimica, isto é, rudimentosa de sciencias naturaes? Como pois, abandonar-se a Astronomia, a mais perfeita dessas sciencias, não só pela perfeição do seu carater scientifico, como pela importancia preponderantes da leis que ella nos revela? Sera porque os seus phenomenos não caiam desde logo nas vistas das creanças e portanto, não haja grande necessidade de logo se ensinar os seus rudimentos, devendo-se deixar a sua aprendizagem para o curso secundario? (*EP*, n. 1, 1896:10)

No caso de Botânica tem-se,

O professor depois de chamar a atenção da classe encetará o seguinte diálogo:

- Achilles, Você conhece algum animal?
 - Sim Snr.
 - Quaes os animaes que V. conhece?
 - O cavallo, o burro, o boi.
 - Muito bem. E V. Pedro, não conhe e mais algum?
 - O carneiro.
 - Sim Snr. Agora diga-me uma coisa, Arnaldo, V. tambem é um animal?
 - Não Snr.
 - E, Alcides?
 - Não Snr.
 - Como? Então vocês são algumas plantas, algumas pedras?
- (*EP* n. 1, 1896:14)

Quadro 20

Frequência de autores na edição de 1896/97

Autores	número de ocorrências
Arnaldo Barreto	3
João Borges	4
Aristides Castro	2
Oscar Thompson	5
Pedro Voss	3
Romão Puiggari	3
Ramon Roca	10
Joaquim de Sant'anna	4
Joaquim de Brito	4
D. Elisa de Almeida	1
D. Isabel de Castro	1
Dr. João Kopke	2
Antonio de Carvalho	3
Gomes Cardim	4
A. Freitas	2
Gabriel Prestes	4

O uso dos modelos – Esse suplemento da publicação tem características de encarte e apresenta modelos de manuais didáticos para os professores. A tradução é feita por Oscar Thompson e são considerados como modelos para serem seguidos no Estado. Apresenta-se o *Guia do Professor* sob o título de *O estudo de/para forma e desenho nas Escolas Primarias – traduzido e adaptado por Oscar Thompson do Manual de Mary D. Hicks e John S. Clark*.

No intuito de apresentar essa iniciativa, os editores justificam esse suplemento:

Este Manual é, segundo pensamos, o primeiro desta espécie. Não pretendemos, entretanto, que a idéa do desenvolvimento mental apresentado nestas paginas seja nova. Investigadores, psychologicos, têm claramente mostrado, que os exercicios harmonicos dos dois sentidos principaes, tacto e vista, devem ser considerados na educação das creanças como fundamentaes. Entretanto esta verdade está agora geralmente reconhecida, poucos porém a tem posto em pratica, salvo nos jardins de infancia que exercitam esses dois sentidos com base no desenvolvimento mental. É verdade que muitos dos trabalhos têm sido publicados sobre Estudos de Fôrma e Estudo de Objectos, e em algumas escholas muitas vezes, são feitos os de Modelagem,

Dobramento de Papel, Arranjo de pausinhos, Desenhos, etc. Não podemos, porém, ser taxados de negligentes nas nossas antigas publicações, nas quais estas varias feições eram contempladas por uma serie de exercicios em fôrma de modelos, e combinados, de modo a segurar a instrução mental não só mediante a actividade do sentido do tacto, como do da vista. O fim dos auctores deste trabalho, foi dar semelhantes series de exercicios com apropriados modelo. Considerado, portanto, como um curso de exercicios – o Estudo de Fôrma e Desenho – tem em vista o desenvolvimento mental, mediante o uso combinado da mão e da vista – o trabalho é inteiramente novo (EP n 1, 1896:35).

Colaboração – Apresenta artigos de colaboradores da publicação. Em geral as temáticas abordadas por esses artigos fogem à regra das disciplinas do rol de matérias do ensino preliminar, mas complementam esses conteúdos escolares destacando outros aspectos, como por exemplo, “*o ensino da grammatica portugueza nas escholas preliminares de Alfredo Freitas*” (EP. n. 1, p. 49:1896), ou “*noções intuitivas de geometria elementar para terceiro anno de ensino preliminar por Gabriel Prestes*” (EP n. 3, 1896:251), dentre outros.

Literatura Infantil - Apresenta contos e histórias para crianças, de caráter inicialmente formativo com destaque para D. Zalina Rolim, que aparece na autoria de um número considerável de artigos na seção.

Essa seção destaca, ainda a necessidade de promover o desenvolvimento da literatura infantil, identificando no Estado uma “pobreza de livros de leitura”. (EP, n. 1, 1896:51) D. Zalina Rolim é uma das poetisas convidadas a participar dessa seção com certa regularidade; há uma apresentação dessa seção, que passa a integrar a revista a partir deste momento.

Começamos desde hoje a publicar esta secção e o fazemos animados de muitas esperanças. Que é uma necessidade inadiavel promover o desenvolvimento da literatura infantil não temos necessidade de o repetir. Não há professor algum, que percorrendo nossas escholas, deixe de notar a

pobreza de livros de leitura. Em relatorios em discursos officiaes se tem notado esta deficiencia. ‘Nossa bibliographia escholar está ainda por crear’ exclamou ainda bem poucos dias o eminente educador Dr. João Köpke em sua magnifica conferencia sobre o ensino de leitura. Ainda mesmo nestes ultimos annos em que algumas casas editoras têm publicado diversos livros escholares, o livro de leitura tem occupado um logar bem mesquinho. (...) Para inaugurar esta secção convidamos a distincta poetisa D. Zalina Rolim que teve a captivante gentileza de acceitar o convite, offerecendo-nos uma verdadeira joia litteraria. Pedimos a collaboração de diversos escriptores e desde já honraram-nos o professor normalista Luiz Galvão de Moura Lacerda, bastante conhecido dos nossos leitores e que, por carta, apontava aos antigos redactores desta revista, a necessidade da creação desta secção; o porfessor Luiz Augusto do sReis, um dos ornamentos do porfessorado da Capital Federal, promettendo-nos todos continuar com sua preciosa collaboração. Do segundo numero em deante contamos com amis alguns distinctos collaboradores, além do corpo de redacção. É auspiciosa, pois a nossa estréa, e assim acreditamos que é bem fundamentada nossa esperanza de prestar um relevante serviço á eschola brasileira impulsionando este ramo de litteratura que até hoje tem estado completamente inculta (*EP.* n. 1, 1896:51).

Bibliographia – Apresentam-se aos leitores somente as referências das publicações recebidas de Congressos, Conferências, Revistas de Educação, Boletins. Relata-se o recebimento de obras, doações e fazem agradecimentos expressos aos doadores. Recebem-se livros de grande valia, segundo os editores, para o enriquecimento cultural dos leitores. Relatam também as aquisições feitas. Pode ser descrita também como uma espécie de boletim, como na primeira fase. Essa seção dá a impressão de que os editores possuíam um local com características de acervo, uma espécie de biblioteca.

Noticiario – Relata as doações do governo para a publicação, gastos com a revista, assuntos educacionais em geral (ensino, inovações nos programas), fundação de escolas, falecimento de personalidades, explicações acerca das inserções na publicação de artigos que merecem destaque devido ao seu autor, funcionamento das escolas do interior e da capital. As temáticas abordadas em geral são: matrículas nas escolas, exames, congressos de ensino, grupos escolares,

conferências cívicas, Congresso de 1827, jardim da infância (comentários preliminares acerca da construção e implantação), Escola Complementar Modelo, Conferências, sobre a viagem de Miss Marcia P. Browne aos Estados Unidos, Pedro Voss, Instrução popular, dentre outras.

Curiosidades Científicas - Relata experiências “fáceis” de serem realizadas nas escolas. Na sua maioria essas experiências remetem às áreas de física, química, geografia e geometria.

Músicas - Apresenta canções educativas e comemorativas, com as letras e as cifras musicais.

Edifícios Escolares - Mostra a planta reduzida dos edifícios em construção pelo governo estadual.

Conclusão – Encerramento do número, com caráter retrospectivo dos conteúdos abordados. No número 4, da edição de 1897, consta a seguinte referência:

No proximo anno pretendemos realizar uma reforma nesta revista, de modo a torna-la si possivel fôr, mais pratica, de utilidade ainda mais real do que até agora tem sido (*EP*, n. 4, 1897:363).

Isso vem demonstrar que os editores tinham um projeto de continuar produzindo e divulgando *A Eschola Publica*, mas não foram encontrados nos números e volumes consultados dados referentes a continuidade deste projeto editorial. Outras iniciativas nessa mesma linha puderam ser identificadas, inclusive contando com algumas análises de seu conteúdo em referências já citadas neste trabalho. Essas publicações contaram com o apoio de muitos dos editores de *A Eschola Publica*. Apesar da iniciativa prescrita nesse

número, não foi possível identificar a continuidade dessa publicação nos anos subsequentes.

3.3 ESTRUTURA FORMAL DA PUBLICAÇÃO QUANTO AOS ARTIGOS E AUTORES

Segue-se, no sentido de ilustrar os dados apreendidos da publicação, a transcrição dos **Índices do volume 1 e volume 2**.⁴²

Quadro 21

Índice do 1º volume da revista *A Eschola Publica* correspondentes aos números 1,2,3,4 – 1896 (Ano I)

Seção/Artigos	Autores	Paginação/número da revista			
		01	02	03	04
<i>A Eschola Publica</i>		1	17	165	297
Phantheon Escholar		3	73	167	299
Pedagogia Pratica					
Arithmetica	Arnaldo Barreto			190	309
Astronomia	João Borges	10	80	187	317
Botanica	Aristides de Castro	20		180	
Cartilha das mães	Arnaldo Barreto	30			
Forma de Desenho	Oscar Thompson	35	103	204	326
Geographia	Pedro Voss	16	98		326
Historia Patria e Instrucção Cívica	Romão Puiggari	27	93	193	
Jardim de Infância	Oscar Thompson			221	
Leitura expressiva	Ramon Roca	8	95	219	312
Physica e Chimica	Joaquim de Sant'Anna	17	78	175	312
Systema metrico	Ramon Roca	22	101	184	314
Trabalho Manual	Ramon Roca		113	217	
Zoologia	Joaquim de Brito	14	82	172	322
Collaboração					
Água Potável	D. Elisa de Almeida	43			
Contador Mechanico	D. Isabel de Castro	41			
Cultura da observação	Dr. João Köpke		122		

⁴² Nestes volumes estão reunidos os 8 números publicados, em função disso aparecem, no número de páginas mais de uma referência.

Ensino Militar	Antonio de Carvalho		129	264	370
Geographia	D. Maria Ernestina Varella			269	363
Geometria	Gomes Cardim	44	126	269	367
Grammatica Portuguesa	A Freitas	46	131		
Noções intuitivas de geometria	Gabriel Prestes				
Numero	Dr. João Köpke		116		
Physiographia	Antonio Carvalho			245	
Transcrições					
Gymnastica Medica		49			
A Língua Materna					339
Jardim de Creanças	Dr. Ruy Barbosa				341
Literatura Infantil					
O céu	D. Zalina Rolim	52			
Hymnos	Luiz Reis	53			
O vovô	René Barreto	56			
O vovô	René Barreto	56			
A polvora	Arnaldo Barreto	58			
O dia 15 de novembro	Romão Puiggari	58			
Pátria!	Romão Puiggari	60			
Matuto	B. Cepellos		135		
Carlito	René Barreto		137		
Minh'alma	F. Machado		139		
O passarinho	Antonio de Carvalho		140		
Circulo vicioso			141		
O Rato egoista	Arnaldo Barreto		143		
O Padre voador	Romão Puiggari		143		
A Pátria e a creança	Arnaldo Barreto		144		
Bandeira Nacional	Romão Puiggari		145		
Onde está a Pátria?	D. Zalina Rolim			273	
Das Rusticas	D. Zalina Rolim			276	
Crueldade	Luiz de Campos			277	
Imprevidencia	Arnaldo Barreto			278	
Um castigo util	Romão Puiggari			278	
Procellarias				281	
Avô	D. Zalina Rolim				390
Sou Brasileiro	Luiz Galvão				391
Canção	Luiz Galvão				393
Lyra	Luiz Galvão				394
Os travessos amiguinhos	D. Zalina Rolim				395
O presente de Luizinha	D. Zalina Rolim				397
Um milagre	Romão Puiggari				396
Um episodio da Guerra do Paraguay	A. E. Taunay				400
Edifícios Escolares					
O jardim da Infancia					441
Musicas					
Hymno a Tiradentes			148		
Hymno ao Trabalho				284	
Hymno a Pestalozzi				286	
Hymno à Infancia					404
Hymno á Gabriel Prestes					406
O passarinho					408
Bibliographia		62	150	288	417

Noticiário	62	150	290	421
Curiosidades Científicas	70	162	294	428
Conclusão	72	163	296	430

O segundo volume da 2ª fase de *A Eschola Publica* data de 15 de março de 1897, reiniciando a sua numeração tanto no que diz respeito aos números da publicação quanto à paginação, tendo apenas como indicativo de um segundo momento da publicação a referência expressa de seu segundo ano de edição (anno II).

Quadro 22

Índice do 2º volume da revista *A Eschola Publica* correspondentes aos números 1,2,3,4 –1897 (Ano II)

Seção/Artigos	Autores	Paginação/número da revista			
		01	02	03	04
<i>A Eschola Publica</i>		1	127	189	281
Phantheon Escholar					
Dr. Antonio Silva Jardim	Ramon Roca	3			
Dr. Cesário Motta Júnior	Arnaldo Barreto		129		
Dr. Menezes Vieira	Arnaldo Barreto			189	
Pedagogia Prática					
Historia Pátria	Romão Puiggari				
Zoologia	Joaquim de Brito				
Geographia	D. Maria Ernestina Varella	24			
Botanica	Aristides de Castro	27	154	216	
Ensino Militar	Antonio Carvalho	34			311
Geometria	Gomes Cardim	36	159	199	309
Arithmetica	Arnaldo Barreto	38			283
Noções de Geometria	Gabriel Prestes	40			
Trabalho Manual	Alfredo Bresser	48		220	315
Uso das gravuras	Romão Puiggari	53			
Fórma e Desenho	Oscar Thompson	56	141	209	301
Mineralogia	Antonio Rodrigues Alves Pereira	59	149		
Grammatica Portuguesa	A. A. Freitas	63	161		
Systema Metrico	Ramon Roca		152		
Leitura expressiva	Ramon Roca		164		
Educação Moral e Cívica	Ramon Roca			201	
Instrução Cívica	Romão Puiggari			206	

Maximas	D. C. C. Leite			228	335
Linguagem	Extrahido			231	325
Physiographia	Antonio de Carvalho				297
Resolução da Província do Maranhão	Romão Puiggari				305
Museus Escholares	Romão Puiggari				313
Literatura Infantil					
Primavera	D. Zallina Rolin		113		
Hymno de Saudação	Luiz Campos		114		
Soneto	B. Lopes		115		
Os Pequeninos	René Barreto		116		
O Asseio	Arnaldo Barreto		117		
Historietas	João Borges		118		
O urubu e o sapo			121		
O Boi	Olavo Bilac			251	
As flores	Olavo Bilac			252	
O menino encolerizado	René Barreto			253	
Dialogo	D. Zalina Rolin			255	
Canção de Guerra	F. Jacintho			256	
A mentira	D. M. Guimarães			258	
Monarcha das Cochillas	Estrahido			260	
A Patria	Olavo Bilac				339
O cão	Olavo Bilac				340
A morte de Tiradentes	Romão Puiggari				341
O caipira à caça	F. Machado				342
O pinheiro e a romeira	Lucindo Filho				343
Passarinhos	D. Zalina Rolin				344
Episódios da Guerra do Paraguay	J. S. d'A Pimentel				345
Vários					
Discurso	Dr. Caetano de Campos	65			
Programmas		75			
Discurso	Dr. Alfredo Pujol		134		
Indicações Medicas	Dr. C. do Vale			271	
Edifícios Escholares					
Eschola Modelo "Prudente de Moraes"					
Musicas					
Nossa Lemma	Luiz Levy	108			
Sou Brasileiro	Luiz Levy	110			
Salve São Paulo	Dr. Cesário Motta Jr.		170		
Ode Funebre	J. Gomes Jr			265	
Hymno da Mocidade	J. Gomes Jr				350
Bibliographia		122	175	276	356
Noticiario		124	177	276	356
Curiosidades Scientificas		126		280	362
Conclusão			182	187	363

3.4 CONSIDERAÇÕES

Tendo o primeiro número da 2ª fase veiculado em 15 de março de 1896 (n. 1), *A Eschola Publica* teve seus números subseqüentes publicados em 2 volumes, cada um deles com 4 números da revista, sendo organizados como anno I (1896) e anno II (1897), a saber: 15 de março de 1896 (n. 1), 15 de julho de 1896 (n. 2), 15 de setembro de 1896 (n. 3), 15 de dezembro de 1896 (n. 4); 15 de março de 1897 (n. 1), 15 de junho de 1897 (n. 2), 15 de setembro de 1897 (n. 3) e 15 de dezembro de 1897 (n. 4).

A Eschola Publica aparece estruturada, nessa fase como em sua edição inicial de 1893. Contando com os recursos disponibilizados para o momento e com alguma ajuda de custo do governo estadual, conta com um discurso inovador, conscientizador das políticas públicas voltadas para a instrução pública e que lhe dá o caráter de publicação periódica educacional, que são os já referidos artigos pedagógicos. Estes são também descritos em temas de acordo com as matérias do ensino preliminar, como na primeira fase, e tomam a forma de diálogos, personificando/exemplificando, na maioria das vezes, situações de sala de aula, nas quais o professor expõe um ponto da matéria e estimula os alunos a refletirem, juntamente com ele, sobre as peculiaridades deste ponto.

O diálogo expresso nos textos da revista encontra-se descrito em primeira pessoa do plural (nós), mas também foi observado que alguns textos aparecem escritos em 1ª pessoa do singular (eu), o que confere aos textos uma maior proximidade com o seu interlocutor, a princípio, privilegiado, o professor.



Usando uma linguagem pouco científica, com termos acessíveis, os autores, cada um a seu modo, vão apresentando a sua contribuição para a melhoria da instrução pública.

É interessante observar que o modelo de aula apresentado nos textos aponta para o desenvolvimento do método intuitivo, embora o professor continue desenvolvendo o papel de centralizador do conhecimento.

Outra característica interessante identificada na edição de 1896-97 são os anúncios: a divulgação de um tipo de catálogo de algumas editoras do período, no Estado de São Paulo, especificamente da capital, constando autores, títulos, preços e endereços das editoras. Estes constam sempre das páginas finais do número publicado, chegando a ocupar, de modo geral, de 3 a 5 páginas por número. Como pode-se perceber na informação que segue: “Acceitam-se annuncios para as ultimas páginas por preços convencionais. Redacção: Travessa da Sé, n.º 02. SP”. Essa característica parece ser comum às publicações periódicas, pois como observa De Luca;

a publicidade na revista sempre esteve confinada às terceiras e quartas capas e às páginas iniciais e finais, ou seja, antecipando e seguindo o material publicado (1999:53).

Na conclusão do número 01 os editores destacam sua própria iniciativa editorial, explicando algumas ocorrências que fizeram com que a revista não fosse completa, na visão deles próprios.

Cremos que com os elementos que estamos chamando em nosso auxílio, o Estado de São Paulo terá uma revista pedagógica. Na altura do desenvolvimento que o poder publico tem dado a instrução (*EP*, n. 01, 1896).

A esse respeito identifica-se a colaboração do poder público quanto ao provimento de recursos financeiros para a produção e veiculação da revista, fator este não presente na fase anterior da publicação (1893-1894).



CAPÍTULO IV

4 A *ESCHOLA PUBLICA* ENQUANTO MANUAL DE ENSINO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E FONTE DE CONSOLIDAÇÃO DE UM MÉTODO DE ENSINO

Toda a apresentação da revista desenvolvida ao longo deste trabalho não teve apenas a intenção de recensear uma fonte documental ainda pouco explorada nos escritos da história da educação paulista. Teve também a pretensão de iniciar algumas discussões a respeito do que se estava produzindo e veiculando, como informações oficiais, durante um período tão interessante e igualmente produtivo na história, quanto o da transição do regime monárquico para o republicano.

A multiplicidade de temas emergem das análises de *A Eschola Publica*, a saber: a premente possibilidade de organização de uma cultura escolar urbana no Estado de São Paulo, a preocupação com a instrução pública nesse Estado, a formação de professores possibilitada pela Escola Normal de São Paulo, a formulação de uma das escolas preliminares, o início da configuração de um campo de atuação profissional, a elaboração de saberes especializados a respeito do ensino e da instrução pública, a metodização do ensino, dentre outros. Dois

deles foram essenciais para que as discussões propiciadas por este trabalho não ficassem no âmbito de recenseamento de fontes documentais.

O primeiro deles diz respeito à constituição da revista, como a gênese de um manual ensino para subsidiar a prática cotidiana dos professores. Essa identificação se dá em função do forte apelo aos profissionais da instrução pública, observada em seções como os editoriais e artigos pedagógicos na primeira fase (1893-1894), e os editoriais, *pantheon escolar* e *pedagogia prática* na segunda fase (1896-1897). Essas seções servem de instrumento à conclamação, por parte dos editores, dos ditos colegas professores a participarem da construção de uma nova ordem para o sistema educacional em fase de institucionalização e expansão, mas para a qual seria necessário um eixo norteador que alavancasse de algum modo a prática dos professores, já que em termos de políticas públicas o sistema estava em fase de organização. Conforme procura divulgar em seus textos, identifica-se a revista com a pretensão de ser esse eixo.

MORTATTI destaca o fato de que, em função de atender às novas necessidades de um sistema em fase de implantação, a implementação de um processo de escolarização de práticas culturais visava fundamentar essa ordem.

desse modo, problemas educacionais e pedagógicos, especialmente relativos a métodos de ensino e formação de professores, passam a ocupar não apenas educadores, mas também administradores, legisladores e intelectuais de diferentes áreas do conhecimento (2000:22).

Assim sendo, os professores adeptos das propostas disseminadas pelo grupo de editores de *A Eschola Publica* estariam contribuindo, diretamente,

para o sucesso do regime, constituindo um campo de práticas homogêneas com vistas a atender ao ideal republicano de instrução.

A intenção da revista em servir de modelo não fica restrita apenas à prática de professores, mas vai além, quando pretende também servir de modelo para outras publicações periódicas que pudessem surgir, fato esse que pode ser observado quando comparou-se o formato e conteúdo de duas outras revistas.

Identificou-se, inicialmente, *A Revista de Ensino* editada em 1883 no Rio de Janeiro. *A Eschola Publica* de 1893 apresenta-se bastante semelhante a ela: o padrão tipográfico é semelhante, e a periodicidade é mensal sob a forma de fascículos com 16 páginas. O número 01 data de janeiro de 1883 e o preço da assinatura anual era de 3\$000 (três mil réis). Essa revista também apresentava-se composta por seções previamente definidas, a saber: *Editorial*, *Museu escolar*, *Conselho aos paes*, *Noticiario*, *Bibliographia*, *Publicações recentes e Annuncios*. Era editada pela Livraria Nicolau Alves/RJ, parece ter sido a primeira iniciativa do gênero.

Em São Paulo identificou-se a *Revista de Ensino*, publicada em 1902 pela *Associação Beneficiente do Professorado Publico* de São Paulo, com periodicidade bimestral, subsidiada pelo governo do Estado, tendo como conselho editorial Arnaldo de Oliveira Barreto, Romão Puiggari, Joaquim Luiz de Brito, João Pinto e Silva, João Lourenço Rodrigues, Alfredo Bresser da Silveira, Emílio Mario Arantes, Ramon Roca Dordal, João Chrysostomo B. dos Reis Junior.

Observe-se que editores da segunda fase da *Eschola Publica* apresentavam-se como colaboradores.

A revista apresentava-se em padrão tipográfico semelhante ao de *A Eschola Publica*, no que diz respeito às seções, à forma como conduzia a abordagem, versando sobre diversos tópicos do ensino público, como foi o caso do primeiro número que apresentava os seguintes artigos:

Quadro 23

Artigos da *Revista de Ensino* n de 1902.

Artigos	Autores
Garantias ao Professorado	Alves Pereira
Estrangeiros no magisterio publico	Mario Arantes
A questão das Escolas complementares	Arnaldo Barreto
Mais grupos escolares	Ramon Roca Dordal

Contava também com seções fixas, sendo estas: *Pedagogia Pratica, Literatura Infantil, Critica sobre trabalhos escolares, Hymnos escolares, Movimento associativo, A nossa biblioteca, Actos officiaes e Noticiario*. Como se pode notar, o tom da redação faz lembrar o utilizado pelos editores de *A Eschola Publica*:

Por decreto de 4 de fevereiro findo(?), foi nomeado o Dr. Oscar Thompson para o cargo de Director da nossa Eschola Normal. A noticia, como era de prever, agradou geralmente, porquanto Oscar Thompson é um nome feito nas lides da Instrucção Publica de nosso Estado, e é um character nobre e justo. Discipulo do saudoso Caetano de Campos, um dos braços fortes de Miss Browne, na Escola Modelo do Carmo, da qual foi estimado, dedicado e intelligente director, está certamente muito nas condições de elevar aquelle nosso estabelecimento de instrucção á invejável altura a que tem direito. É o segundo professor diplomado escolhido para dirigir o proprio estabelecimento em que se formou; não sendo, consequentemente, um estranho á classe, o facto foi, principalmente por isso, muito apreciado. Demais, este facto, alliado ao character justiceiro que o enobrece, á amizade que lhe tributam os collegas e seu trato lhano, além dos outros predicados acima referidos, são uma garantia ao futuro de nossa Instrucção Publica. Que

seu talento fulgure naquelle estabelecimento como alli fulgurou o de Gabriel Prestes e ainda brilha o de José Feliciano (1902:147).

Posterior a isso, encontra-se também, manifestada com muita intensidade, a questão dos métodos de ensino, que norteará os debates educacionais do começo do século XX e que merece atenção neste trabalho, por se tratar a revista de uma publicação que veio em resposta a uma necessidade palpitante de uma revista pedagógica, conforme os editores afirmam no primeiro número da publicação em 1893.

O regime republicano encampa um discurso progressista que toma como base o fortalecimento da instrução para a consolidação de seus ideais. Para tanto fazia-se necessário organizar um sistema educacional que desse conta de atender a esse ideal. A pedagogia utilizada na escola deveria, juntamente com a estrutura dos prédios escolares, evidenciar o progresso instaurado pela República. Caetano de Campos destaca essa necessidade em carta redigida ao redator da Instrução pública:

pois bem: tenho prazer de annunciar aos paulistas que sua Capital vae ter em breve um palacete em tudo digno do seu elevado destino. Dentro em pouco a Escola Normal de São Paulo, a mais notável instituição do ensino primário que um Estado deve ter, vae possuir um edificio apropriado, devido ao Exmo. Sr. Dr. Prudente J. de Moraes Barros. Muito já têm os paulista de que orgulhar-se com estes primeiros esforços: seu dinheiro, acostumado a transformar-se em poeira no concerto repetido das estradas, vae desta vez consolidar-se nas paredes dum edificio que attestará ás gerações futuras que o primeiro influxo de liberdade elevou o coração paulista na nobre aspiração de educar seus conterrâneos (CAETANO DE CAMPOS, apud RODRIGUES, 1930:202).

Não bastando somente elevar a educação a um nível diferente do que ela vinha ocupando até então, identifica-se também nesse momento a

preocupação com os métodos de ensino, pois não seria suficiente *ensinar*, sendo necessário, primeiramente *saber ensinar*. A adoção de métodos tornaria o ensino mais produtivo, sistematizado, que proporcionaria um atendimento mais rápido e eficaz às necessidades do regime republicano. Juntamente com a preocupação dos métodos estava a necessidade de preparar os professores para aplicarem estes métodos de ensino.

Identifica-se nesse momento a importância e relevância de *A Eschola Publica* difundindo essas bases educacionais: a preocupação com a adoção de uma metodologia de ensino que pudesse oferecer aos alunos conhecimentos, além daqueles nos quais vinha se pautando o ensino até então, estruturando essa forma de aquisição com base num método que não ficasse apenas na memorização e repetição dos conteúdos apreendidos, e sim na interação dos sujeitos com esse conteúdo por meio da intuição; e a instrumentalização dos professores para a prática desses métodos, sendo assim representada na publicação:

... grandes reformas decretadas entrarão em breve em execução e o professorado publico paulista talvez se encontre diante de grandes embaraços para secundar os esforços do legislador. É então que a nossa folha poderá prestar um valioso auxilio a todos os professores bem intencionados, pois que nos é fácil, a nós reunir informações e mesmo instrucções sobre a execução dos programas do curso preliminar, que se acham em elaboração (*EP*, n. 4, Editorial, 1893).

Essa orientação dada pelos editores da publicação vem demonstrar que estes estavam, senão diretamente, muito envolvidos com a tramitação dessas novas reformas no contexto educacional do país, em específico do Estado de São Paulo, como de fato isso se demonstra num dos anexos da

publicação, nos quais constam o programa das disciplinas do ensino preliminar das escolas públicas, apresentado em partes ao final de cada número da revista, iniciando-se no número 07 da edição de 1893-1894, que corresponde a primeira fase da publicação.

Ainda sobre a questão dos métodos de ensino, os editores defendem a seguinte posição, o que, segundo consta, é uma das passagens mais elucidativas do caráter da revista:

Somos dos que pensam que todo professor bem intencionado é um combatente para a causa que defendemos, quaesquer que sejam as suas habilitações. Por isso daremos publicidade em nossas columnas a pequenos trabalhos praticos de pedagogia que nos enviarem as escholas publicas, tanto da capital como do interior. Esses trabalhos poderão versar sobre animaes da nossa fauna e plantas de nossa flora, constando de pequenas descrições de seus costumes e applicações sob o ponto de vista da utilidade humana (...) não promettemos artigos litterarios, nem scientificos: escreveremos o que pudermos, do modo que soubermos, tendo em vista o alvo que miramos: velar pelas crianças, proporcionando aos professores publicos suggestões relativas ao ensino, suggestões que a Eschola Normal não poude, nem poderá dar-lhes tão cedo. Em nossa folha daremos modelos de lições apropriadas a cada grão do curso preliminar; transcreveremos, adaptando ao nosso meio, entretanto, tudo que de util encontrarmos nas nações estrangeiras; aproveitaremos todas as informações que nos ministrarem as escholas publicas da capital e do interior (*EP*, n. 1, Editorial, 1893).

MORTATTI (2000) e CARVALHO (1998) empreendem uma discussão sobre o ensino da leitura e escrita em São Paulo, no período entre 1890 a 1920, e destacam o debate constante nos textos da *Revista de Ensino* sobre os métodos de ensino a serem adotados pelas escolas preliminares. *A Eschola Publica*, embora não traga em seus textos debates ideológicos a respeito dos métodos propostos, adota como fonte para a elaboração de seus artigos o método intuitivo, sob a influência de Pestalozzi, para o qual rendem homenagens, citando seus aforismos como eixo norteador da publicação no volume especial de 1895 e

dedicando uma biografia por Romão Puiggari, defensor fervoroso do método analítico, n' *A Eschola Publica* nº 2, em 1896.

Nota-se, com base no estudo de CARVALHO, que:

o debate entre os métodos de ensino de leitura e escrita desenvolve-se alimentado pela idéia de que a República, para constituir-se de fato, necessita de cidadãos leitores, porque pelo ensino da leitura e escrita é possível viabilizar a formação de uma certa mentalidade, uma certa moralidade, de um certo corpo de condutas compatíveis com a vida republicana. Nesse sentido, é preciso, então, identificar qual o melhor método de ensino que possa melhor formar o cidadão republicano. E a Diretoria Geral de Instrução Publica opta pelo método analítico, tornando-o oficial (CARVALHO, 1998:52).

Nesse sentido *A Eschola Publica* caminha em consonância com as necessidades identificadas no sistema republicano, ou seja, pretende-se orientadora dos professores no que diz respeito às metodologias de ensino adotadas em sala de aula, induzindo que os professores adotem a orientação proposta pelo Estado, sendo então precursora do debate identificado por MORTATTI (2000) e CARVALHO (1998).

A crença no ideal de educação republicana está muito presente nas páginas da revista:

Uma nova phase, porém, bruxolea-se para nossas escholas. O governo republicano quer educar o povo, o povo quer fortalecer a Republica educando-se, e os professores influenciados dessa corrente de vitalidade querem trabalhar (*EP*, n. 5, Editorial, 1893).

Esse ideal progressista permeia toda *A Eschola Publica*, como se pode perceber pelo seu discurso:

é com imensa satisfação que observamos o movimento que se tem ultimamente desenvolvido por parte do ensino primário. Similhante manifestação honra sobre modo o nosso pujante Estado, apresenta um aspecto extremamente auspicioso para a causa que defendemos e coincide com a posse do poder estadual num governo que tem procurado erguer o ensino popular a altura que merece tal ramo do ensino publico pugnando assim pelos interesses dos pequeninos, dos cidadãos do amanhã, e consolidando por esta fôrma ás instituições democráticas. Mas não bastam a iniciativa particular e a boa vontade do Governo do Estado: é necessário também que os municípios tragam seus contingentes para a gloriosa campanha encetada, pois, que são elles directamente interessados nas difusões do ensino popular (*EP*, n. 3, Editorial, 1893).

Para A Eschola Publica,

a República encontrou um povo de analphabetos e na pequena porcentagem de alphabetados reina a maxima insciencia de leis civicas e moraes, o mais negro desconhecimento e desrespeito a tudo quanto é para engrandecimento intellectual do povo (...) associar, pois governo, povo e professores na grande obra da solidificação da República pela educação popular – tal é o grande serviço que os inspectores de districto poderão prestar a nosso Estado, si souberem usar com prudencia a autoridade com que a lei os investiu (*EP*, n. 5, Editorial, 1893).

A escola foi, em função das necessidades deste sistema de governo vigente:

o emblema da instauração da nova ordem, o sinal da diferença que se pretendia instituir entre um passado de trevas, obscurantismo e opressão, e um futuro luminoso em que o saber e a cidadania se entrelaçariam trazendo o Progresso (CARVALHO, 1989:23).

Em *A Eschola Publica* podem ser encontrados diversos artigos de revistas estrangeiras, dentre elas a *Revue Pedagogique* na 1ª fase (1893). Nos *Boletins* encontram-se relatadas algumas aquisições e doações feitas para o acervo dos editores, ou da revista, nas quais são citadas também publicações estrangeiras. Na edição de 1895, que consta de uma seleção de artigos da primeira, foram encontradas transcrições de artigos da *Revue Pedagogique*, que dizem respeito a

uma nova instituição de ensino, ou seja, “*escholas destinadas aos meninos de intelligencia refractaria*” (EP, 1895:251), que não consta da edição de 1893.

Identifica-se nos números da publicação da 2ª fase (1896-1897) a presença de artigos de autores estrangeiros traduzidos e/ou adaptados por nossos autores; a esses artigos são dados os créditos da publicação, mas em geral eles aparecem com a denominação – adaptado – o que condiz com a proposta inicial da publicação na qual os editores dizem que:

Em nossa folha daremos modelos de lições apropriadas a cada grão do curso preliminar; transcreveremos, adaptando ao nosso meio entretanto, tudo o que de util encontrarmos nas nações estrangeiras: aproveitaremos todas as informações que nos ministrarem as escholas publicas da capital e do interior (EP, 1895, apresentação).

Outro momento evidente de influência estrangeira na publicação diz respeito a um encarte publicado em todos os números da 2ª fase (1896-1897), sob a denominação de “O uso dos modelos”, tendo como subtítulo “*guia do professor – O estudo de/para forma e desenho nas Eschola primarias – tradução e adaptação pelo professor Oscar Thompson do Manual de Mary D. Hicks e John S. Clarck*” (EP, n. 3, 1896:204).

Esses fatores apresentados até o momento têm como objetivo ilustrar o momento histórico no qual surge a revista *A Eschola Publica*, ou seja, objetivando atender a formação de profissionais voltados para a instrução do povo no que diz respeito a conhecimentos teóricos-metodológicos, caracterizando-se como iniciativa benemerita para o período, como pode-se perceber por meio da própria publicação expressa na fala de congratulação de Arthur Raggio Nóbrega:

o professorado paulista desunido, precisa de um órgão que o dirija, de um centro que o oriente, de uma verdadeira folha de combate, em que pugne por seus interesses, em que planteie os seus brios, em que espalhe em que diffunda sua atividade intelectual e moral – cumprindo sua missão, santa, nobre, grandiosa, augusta, imorredoura! (*EP*, n. 2, Editorial, 1893).



CAPÍTULO V

5 O PROJETO EDITORIAL DE *A ESCHOLA PUBLICA*: TRÊS MOMENTOS DE UM MESMO TEMPO?

Os capítulos anteriores desta dissertação foram orientados por questionamentos suscitados pelo periódico no âmbito do seu momento histórico e sua relação com este momento. Embora cada fase possa ser identificada e caracterizada isolada de como fonte de estudo bastante profícua, neste momento pretende-se delimitar alguns encaminhamentos para as questões propostas.

A Eschola Publica surge com uma finalidade implícita, proposta no título do primeiro capítulo deste trabalho: de atender às necessidades de um sistema educacional em fase de implantação, tendo como aspectos favoráveis a originalidade da iniciativa, a formação intelectual daqueles que se propuseram a editá-la, sem contar com o prestígio e conseqüentemente respaldo político dos quais gozavam os editores da revista, o que se deveu às práticas educacionais desses profissionais, destacadas durante o período que antecedeu a criação da revista no contexto paulista.

Há também o aspecto bastante relevante, da pretensão em se constituir um campo de debates pedagógicos, que se pode observar no próprio discurso veiculado, por meio do qual os editores, investidos de uma autoridade intelectual conferida pela prática docente e política, se permitem ser



inauguradores dessa prática, colocando-se como formadores de opinião no que diz respeito à instrução pública. Esse fato pode ser observado nos editoriais da publicação, nos quais se identifica a voz da revista, que por muitas vezes discorda de políticas e práticas implementadas pelo poder público, o que confere a esses editores não só um certo trânsito na esfera pública em função de um conhecimento acumulado na área de ensino, mas também das aspirações a cargos públicos na hierarquia educacional, o que se pode observar ao longo deste trabalho.

A questão didática a respeito dos métodos de ensino ocupa espaço considerável nesse debate, mas acredita-se que ela configure um recurso para a real discussão que a revista pretendia empreender, que era de cunho político. A questão dos métodos de ensino estava no centro dos debates educacionais do período, considerando-se bastante apropriado para o momento a edição de uma revista pedagógica que veiculasse, diretamente, modelos de aulas e, por consequência, modelos de ensino, aparentemente desprovidos de qualquer vinculação política, como os editores querem deixar claro.

No que diz respeito aos editores de *A Eschola Publica* estarem em busca da formulação de uma “pedagogia paulista”, identificou-se que isso ocorre a partir do momento em que os textos da revista seguem um certo direcionamento quanto à sua seleção e publicação. Existe uma teoria pedagógica que os embasa, no caso a “teoria pestalozziana”, manifestada pela adoção do método intuitivo para o ensino das crianças, fornecendo modelos de aulas transcritas nos textos publicados e tendo predominantemente os textos com a finalidade de dar exemplos de aulas das diversas matérias que integravam o



ensino preliminar, demonstrando, na prática, a aplicação da metodologia embasada no método intuitivo. Desses textos constavam também longos diálogos dos autores com seus leitores, indicando a estes últimos melhores maneiras de aplicar seus recursos, dando exemplos de diálogos que se poderiam ter com os alunos, no modelo “perguntas e respostas”, para fazer com que esses chegassem ao conteúdo desejado com base na intuição a respeito dos temas e não apenas na memorização, método que aparece criticado duramente, nas entrelinhas da revista.

Segundo consta, a pedagogia foi apenas um disseminador dos interesses dos editores para que estes se integrassem no contexto das discussões no campo educacional, fazendo da revista um instrumento de solidificação das idéias e práticas por eles corroboradas. Essa observação contribui para a idéia de que a revista foi um instrumento de difusão dos saberes pedagógicos organizados naquele período, fundamentando-se na proposta de análise empreendida por CATANI, por meio da qual:

a estratégia que justifica a atenção com essa categoria [dos saberes pedagógicos] de objetos foi sendo desenvolvida à medida que se investia na análise mesma da constituição do campo educacional. Se se quer saber sobre os modos de funcionamento desse campo é necessário deter-se em instâncias nem sempre muito investigadas e procurar saber como agem esses indivíduos nesse espaço e em função de suas posições. Desse modo, revistas de ensino, atuação de professores na organização da categoria profissional, produção de textos de celebração e instaurações de memórias modelares são fontes, configurações e questões vitais (1994:4).

Mais que revisitar uma prática de sucessos a 2ª fase (1896) de *A Eschola Publica* pretendeu, como se pode perceber por meio da trajetória do periódico, recuperar o tempo perdido, desta vez contando com mais recursos financeiros e o apoio, expresso, do governo.

A revista reaparece com uma edição diferenciada e arrojada para os padrões da época no que diz respeito ao padrão tipográfico e de conteúdos, perdendo sua formatação inicial de folhetim e adotando o formato de livro, contando com recursos gráficos antes não utilizados, rendendo homenagens a ilustres pedagogistas que, de acordo com os editores, contribuíram de diversas formas para a causa da instrução pública, mas mantendo, em seus textos, as orientações didático-metodológicas que lhes eram peculiares, o posicionamento político acerca das causas das dificuldades pelas quais passava a instrução em São Paulo no período, e a intenção de imprimir seus ideais na história da educação paulista por meio de práticas de sucesso. A menção que se encontra nesta segunda fase, a respeito da primeira, se faz apenas no sentido de identificar que houve um outro momento de edição da revista e que esse momento foi bastante positivo em termos de aceitação tanto por parte do professorado paulista quanto do poder público, havendo nesse sentido a doação de recursos financeiros para a impressão tanto do volume especial de 1895, quanto para o subsídio da publicação nessa fase que se inicia em 1896.

Identificou-se, nas duas fases da publicação, a ausência de uma seção que atendesse aos leitores, ou seja, uma seção de cartas. Podemos inferir, deste fato que não havia uma preocupação, por parte dos editores, de entabular um diálogo permanente com os leitores⁴³.

⁴³ Esta idéia encontra-se bem desenvolvida em De Luca, Tânia Regina. **A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (n) ação** (p. 51).



A revista surge, portanto, como menina dos olhos dos normalistas do período. Muitas vezes o discurso encontra-se contraditório, mas ainda assim não deixa de algum modo de ser eloqüente, tomado por um “nacionalismo paulistano”, tomando as palavras de DE LUCA (1999:308), essa revista constitui-se em um “testemunho pungente e encorajador contra as simplificações impostas por um determinado discurso histórico”.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um trabalho de pesquisa com uma fonte documental tão rica quanto um periódico não pode ser considerado conclusivo. Ele pode, e deve, ser elucidativo de aspectos dessa fonte e se propor a enveredar por alguns caminhos temáticos e teórico-metodológicos que possibilitem ao autor e, necessariamente, ao leitor compreender o significado, a representatividade e a relevância de tal fonte para o campo de conhecimento na qual está inserida.

Neste caso em específico, o estudo do periódico *A Eschola Publica* pretendeu fazer emergir de um contexto tão significativo, como foi a transição do regime de governo a iniciativa de professores paulistas de ensaiar uma publicação pedagógica que, segundo eles, era necessária para o alargamento e a compreensão de questões emblemáticas para o momento, como a homogeneização dos métodos de ensino, a organização de um sistema educacional, a profissionalização docente e a veiculação dos ideais pedagógicos, conferindo aos editores da publicação legitimidade no campo educacional e que contribuiu também para a autonomização desse campo em fase de formação – o campo de atuação docente.

Esse periódico contribuiu com uma pequena parcela de informações, mas que aliada a todas as outras, que integram o quadro de referências de produções acadêmicas e científicas da área de história da educação, nos fazem compreender o processo histórico, estabelecendo assim uma relação

entre o que faz parte da nossa história imediata e a história apreendida e representada pelo periódico.

Este trabalho pretende complementar os esforços de pesquisadores que se utilizam de *A Eschola Publica* como fonte indireta para seus trabalhos de pesquisa, demonstrando assim o limiar da produção periódica educacional em São Paulo no período republicano.

Durante todo o período sobre o qual me dediquei a estudar a revista *A Eschola Publica*, diversas questões foram sendo suscitadas, muitas das quais presentes nesta dissertação de mestrado. A cada momento que tomava contato com as fontes documentais questões surgiram como: qual o ideal de educação que perpassava a mente dos editores, qual a finalidade dessa publicação? Como ela foi recebida no meio educacional no período? E outras tantas questões que fizeram com que esse trabalho ainda não esteja concluído. Para essas questões, respostas definitivas não foram encontradas, mas foi possível delinear alguns encaminhamentos, aqui apresentados.

Por outro lado, o levantamento documental realizado permitiu reconstituir uma pequena parcela da história da educação paulista num dado período, com foco em um determinado objeto de estudo, no caso a revista em pauta, e perceber algumas questões interessantes sobre o contexto educacional que cabem aqui serem ressaltadas.

A revista *A Eschola Publica* teve, além da função proposta pelos editores de sanar uma necessidade palpitante no meio educacional, sendo orientadora da prática docente, uma participação ativa no que diz respeito à



formação de um campo profissional no qual professores, de expressão no contexto educacional, organizaram-se em torno de um órgão da imprensa para veicular suas idéias e assim propor diretrizes diversas sobre a instituição e organização do aparelho escolar paulista.

CATANI, embora não tenha desenvolvido estudos específicos sobre essa revista, destaca que:

é possível apontar algumas marcas do processo que então se desenvolvia para constituir e delimitar o terreno específico de discussões, iniciativas, criação de normas e reprodução de trabalhos propriamente pedagógicos aqui em São Paulo. Se, de um lado, o próprio esforço de criação e manutenção da revista evidencia uma tentativa de organização desse terreno, o material por ela veiculado dá conta do conjunto de iniciativas do setor que também demonstra essa tentativa. Fatos como a criação de escolas, a realização de conferências e congressos, além da publicação de livros didáticos, ao serem noticiados, denotam concretizações de níveis diversos e que certamente ocupam lugar próprio na explicação do modo pelo qual está se estruturando o campo educacional paulista. Nesse sentido, o estudo das revistas pedagógicas configura-se apenas como um esforço no sentido de explicar o processo de estruturação desse campo (1989:35).

A análise empreendida por Catani dá conta de explicitar algumas das intenções de *A Eschola Publica*, cuja forma de organização e veiculação se pretendeu expor neste trabalho.

A estratégia do novo, utilizada pelos editores com o lançamento da revista, fez com que recaíssem sobre eles 'os louros da fama', visto que a publicação foi reconhecida em vários Municípios e Estados como sendo valiosa para a causa do ensino público, servindo até mesmo de modelo para outras publicações do gênero, como se evidenciou ao longo deste trabalho.

Ainda assim, apesar de ter encontrado problemas de ordens diversas, inclusive financeira, *A Eschola Publica* conseguiu manter-se no rol das publicações periódicas com maior regularidade, como atesta CATANI (1989:27).

Pelo que se pôde apreender da publicação, até mesmo os próprios membros do conselho editorial surpreenderam-se com a receptividade e aceitação que teve *A Eschola Publica* no meio, pois, segundo eles:

fundamos uma revista e temíamos que ella não encontrasse elementos de vida num meio tão esteril como o da nossa terra. Inteiramente enganados andámos nós: o successo obtido excedeu á nossa expectativa e reconhecemos que o professorado publico póde e quer ter uma folha pedagogica pela qual possa conhecer em um momento dado o nosso adiantamento em materia de ensino (*EP*, n. 2, 1893).

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes

- A ESCHOLA PUBLICA*, São Paulo, Tip. Hennies e Winiger, n. 1, jul. 1893. 8p.
- A ESCHOLA PUBLICA*, São Paulo, Tip. Hennies e Winiger, n. 2, ago. 1893. 7p.
- A ESCHOLA PUBLICA*, São Paulo, Tip. Hennies e Winiger, n.3, set. 1893. 8p.
- A ESCHOLA PUBLICA*, São Paulo, Tip. Hennies e Winiger, n. 4, out. 1893. 8p.
- A ESCHOLA PUBLICA*, São Paulo, Tip. Hennies e Winiger, n.5, nov. 1893. 8p.
- A ESCHOLA PUBLICA*, São Paulo, Tip. Hennies e Winiger, n. 6, jan. 1894. 8p.
- A ESCHOLA PUBLICA*, São Paulo, Tip. Hennies e Winiger, n. 7, fev. 1894. 8p.
- A ESCHOLA PUBLICA*, São Paulo, Tip. Hennies e Winiger, n. 8, mar. 1894. 8p.
- A ESCHOLA PUBLICA*, São Paulo, Tip. Hennies e Winiger, n. 9, abr., 1894. 9p.
- A ESCHOLA PUBLICA*, São Paulo, Tip. Hennies e Winiger, n. 10, maio, 1894. 8 p.
- A ESCHOLA PUBLICA*, São Paulo, Tip. Hennies e Winiger, n. 11, jun. 1894. 8p.
- A ESCHOLA PUBLICA*, Paulo, Tip. Paulista, jul. 1895. 358 p. (volume especial).
- A ESCHOLA PUBLICA*, São Paulo, n.º 1, março, 1896. 72 p.
- A ESCHOLA PUBLICA*, São Paulo, n.º 2, junho, 1896. 91 p.
- A ESCHOLA PUBLICA*, São Paulo, n.º 3, setembro, 1896. 130 p.
- A ESCHOLA PUBLICA*, São Paulo, n.º 4, dezembro, 1896. 132 p.
- A ESCHOLA PUBLICA*, São Paulo, n.º 5, março, 1897. 128 p.



A ESCHOLA PUBLICA, São Paulo, n.º 6, junho, 1897. 58 p.

A ESCHOLA PUBLICA, São Paulo, n.º 7, setembro, 1897. 89 p.

A ESCHOLA PUBLICA, São Paulo, n.º 8, dezembro, 1897. 82 p.

Bibliografia

Livros e capítulos de livros

ANTUNHA, Heládio Cesar. G. **A instrução pública em São Paulo: a reforma de 1920**. São Paulo: FE-USP, 1976. (Série Estudos e Documentos).

ALMEIDA, Jane Soares de. et all. **O legado educacional do século XIX**. Araraquara: FCL, 1998.

BASTOS, Maria Helena Camara. Apêndice – A imprensa periódica no Brasil de 1808 a 1994. In CATANI, D. B. (org.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 173-187.

_____. Apêndice - a imprensa periódica educacional no Brasil: de 1808 à 1944. In: CATANI, Denice Barbara (org.) **Educação em Revista: A Imprensa Periódica e a História da Educação**. Escrituras Editora. 1997.

BRUNO, Ernani Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo**. v.3. Rio de Janeiro: José Olympio. Rio de Janeiro: 1954. V.3.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A configuração da historiografia educacional brasileira. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998, p; 329-353.

_____. **A escola e a república**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. A Escola do olhar In: REIS, Maria Cândida Delgado (Org.) **Caetano de Campos: fragmentos da história da instrução publica no Estado de São Paulo**. São Paulo: Associação dos Ex Alunos do IECC. 1994. p. 53-60.



CATANI, Denice Bárbara. & BASTOS, Maria Helena Camara. (orgs.) **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação.** São Paulo: Escrituras. 1997.

CATANI, Denice Bárbara. Memória e poder: o “poder do relato e o relato do poder” na história da educação. In: GONDRA, José (org.) **Pesquisa histórica: retratos da educação no Brasil.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1995, p. 73-80.

DE LUCA, Tania Regina. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n) ação.** São Paulo: Editora Unesp. 1999.

GANDINI, Raquel. **Intelectuais, Estado e educação:** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos - 1944-1952. Campinas/SP: Ed. da Unicamp, 1995.

GONDRA, José Gonçalves. **A pedagogia da República: uma leitura do discurso oficial da Revista Pedagógica (1890-1896).** São Paulo: 1996. Tese (Doutorado em Educação). FEUSP.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Editora da UNICAMP, Campinas: 1992, tradução Bernardo Leitão, p.535-549.

MORTATTI, Maria do Rosario Longo. **Os sentidos da alfabetização:** São Paulo - 1876-1994. São Paulo: Editora Unesp: CONPED, 2000.

MONARCHA, Carlos. **Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes.** Campinas/SP: Ed. da UNICAMP, 1999.

NAGLE, Jorge. A educação na Primeira República In: FAUSTO, Bóris. (org.) **História Geral da Civilização Brasileira.** T III. v. 2. O Brasil Republicano. São Paulo: Difel. São Paulo, 1983, p. 261-291.

NÓVOA, Antonio. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI, Denice Barbara. (Org.). **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação.** São Paulo: Escrituras, 1997. p. 11-31.

_____. (dir.). **A Imprensa de Educação e ensino: repertório analítico (século XIX-XX).** Instituto de Inovação Educacional. Lisboa: 1993.

POLIANTEIA Comemorativa do Centenário do Ensino Normal em São Paulo: 1846-1946, s/d.

REIS FILHO, Cassimiro. **A educação e a ilusão liberal.** São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1981.

RODRIGUES, João Lourenço. **Um retrospecto: alguns subsídios para a história pragmática do ensino em São Paulo**. São Paulo: Instituto Anna Rosa, 1930.

SOUSA, Cynthia Pereira de (org.) **História da Educação: processos, práticas e saberes**. São Paulo: Escrituras Ed. 1998.

SOUZA, Rosa Fátima de. **O direito à educação: lutas populares pela escola em Campinas**. Campinas: Ed.-da Unicamp: Área de publicações do Centro de Memória da Unicamp. 1998.

_____. **Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)**. Fundação Editora da UNESP, São Paulo: 1998.

TANURI, Leonor. Historiografia da educação brasileira: contribuição para o seu estudo na década anterior à instalação dos cursos de pós-graduação In: MONARCHA, Carlos (org.) **História da educação brasileira: formação do campo**. Ijuí/RS: 1999. p. 147-168.

Dissertações, Teses e Projetos de Pesquisa

CASTRO, Rosane Michelli de. **Vida e trabalho e professores primários: um estudo dos Anuários de Ensino do estado de São Paulo (1907-1927)**. Marília, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação). UNESP-Marília.

CATANI, Denice Barbara. **Educadores à meia-luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo 1902-1919**. São Paulo: 1989. Tese (Doutorado em Educação). FEUSP.

CATANI, Denice Barbara. **Ensaio sobre a produção dos saberes pedagógicos**. Tese de (Livre Docência). FEUSP. 1994.

CORDEIRO, Jaime Francisco Parreira. **Projetando a mudança: o novo e o tradicional na educação brasileira (anos 70 e 80)**. São Paulo: 1999. Tese (Doutorado em Educação). FEUSP.

CARVALHO, Silvia Aparecida Santos de. **O ensino da leitura e da escrita: o imaginário republicano (1890-1920)**. São Paulo: 1998. Dissertação (Mestrado em História e Filosofia da Educação). PUC. São Paulo.

DEGANI, Maria Terezinha. **Aspectos mais significativos da instrução no estado de São Paulo na 1ª década republicana**. Araraquara: 1973. Tese (Doutorado em Educação). FFCL.

MONARCHA, Carlos. **Projeto Integrado de Pesquisa: Cultura Escolar Urbana:** São Paulo: 1840-1940. Repertório de Fontes Documentais, 1997. UNESP-Marília/CNPq.

NERY, Ana Clara Bortoletti. **A revista escolar e o movimento de renovação educacional em São Paulo (1925-1927).** Dissertação de Mestrado. UFSCAR. São Carlos: 1993.

Artigos de periódicos

AMARAL, Antonio B do. **Nossas revistas de cultura:** ensaio histórico-literário. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, n. 174, jul. set. 1967, p. 127-171.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de, NUNES, Clarice. Historiografia da educação e fontes. **Cadernos ANPEd**, n. 5, p. 7-64, set. 1993.

GONDRA, José Gonçalves. Entre os frutos e o arvoredor: A docência no Projeto Educacional Republicano (1890/1896). In: **Atas do 1º Seminário de Docência, memória e gênero.** FEUSP. 1996. São Paulo: SP (p. 27-40).

NAGLE, Jorge. História da educação brasileira. In: **Em aberto.** Brasília: 3 (23), p. 27-29, set/out, 1984.

NÓVOA, Antonio. Inovação e história In: **Teoria & Educação.** nº 06. 1992. Porto Alegre: artes Médicas (p. 210-220).

SARTI, Flávia Medeiros. Os estudos sobre a formação docente na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (1985-1996): uma análise das disputas na produção do campo educacional. In: **Estudos e Documentos Anais do 4º Simpósio de Pesquisa da FEUSP.** 1998. V. 40.

SILVEIRA, Carlos da. Apontamentos para uma história do ensino público em São Paulo: revistas de ensino. **Revista Educação**, São Paulo: n. 3. v. VII, jun. 1929.

VIDAL, Diana Gonçalves, & CAMARGO, Marilena Jorge Guedes de. A Imprensa Periódica Especializada e a Pesquisa Histórica: Estudos sobre o Boletim de Educação Pública e a Revista Brasileiras de Estudos Pedagógicos. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos** Nº 175, INEP, Brasília – DF: set/dez 1992, v. 73. p. 407-430.



Obras de Referência

HALLEWELL, Lawrence. **O livro no Brasil: sua história.** Tradução Lolio Lourenço de Oliveira. T. Queiroz. 1985.

LACATUS, Eva. Maria., MARCONI, Marina Andrade. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Atlas, 1986.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, **Normas para publicação da UNESP.** 4v. São Paulo: Ed. da UNESP, 1994.

Intituições consultadas

Centro de referência para Pesquisa Histórica em Educação – UNESP Campus de Marília.

Disponível na Internet www.educacaobrasileira.pro.br

Acervo Paulo Bourroul – FE/USP

Arquivo do Estado de São Paulo

Biblioteca Presidente Kennedy – Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo

Fundação Bibliteca Nacional – RJ

Instituto de pesquisas educacionais Sud Mennucci – Centro do Professorado Paulista/SP



ANEXOS

A ESCHOLA PUBLICA

Luz, luz, muita luz! Dr. Cuetano de Campos.)

Anno 5\$000

MENSALMENTE - Onze numeros por anno

Avulso 500 rs.

TIRAGEM 1000 EXEMPLARES

S. PAULO, 1 DE JULHO.

Uma revista pedagogica é uma necessidade palpitante em nosso meio—dizem. Pois bem, nós vamos ensaiar uma revista que satisfaça essa necessidade.

E' pelas crianças que trabalhamos, por ellas toda a nossa actividade, por ellas todos os nossos esforços: nenhuma outra recompensa queremos, além dos sorrisos que essas almas delicadas nos dedicam cada vez que lhes proporcionamos um ensinamento facil e nutrieute, capaz de ser assimilado pelo seu espirito.

Não recebemos delegação alguma do professorado paulista para defender seus interesses: não somos portanto um orgam do professorado. Nosso alvo é o interesse infantil e para a consecução de nossas idéas appellamos para quem de mais perto compete velar pelas crianças—os professores e os paes.

Somos dos que pensam que todo o professor publico bem intencionado, é um combatente aproveitavel para a causa que defendemos, quaesquer que sejam as suas habilitações. Por isso daremos publicidade em nossas columnas a pequenos trabalhos praticos de pedagogia que nos enviarem as escholas publicas, tanto da capital como do interior. Esses trabalhos poderão versar sobre animaes da nossa fauna e plantas de nossa flora, constando de pequenas descrições de seus costumes e applicações sob o ponto de vista da utilidade humana; bem assim noticias mineralogicas, climatologicas e geographicas especialmente.

Não trazemos em nossas pennas os germens da discordia: seremos parcos em elogios a quem quer que fôr, e bastante prodigos em conselhos onde quer que encontremos o erro. Affastaremos das nossas columnas, quanto pudermos, a censura apaixonada, que destrói damnosamente, e lança a confusão nos espiritos os mais lucidos.

Não promettemos artigos litterarios, nem scientificos: escreveremos o que pudermos, do modo que soubermos, tendo sempre em vista o alvo que miramos: velar pelas crianças, proporcionando aos professores

publicos suggestões relativas ao ensino, suggestões que a Eschola Normal não poude, nem poderá dar-lhes tão cedo.

Em nossa folha daremos modelos de lições apropriadas a cada gráo do curso preliminar; transcreveremos, adaptando ao nosso meio entretanto, tudo o que de util encontrarmos nas nações estrangeiras; aproveitaremos todas as informações que nos ministrarem as escholas publicas da capital e do interior.

Não fazemos artigo de apresentação, justificando o nosso apparecimento.

Queremos trabalhar, entendemos que nosso trabalho pôde ser util ao ensino—eis porque apparecemos.

Particularidades botanicas

A ARVORE BAROMETRO

POR A. PEREIRA.

A arvore barometro é uma planta interessantissima, porem não é uma curiosidade de nossa flora.

Chama-se *lódão* vulgarmente e vive nos climas temperados da Europa.

E' notavel pela propriedade que possui de nos predizer o bom ou o mau tempo.

A parte superior do limbo das folhas do *lódão* é verde, enquanto que a inferior é branca e felpuda.

Estas folhas, quando ha probabilidade de chuva, voltam-se do mesmo modo que certas vestes de duas faces e de duas cores, as quaes têm uma face destinada á poeira e outra á chuva.

Deste modo, quando a arvore se apresenta verde, temos bom tempo, e quando se ostenta branca, a chuva é certa.

O *lódão* é pertencente a familia das *rosaceas*, é chamado scientificamente *Crataegus latifolia*, e é uma arvore que attinge a 8 metros de altura.

Seu aspecto é elegante e gracioso, tem flores brancas e cheirosas, e dá uma fructa vermelha, um tanto acida, mas agradável ao paladar.

A sua curiosa propriedade de predizer a chuva foi observada por um joven pastor.

O capitão Dordu, commandante da escola do 110 regimento de linha em Bouillon, França, foi quem fez a respeito desta planta a seguinte comunicação á revista—*Ciel et Terre*.

Encontrára na referida localidade um guarda-

campestre com o qual encetou conversação a respeito de previsão do tempo, visto ser o capitão muito amador da meteorologia.

«Um bello dia, conta elle, de sol radiante, um pequeno pastor me declara firmemente que choverá á tarde.

—Como o sabes?

—De um modo bem simples: Vêde sobre a orla da floresta esta arvore de folhas perfeitamente brancas? Pois bem, de manhã ellas estavam completamente verdes. Muitas vezes tenho reparado: quando esta arvore torna-se branca é signal certo de chuva.

O tempo com effeito, duas horas depois brusca-se, e a chuva cahe torrencialmente.

A experiencia foi renovada diversas vezes e o barometro vegetal, sempre infallivel em suas previsões!

NOTA.—Dando uma breve descripção desta interessante planta, não apresentamos o nosso trabalho sinão com o fim de suggerir aos collegas levar ao conhecimento das crianças estas particularidades que mais attrativos dão aos estudos scientificos.

A proposito do *Cratægus latifolius* deve o professor provocar o interesse dos alumnos conversando com elles a respeito de muitos outros factos que podem despertar-lhe a curiosidade.

Assim, por exemplo, convem fazer notar que se observam algumas vezes factos identicos nas nossas laranjeiras.

Pode fallar sobre a funcção e o character da folha no mundo vegetal; observe se então que toda a planta dirige suas folhas e flores para a luz; que a planta, por energicos movimentos, que parecem voluntarios recupera a posição normal das folhas sempre que uma força extranha as desloca.

E' também aproveitavel dizer-se que ha plantas que preenchem as funcções de relógio, taes como a nossa *Victoria regia*, o *Hibiscus mutabilis*, da India e a flor-relógio de Tehuantepec.

Primeiras lições de Desenho

POR B. M. TOLOSA.

I

O character do ensino moderno exige que nenhuma noção, por mais rudimentar que seja, se dê á criança, sem primeiro fallar-lhe aos sentidos.

O desenho é uma disciplina exigida pela lei nas escolas primarias, e para esse ensino, que não é facil, chamamos a attenção dos professores.

E' nesta materia principalmente que o educador pôde encontrar muitos motivos para bem exercer a sua missão, pela influencia moral que a disciplina exerce no espirito de seus discipulos.

A observação nos demonstra muitas vezes que as acções humanas andam sempre em discordancia com as theorias sustentadas, e isso entre espiritos que se dizem preparados e fortalecidos no estudo. No ensino da disciplina do desenho o professor encontra os germens desse defeito, e nesta disciplina, como em outras, occasiões ha e bem numerosas, para, sinão de extirpar esse mal, pelo menos minoral-o, em beneficio da rectidão moral dos futuros cidadãos.

Observámos muitas vezes que a criança fica com todas as noções bem claras sobre o quadrado, por exemplo. Ella diz:—O quadrado é uma figura fechada

por quatro linhas eguaes, e que tem quatro angulos rectos. Seus lados são parallelos dous a dous, e também perpendiculares dous a dous. Pergunta-lhe o professor:

—Então, Lopes, si você tivesse de fazer um quadrado em sua pedra, como se arranjaría?

—Marco dois pontinhos e traço um lado. Depois marco outros dois pontinhos fazendo angulos rectos com as pontas do lado prompto, e a uma distancia igual ao comprimento desse lado. Depois traço os outros tres lados, e está prompta a figura.

—Pois bem: faça seu quadrado.

Quem ouve a criança fallar assim, fica admirado ao vêr o trabalho della, pois os traçados nem sequer approximam-se das noções existentes em seu espirito.

Como estes, numerosos erros diariamente experimentam a paciencia carinhosa do mestre que ensina com algum amor.

Com as lições de desenho, lições de linguagem, lições de fórma, lições de numero, relações de distancia e de logar, principios de symetria, habilidade manual na execução, limpeza, precisão—tudo é dado salutarmente para o espirito nascente dos alumnos. Sábia foi a lei obrigando essa disciplina nas escolas publicas.

Com o fim de auxiliar as escolas primarias, daremos algumas suggestões sobre esse ensino

As nossas escolas, com um só professor, encontram numerosas difficuldades a vencer. Necessario se torna portanto descobrir os melhores meios do professor ser attento na revisão do trabalho escolar sem cansar demasiado a sua energia.

O desenho apenas começa a ser ensinado nas escolas; por isso não estabeleceremos ainda a divisão em classes mais adiantadas e em classes menos adiantadas. Consideraremos uma só classe, por emquanto: mais tarde ensaiaremos sua divisão.

A distribuição do material é um importantissimo trabalho. Os lapis empregados em desenho não podem ser applicados em outros trabalhos.

Exija-se que cada alumno traga um lapis de pedra bem macio, e tome o professor, nos primeiros tempos, o encargo de guardal-os e aparal-os, até que algum monitor possa fazel-o convenientemente. As pedras de arithmetica, quando não forem riscadas, podem servir, tendo-se o cuidado de limpá-las bem. Um quadro negro é indispensavel para as illustrações necessarias á boa comprehensão dos trabalhos.

Comece o professor com seus discipulos de leitura as primeiras lições de desenho, e depois ensaie com os pequeninos, que ainda estão na cartilha maternel ou nas cartas de A B C.

Toda a classe está de braços cruzados, e em silencio. O professor colloca num lado da mesa, (pode ser no lado direito ou no esquerdo, conforme a disposição de sua mobilia escolar) tantas pedras e tantos lapis quantos meninos assentarem-se a essa mesa. A um signal dado com a campainha ou com uma pancada na palma da mão, o menino da ponta empurra o grupo de pedras para o visinho e tira uma para si. O segundo menino passa o grupo de pedras para o terceiro, e tira uma, e assim até o ultimo. A outro signal os lapis serão distribuidos da mesma fórma. Não consentir que os alumnos tenham nas mãos os lapis nem trocem linha alguma sem ordem. Feita a distribuição das pedras e dos lapis, os meninos cruzam de novo os braços e esperam attentiosamente o

professor. Este observará que as pedras estejam com o lado maior paralelo à beira da mesa.

1º exercício:—A classe está de braços cruzados.—O professor mostra-lhe as arestas das mesas, dos portaes, e doutros objectos para illustrar a noção de linha. Mostra-lhe o encontro das taboas do forro, e vai no quadro negro, dizendo:—Vou representar tudo isso que nós vimos.

E traça linhas rectas horizontaes, verticaes e obliquas, chamando attenção sempre para a posição das arestas representadas por aquellas linhas. Depois ensinará á classe que aquellos riscos se chamam linhas. Em seguida mostrará objectos de arestas curvas, e traçará no quadro negro linhas semelhantes, e ensinará á classe que também são linhas. Depois conversará com os meninos.

—São eguaes as linhas que eu fiz no quadro negro? Que differença ha entre ellas?

—Umás linhas são directas, e outras são tortas, responderá o Lopes, que attentiosamente seguiu todo o movimento.

—Muito bem. Quem é capaz de mostrar-me linhas directas e linhas tortas na sala?

Deixará que os meninos indiquem as linhas, exigindo d'elles sempre sentenças completas, em beneficio da linguagem:—A beira da mesa é uma linha directa.

—As pautas do meu papel são linhas directas.

—Aquella argola é um linha torta.

—A beira do copo é uma linha torta.

Então dirá:

Uma linha directa chama-se *linha recta*.

Uma linha torta chama-se *linha curva*.

A classe viu as linhas, aprendeu a nomeal-as, resta agora fazel-as.

O professor explicará o seguinte:

—Quando eu contar—um!—todos collocam as pedras que estão com o lado maior no sentido da beira da mesa, de modo que fiquem com o lado menor junto á beira da mesa. Quando eu contar—dois!—todos tomam os lapis e esperam.

Ensine os meninos o modo de pegar os lapis. É pouco mais ou menos o modo de ter a caneta, sendo que devem segurar mais em cima nos lapis, e tanto mais quanto maior for a linha a traçar.

Dirá em seguida:

—Todos levantem os lapis.

Isto feito, contará—*um, dois, tres!*—fazendo as crianças moverem o lapis no ar, e da esquerda para direita, como si estivessem traçando linhas. Repetirá varias vezes este movimento e—um, dois, tres!—a classe traça na pedra uma linha recta; um, dois, tres!—outra linha; um, dois, tres!—outra linha.

—Quantas linhas rectas vocês fizeram.

—Tres, responderão, talvez.

Exija o professor que a classe diga sentenças completas:

—Nós fizemos tres linhas rectas.

Depois explique: Quando eu disser um!—todos largam os lapis, a um tempo e sem rumor. Quando eu disser dois! o segundo menino da esquerda ou da direita põe a pedra sobre a do primeiro, e este passará ambas para o 2º. O 3º põe sua pedra sobre a do 2º e este passará as tres para o terceiro, e assim por diante. Quando eu contar—tres!—os lapis serão recolhidos da mesma forma.

Quando a escola está provida de carteiras americanas, que accommodam apenas dois meninos, a distribuição do material é mais facil. O professor ou o

monitor collocará duas pedras e dois lapis em cada carteira e a um signal dado um menino (da direita, por exemplo) passa a pedra para o da esquerda e depois um lapis. Para recolher o material no fim do exercício, a um signal dado, todos largam os lapis no estalhe que ha em cada carteira; a outro signal o menino da esquerda passa primeiro o lapis e depois a pedra para seu collega da direita. Um monitor pôde depois fazer o resto, guardando num lugar certo pedras e lapis. Si as pedras forem occupadas em outros trabalhos, só serão recolhidos os lapis, guardando cada menino a sua pedra debaixo da carteira, em um compartimento apropriado.

Estes exercícios de distribuição e recolhimento de material devem ser repetidos tantas vezes quantas sejam necessarias para sua boa execução.

Em nosso proximo numero, continuaremos nossas suggestões, relativas a este assumpto, dando alguns desenhos illustrativos.

Não é possivel dar desenho a toda a classe a um tempo. Será conveniente que se dê em dois dias da semana, um exercício de 20 minutos, ou meia hora: quartas e sabbados, por exemplo.

O professor então mandará que os outros meninos que não desejam, copiem uma pagina de seu livro de leitura, na pedra ou no papel, a lapis ou a penna, tendo o cuidado de corrigir e dar notas, segundo a maior ou menor limpeza e fidelidade da cópia. Assim, a emulação e o estímulo serão os melhores vigias, para que não conversem, nem brinquem durante o tempo que o professor estiver occupado com a lição de desenho a uma parte da classe.

As crianças que ainda não escrevem poderão copiar letras ou algarismos, recebendo também suas notas, segundo o merecimento devido.

A Zoologia em lições de cousas

POR A. PEREIRA.

O homem

Antes de ensinar aos alumnos os nomes das diferentes partes do corpo humano convém firmar as noções que necessariamente elles já têm a respeito da sua constituição. O meio mais facil e pratico de o conseguir é encetar com elles um colloquio, fazendo-os apalpar o rosto, as mãos, os braços, etc.

Deste modo elles notarão que por baixo da pelle ha uma substancia *molle, mucia*, e que protegido por esta ha alguma cousa *dura, resistente*.

Feito isto perguntar-se-á:

—Que é que existe por baixo da nossa pelle?

—Carne e ossos, responderão alguns.

Tendo-os firmado na noção de que as partes duras encontradas a tactear são os ossos e a parte macia, a carne, encaminhar-se-á a classe de modo que cada menino possa construir a seguinte sentença:

O corpo do homem é feito de carne, osso e pelle.

Em seguida se fará, por meio de perguntas, com que cada alumno diga que a pelle é o que cobre todo o corpo, isto é, o que constitue a sua superficie que a carne se acha por baixo da pelle e que os ossos estão por baixo da carne.



—O melhor meio para conseguir das crianças a denominação das diversas partes do corpo é o professor expor a observação dos alunos o seu próprio corpo, mostrando cada parte a proporção que fizer cada pergunta.

Depois que a classe saiba os nomes das principais partes, poder-se-á dividir o corpo humano em trez partes: *cabeça, tronco e membros*.

Comprehendido esta divisão começa-se a descrever as subdivisões de cada uma das partes, começando pela cabeça e sempre fazendo a criança apontar para a parte do corpo que nomeia, não devendo o professor ensinar o nome de cada parte sinão quando não o saiba alumno algum da classe.

Assim far-se-á até que consiga, ás perguntas respectivas as respostas constantes nas sentenças da descrição seguinte:

As partes do corpo humano

—O corpo humano se divide em *cabeça, tronco e membros*. O tronco também se chama *corpo*. Os membros de cima chamam-se *membros superiores* e os membros de baixo, *membros inferiores*.

A *CABEÇA*.—As partes da cabeça são a *face*, o *pescoco* e a *cabeça*.

ONS.:—Parece deveríamos dar outra denominação ao alto e á parte de traz da cabeça, mas isso iria crear dificuldades aos alumnos que seguidamente ouvem designar-se pelo nome de cabeça a parte do craneo coberta de cabellos.

As partes da face são *fronte* ou *testa*, os *olhos*, o *nariz*, as *fontes*, a *boca* e o *queixo*.

A parte de diante do pescoço chama-se *garganta* e a parte de traz chama-se *nuca*.

A cabeça é coberta de cabellos e sua parte de cima chama-se *alto da cabeça*.

ONS.:—O professor deve chamar a atenção dos alumnos para a forma da cabeça, lembrando-lhes a figura geometrica approximada dessa parte do corpo, ensinando-lhes a formação das palavras *esphérica*, *espheroide*; assim como em relação ao pescoço ensinará que elle se parece com um cylindro e que por isso tem a forma cylindrica.

O nariz tem duas *narinas* ou *ventas* divididas por uma membrana que se chama *cartilagem*.

Nós temos dous olhos. Cada um delles é protegido por uma *sombrancelha* e pelas *pestanas*.

Podemos abrir e fechar os olhos pelo auxilio das *palpebras*. Em cada olho ha uma *palpebra superior* e uma *palpebra inferior*.

As *pestanas* são os pequeninos fios de cabellos que guarnecem as *palpebras*.

As *sombrancelhas* desviam o suor da testa de modo a não cahir sobre os olhos.

O olho tem a forma *oval*, isto é, quasi parecida com a de um ovo.

O olho tem trez partes: o *branco do olho*, o *iris* e a *pupilla*.

O *iris* é um circulo pardo, verde ou azul que tem no meio do branco do olho.

A *pupilla* é um ponto preto que apparece no meio do *iris*.

A *BOCCA*.—Podemos abrir e fechar o bocca por meio dos *queixos* e dos *labios*.

Nós temos um *labio superior* e um *labio inferior*. Os labios chamam-se também *beijos*.

Dentro da bocca ha *dentes*, *gengivas*, *céu da bocca* e *lingua*.

A cor branca e brilhante que têm os dentes chama-se *esmalte*.

ONS.:—Neste ponto deve o professor chamar a atenção dos alumnos para a inconveniencia de comerem fructos verdes, fazendo-lhes notar que substancia azeda, isto é, os acidos destroem o esmalte dos dentes e os estragam. Deve também mostrar a utilidade do accio da bocca.

* Convém também ensinar ás crianças que os primeiros dentes se chamam *dentes de leite* e cahem quando os meninos chegam a uma certa idade e são substituidos por outros, chamando a respeito destes, a atenção para o seu tratamento, observando que se forem perdidos não poderão ser substituidos.

Ha dentes *incisivos*, *caninos* ou *presas* e *molares*.

Os *incisivos* são quatro em cada queixo e são os da frente.

Os *incisivos* servem para cortar os alimentos.

As *presas* são quatro, duas em cada queixo. As *presas* servem para rasgar os alimentos.

Ha cinco *molares* de cada lado e em cada queixo. Os *molares* moem os alimentos.

No céo da bocca e na lingua é que sentimos o gosto da comida.

O *TRONCO*.—As partes do tronco são os dois *hombrós*, as *costas*, as duas *ilhargas*, *peito*, a *cintura* e os *quadrís*.

O tronco tem a forma cylindrica.

Os *MEMBROS*.—Os membros são quatro: dous *superiores* e dous *inferiores*.

Os *membros superiores* têm trez partes que se chamam *braço*, *ante-braço* e *mão*. Estas partes estão ligadas entre si por meio de *juntas*.

ONS.:—Tendo o homem mãos nas extremidades dos membros superiores e pés nas dos inferiores, nota-se que chamam-n'o *bimano* e *bipede*, explicando si for possivel a formação destas palavras, além de facilitar mais tarde a formação pelos alumnos das palavras *quadrupede*, *quadrumano*, etc.

A junta que prende o braço ao tronco chama-se *espada*; a que prende o braço ao ante-braço se chama *cotovello* e a que une o ante-braço á mão, chama-se *munheca*.

A parte de baixo da mão se chama *pulma* e a de cima *costas da mão*.

Cada mão tem cinco dedos que se chamam *pollegar*, *indice*, *medio*, *annular* e *minimo*.

Cada dedo tem tres *phalanges*, menos o pollegar que tem só duas.

Os dedos são protegidos por unhas nas extremidades.

Os *membros inferiores* também comprehendem trez partes: *côxa*, *perna* e *pé*.

A junta que une a côxa ao tronco é a junta dos

quadril; a que prende a perna á coxa chama-se joelho, e a que prende a perna ao pé, tornozello.

O lado de diante da perna chama-se canella e o de traz, barriga da perna.

A parte do pé que collocamos sobre a terra tem o nome de sóla ou planta do pé; a parte de cima chama-se peito do pé ou dorso. O pequeno arco que tem na planta do pé chama-se cava.

Obs.:—Convém o professor fallar sobre o modo de pizar, observando que toda a planta do pé deve chegar ao chão, mostrando a inconveniência de pizar com a ponta dos pés, o que os deforma. Deve também aproveitar da occasião para fallar sobre o uso de calçados pequenos ou grandes de mais, fazendo notar que são elles que produzem os callos.

Os pés têm também cinco dedos igualmente munidos de unhas nas extremidades.

Os dedos dos pés têm phalanges em numero igual ao dos da mão.

Findas estas lições que versam unicatente sobre os nomes das partes mais importantes do corpo, se encetarão comparações, mostrando as similhanças e diferenças entre as diversas partes do corpo; assim deve se encaminhar a criança de modo que ella note, por exemplo, que a forma dos membros superiores é identica a dos membros inferiores, mostrando a relação de identidade entre cõxa e braço, perna e ante-braço, pé e mão, e a diferença entre estas partes e as outras de modo que a criança possa fazer descripções simples a respeito de qualquer das partes do corpo.

Si o ensino for ministrado a uma classe de 7 a 9 annos não convém o professor tentar inculir noções abstractas, que a criança não comprehende, por isso não devemos ir além da descripção do homem tal e qual a criança o vê.

O estudo dos diferentes órgãos necessarios ás funções physiologicas e dos phenomenos das mesmas, deve ser feito mais tarde. O mesmo em relação aos outros animaes.

Embora o julgemos desnecessario, não deixaremos de notar que cada sentença da descripção acima, é materia para uma, duas e mais lições, isto em obediencia ao celebre preceito de Pestalozzi, que «a medida de uma informação não é o que o professor pôde dar, mas o que a criança pôde receber.»

Arithmetica Elementar

POR OSCAR THOMPSON.

O estudo desta materia excita e disciplina o raciocinio, desperta e concentra a attenção e augmenta os habitos de investigação e de firmeza, os quaes são indispensaveis na successão da vida.

É também por meio deste estudo que o poder de abstracção é creado.

Mas si muitos são os beneficios e vantagens derivados deste ensino, elles dependem todavia do methodo de ensino.

É por isso difficil se torna o ensino elementar desta sciencia nas escolas primarias.

Outrora, crianças de tenra idade eram obrigadas, desde que entravam para a escola, a decorar algarismos e taboindas, trabalho este que de nenhuma forma o entretinha e que muito cansava a sua memoria.

Hoje envidam-se todos os esforços para tornar o ensino de tal materia attrahente de modo que leve a criança a mostrar-se desde as primeiras lições interessada por elle.

É o melhor meio para se obter esse desideratum é concretisar o estudo dos numeros.

É preciso que a criança não considere os algarismos como meros symbolos, mas como grupos de objectos.

Só assim addicionando, por exemplo, quatro e três o resultado, sete, não será um esforço de memoria verbal, mas um acto de percepção interior; porque a criança pinta a si mesma, comprehende que o resultado—sete, tem um grupo de quatro objectos e outro grupo de tres objectos.

Muitas difficuldades se apresentam sobre o ensino de tal materia, mas todas essas difficuldades desaparecerão si o professor apresentar objectos, taboindas ou figuras aos meninos.

Deste modo o estudo torna-se agradável não só ao mestre como aos alumnos.

As primeiras lições não excederão ao numero dez, e consistirão em analyses dos numeros.

Preparação da Classe

Colloquem-se os meninos de pé e ao redor duma mesa.

No meio desta, taboindas de um decimetro de comprimento e dois centimetros de largura, figurinhas e outros objectos.

O professor também conservar-se-á de pé, perto de uma das extremidades da mesa.

Assim a classe estará preparada para a lição.

Lição 1ª — Convide os meninos a tirarem uma taboinda do meio da mesa.

— João, quantas taboindas tem vossê?

— Eu tenho uma taboinda.

Cada menino repetirá a mesma sentença mostrando o objecto, exigindo-se sempre do menino sentenças completas e as palavras bem pronunciadas.

— Uma taboinda tirando uma taboinda quantas ficam?

— Uma taboinda tem quantas taboindas?

— Um uma taboinda, quantas taboindas são?

— Um lapis tirando um lapis, quantos lapis ficam?

— Um tirando um?

— Um maçã tem quantas maçãs?

— Um tem quantos uns?

— Um uma pera, quantas peras são?

— Um um quantos são?

O resultado deve ser o seguinte:

— Um tirando um fica nenhum.

— Um um é um.

— Um tem um um.

Portanto já sabe a criança contar, sommar, subtrahir, multiplicar e dividir até um.

Lição 2ª — Mandará então o professor os meninos tirarem outra taboinda do meio da mesa.

— João, quantas taboindas tem vossê?

— Quantas taboindas tem na mão esquerda?

— Quantas tem na mão direita?

— Quantas em ambas as mãos?



- Quantas tem Antonio ?
 — Conte.
 — Uma, duas.
 — Quantos olhos tem João ?
 — Quantos braços ?
 — Quantas pernas ?
 — Uma taboinha e uma taboinha quantas taboinhas são ?
 — Um e um quantos são ?
 — Duas taboinhas tirando uma taboinha quantas ficam ?
 — Dous tirando um ?
 — Duas taboinhas tirando duas taboinhas quantas ficam ?
 — Dous tirando dous ?
 — Uma taboinha e uma taboinha ou duas uma taboinha quantas taboinhas são ?
 — Um dous quantos são ?
 — Dous um ?
 — Duas taboinhas tem quantas taboinhas ?
 — Dous tem quantos um ?
 — Dous tem quantos dous ?
 Mandará agora um dos meninos contar a *historia* do numero dous.
 O resultado deve ser o seguinte :
 Um e um são dous.
 Dous tirando um fica um.
 Dous tirando dous fica nenhum.
 Um dous são dous.
 Dous um são dous.
 Dous tem dous um.
 Dous tem um dous.
 Agora a criança já sabe sommar, subtrahir, multiplicar e dividir até dous.

Um pouco de Physica

POR GABRIELDINA P. MACHADO.

Todas as vezes que nos achamos em frente duma classe ensinando, devemos estar promptas, com bastante segurança e clareza nas palavras dirigidas ás crianças, porque temos dois fins: o emprego de palavras conhecidas por ellas, e a certeza de que somos entendidas.

Assim é que si tivermos de dar as primeiras noções de physica, teremos que fazer muitas perguntas sobre a materia e esperar as primeiras respostas da criança, sempre na expectativa de obter alguma coisa util.

Perguntaremos:— Cecilia, diga-me o que tenho na mão ?

- A senhora tem um tinteiro.
 — Sim, tenho um tinteiro. Tome o tinteiro em tuas mãos. Agora diga-me o que tenho na outra mão ?
 — A senhora tem uma esponja.

Feito isto, dêmos em seguida muitos exemplos com objectos da sala. Depois que as crianças tiverem observado muitos exemplos identicos, ensinemo-lhes que aquelles objectos que pegamos são chamados *corpos*.

Guêmos as crianças para formarem sentenças completas com as idéas aprendidas. Ex :

- A mesa é um corpo.
 — A esponja é um corpo.

Tomemos em seguida um lapis e interroguemos a

criança até que ella chegue mesmo a descobrir a forma do lapis.

Chegando a este ponto, façamos outras perguntas á criança.

— Qual a differença que você acha entre a forma do lapis e a da agua daquelle copo ?

Certamente ella dirá que o lapis é comprido, e a agua tem a forma do copo. Como este, mostremos varios exemplos até que ellas tenham uma noção bem clara do que lhes queremos ensinar.

Tomemos um fogareiro de espirito de vinho, ou outra qualquer fonte de calor que tivermos na occasião e colloquemos uma pequena vasilha com agua para ferver. Logo que a agua comece a evaporar-se chamemos a attenção das crianças, convidando-as a observarem o facto.

— Luiza vai dizer-me o que está vendo.

— Eu estou vendo vapores.

Não satisfeitos só com esta resposta, continuemos:— Você não poderá observar mais alguma coisa no vapor ?

— Eu vejo o vapor subir e espalhar-se.

Agora que já estamos de posse destas respostas produzidas pela criança, diremos: Todos os corpos duros e que tem uma forma qualquer, chamam-se *corpos solidos*: como o lapis e o tinteiro.

— Todos os corpos que tomam a forma do copo ou da vasilha em que estão depositados, chamam-se *corpos líquidos*: como agua, vinho, vinagre.

— Todos os corpos que sobem e se espalham, chamam-se *corpos gazosos*: como a fumaça e o vapor d'agua.

Feito isto, devemos deixal-as formarem sentenças com os mesmos exemplos, ou mesmo com outros por ellas apresentados.

— Ex.: O lapis é um corpo solido.

— A agua é um corpo liquido.

— A fumaça é um corpo gazoso.

Devemos acompanhar a formação destas sentenças com muito cuidado, alim de serem completas, evitando por este meio certos vicios de linguagem.

Os tres estados physicos dos corpos

POR J. DE SANT'ANNA

SUMARIO: — *Corpos e sua divisão em tres reinos.* — *Historia natural.* — *Physica e Chimica.* — *Os tres estados physicos dos corpos.* — *A agua e seus estados.* — *Modo do professor transmittir essas noções ás crianças.*

Todos os seres que povoam o Universo, taes como o ferro, o chumbo, a prata, o ouro, o pecegueiro, a larangeira, o piuva, o homem, o cão, o elephante, o morcego, constituem os tres reinos da natureza: mineral, vegetal e animal.

A sciencia que trata da origem, fôrma, estrutura destes seres, chama-se *Historia Natural*, e as que tratam dos phenomenos que se passam na materia, chamam-se *Physica e Chimica*.

Todos estes seres tambem tomam o nome generico de corpos. Apresentam-se debaixo de tres differentes estados, a saber: gazoso, liquido e solido.

Os corpos não são formados de massas continuas, mas de particulas chamadas atomos. Os atomos não se tocam e estão sempre em movimento.

Esses atomos estão mais ou menos ligados em vir-

tude de duas grandes forças chamadas de cohesão e repulsão. A força de cohesão tende a unir as partes; em quanto que a outra tende a separar-as.

Quando a força de repulsão vence a de cohesão o corpo é gasoso, como: a fumaça, o ar, o hydrogênio, o oxygeno.

Esses corpos não têm formas estaveis e definiveis. Tendem a occupar sempre maior espaço uma vez livres e abandonados. São muito compressiveis.

Quando a força de repulsão é igual á de cohesão, então os corpos apresentam-se debaixo do estado liquido, como: a agua, o azeite, o mercurio, a cerveja, o vinho.

Esses corpos tambem não têm formas proprias, e tomam sempre as dos vasos que as contêm, e facilmente se dilatam com o calor e por conseguinte é facilissima sua passagem para o estado do vapor (corpo gasoso).

Finalmente quando a força de cohesão é maior que a de repulsão, os corpos são solidos, taes como: a madeira, o enxofre, o carbono, o ferro, o zinco, o papel. Os corpos neste estado têm forma propria, estavel e definida.

E' pouco compressivel, mas muito bom conductor do som.

A agua é um corpo liquido, mas muitissimo interessante pela propriedade que tem de poder naturalmente se apresentar debaixo dos tres estados.

E com effeito, encontramol-a liquida formar os lagos, rios e mares; gasosa, formando as nuvens e solidas formando as altas montanhas de gelos nos polos.

Todos os demais corpos podem perfeitamente passar pelos tres estados e para isto basta somente que se disponha de uma temperatura e pressão convenientes.

Fazendo o ensino de sciencias naturaes, parte do programma do governo, e mesmo ainda que não fizesse, somente pela sua utilidade devia ser exposta ao alcance de todos, resolvi dar em nosso jornal *A Escola Publica*, algumas noções e bem assim o modo porque deve ser transmittido ás creanças.

Em todos os numeros de nosso jornal sahirá sempre esse trabalho acompanhado de seu methodo. Neste numero exponho uma lição de Physica e o modo do professor ensinal-a.

O professor adiante da classe mostrará um pedaço de panno ou papel queimando-se, afim de verem a fumaça; um pouco de agua e um pedaço de madeira.

Contará ás creanças que tudo quanto occupa um lugar no espaço é um corpo. Assim a fumaça, a agua e a madeira são corpos. Mandará a criança dizer uma oração de corpos.

Depois dirá á criança que os corpos como a fumaça chamam-se gazosos; outros como a agua, liquidos e outros como a madeira, solidos.

Contará á criança que a agua passa para qualquer desses estados facilmente.

Não deve nunca exigir definições dos alumnos, e apenas uma idéa.

Emfim, não deve ensinar tudo quanto sabe, mas o que a criança possa facilmente entender.

Aquelle que é bom filho, é bom irmão, bom amigo, bom visinho e bom cidadão.

A instrucção é o adorno do rico e a riqueza do pobre.

A ordem póde enriquecer os mais pobres, como a desordem empobrece os mais ricos.

A Physica e a Chimica nas escolas primarias

POR THEOP. DE MELLO.

E' infundado o erro de que falia a *ingenuidade* rudimentar dos phariseus do ensino sobre a contemplação das sciencias naturaes, como parte integrante de um programma de ensino primario.

Esses homens, que tentam morder o pomo vedado da sciencia, desconhecedores das leis que regem os phenomenos evolutivos do espirito, não sabem que da escola maternal a criança sahe apta para comprehender as impressões do mundo real, e lançar-se atravez ás ondas tranquillias do saber.

Dentro de uma esphera racional—tudo na escola se póde ensinar e com proveito. A prova é evidente, e a analyse dos programmas de ensino já nos apresenta rudimentos ou de sciencias naturaes ou sociaes.

Dos ramos das sciencias naturaes, que facilmente concretisamos em duas palavras—Physica e Chimica,—os seus phenomenos podem ser assimilados por espiritos ainda tenros, pela comprehensão de factos extremamente simples e de manifestações vulgares. Para o ensino das sciencias physicas nas escolas primarias não precisamos de um laboratorio, onde em face da criança desenrolemos uma infinidade de drogas e instrumentos incompreheensiveis á sua percepção;—porque parece á criança que fóra da presença daquellesapparelhos engenhosos não existe a realidade do facto.

Não devemos fazer *prelecções* sobre theoria e leis da queda dos corpos, do movimento, da velocidade do som, da refração da luz, etc.; nem tão pouco sobre as leis chimicas de Berthelot, Proust, Dalton ou Gay-Lussac; e muito menos depor em suas mãos, compendios referentes a estes assumptos, pelo mesmo motivo porque, como diz Guerra Junqueiro, se lhe não dá uma garrafa de vinho do Porto.

— Numa escola primaria as noções de Physica devem ser ensinadas a titulo de divertimento, com o fim de prender e desenvolver a attenção das crianças. Devem se escolher os factos mais elementares da Barologia, Acustica e Calorimetria, para constituirem experiencias, que serão feitas previamente, e sobre ellas tirada a deducção. O peso e outras qualidades dos corpos—as cores primarias, complementares e suas combinações—o equilibrio dos liquidos e principio de Archimedes—o corpos mergulhados no ar e as causas dos sons—a liquefacção e produção de vapores, constituem experiencias scientificas tão taceis, que podem ser executadas em qualquer lugar, mesmo ao ar livre, com o auxilio unicamente de objectos que estão ao alcance de todo o mundo, como sejam: corpos, prismas, espelhos, balões, balanças, aquarella, etc., e assim sem o mínimo esforço obtem-se da criança a comprehensão de tantos phenomenos naturaes.

— A Chimica é ensinada quando perante os alumnos fazemos uma mistura, uma solução, uma combinação ou uma decomposição de corpos vulgares. E para obtermos estes resultados podemos lançar mão de experiencias curiosas:—*Arvore de Saturno*, combustão no oxygeno, crystallisações etc. A criança que conhece que a materia compõe-se e decompõe-se, tem noções de Chimica.

Sendo assim, não vacilemos em levantar numa modesta sala de escola, o véo sublime e poderoso da

A ESCHOLA PUBLICA

Luz, Luz, muita Luz! (Dr. Gualtero de Campos).

Anno 5000

MENSALMENTE - Onze numeros por anno

Trulso 500 rs.

Tiragem 1000 exemplares

1.º de Agosto de 1893.

Fundámos uma revista e temíamos ella não encontrasse elementos de vida num meio tão esteril como o da nossa terra. Inteiramente enganados andámos nós: o successo obtido excedeu á nossa expectativa e reconhecemos que o professorado publico pôde e quer ter uma folha pedagogica, pela qual se possa conhecer em um momento dado o nosso adiantamento em materia de ensino.

Nem foi só apoio material que nos veio: muitas felicitações, muitos termos de adhesão á nossa attitudo, palavras de animação, tudo recebemos afim de que não deixassemos perecer uma folha pedagogica do nosso Estado.

Summamente gratos para com os que nos honraram com suas cartas, pedimos desculpas por não podermos dar publicidade a todas ellas, visto o limitado espaço de que dispomos. Não deixaremos, contudo, de transcrever a que nos enviou o nosso illustrado collega, sr. Arthur Raggio Nobrega, professor no Ribeirão Preto:

« Ribeirão Preto, 10 de Julho de 1893.

Distinctos redactores da *Eschola Publica*.

Felicito-vos pelo apparecimento de vossa folha.

E' digna de animação, de estímulo, de acorçoamento, de louvores, a attitudo que assumis.

O professorado paulista, desunido, precisa de um organo que o dirija, de um centro que o oriente, de uma verdadeira folha de combate, em que pugne por seus interesses, em que patenteie os seus brios, em que espalhe, em que diffunda sua actividade intellectual e moral — cumprindo sua missão, santa, nobre, grandiosa, augusta, immorredoura!

E' preciso não deixar morrer a *Eschola Publica*: insta que todos corramos a amparal-a, a animar-a, a vivificarl-a; que nos aggreemiemos, que nos arremetamos.

Unamo-nos, façamos convergir nossos esforços para um escopo bello, radiante, luminoso: ergamos a instrucção publica do seu inerte abatimento, patrocinemol-a, tornemol-a verdadeira, real, concreta; eduquemos a criança...

Erguida pelo polimento das aptidões, pela diffusão do luzes, de principios, de doutrinas sãs, pela disciplina do dever e pelo civismo, — a Patria Paulista será grande, forte, rica, poderosa, invejavel!...
Animo, camaradas! Avante, companheiros!

Vosso collega e amigo,

ARTHUR RAGGIO NOBREGA.»

ALGUMAS LIÇÕES DE BOTANICA

POR A. PEREIRA

A FLOR

O ensino de Botanica é uma classe infantil deve ser iniciado com o fim de desenvolver o habito da observação entre os alumnos, não devendo o professor ultrapassar o limite de descrições das diferentes partes do vegetal: folha, flor, raiz, caule.

Convém, sempre que for possível, fazer o estudo nas proprias plantas: assim, é de muita vantagem que os meninos estudem, por exemplo, a flor, tenha uma para observar-a.

E' quasi indifferente a preferencia da parte que deva servir para encetar o estudo, e é por isso que daremos alguns modelos de lições, sem seguir nenhuma ordem de precedencia, começando pela flor, em razão do interesse que, em virtude do seu aspecto, mais facilmente desperta.

Tome-se uma flor cujos verticillos sejam bem caracterizados, uma rosa simples, por exemplo, o apresentando-a, pergunta-se á classe:

— Quo é que tenho na mão?

— O senhor tem na mão uma flor, será naturalmente a resposta.

Caso algum algum alumno responda simplesmente—Uma flor, — deve-se-lhe exigir a sentença completa, afim de que o professor tenha occasião de corrigir qualquer vicio de linguagem que por ventura seja usado por algum da classe.

Pegue-se no pedunculo da flor e inquirase o nome desse appendice. E' provavel que as crianças chamem-no de *cabo da flor*. Então ensine-se-lhes que tem o nome de pedunculo e explique-se que os alumnos enunciem o que appareceram com uma sentença total ou identica á seguinte:

— O cabo da flor chama-se pedunculo.

Note-se que o pedunculo serve para sustentar a flor no galho ou axila da planta.

Mostre-se em seguida o calice da flor, desenhando na pedra a sua forma approximada.

Interrogue-se a diversos alumnos da classe a ver si alguns encontram nelle simillhança com o objecto domestico conhecido sob o nome de calice.

Depois que o professor houver suggerido tal simillhança, fará notar a posição externa que occupa o a cor de tal verticillo, ensinando o nome á classe que poderá então formar as seguintes sentenças:

— A parte mais de fóra de uma flor chama-se calice.

— O calice é quasi sempre verde.

Conseguido este resultado, mostre-se a corolla procurando suggerir á classe a idéa de corôa para depois ensinar-lhe o nome usado em linguagem botânica.

Obs.—A criança encontrando simillhança entre a *corolla* da flor e *corôa*, reparará também na simillhança dos vocabulos, e isto vem auxiliar sua novel memoria.

Procure-se que a classe note a cor da corolla e inquiram-se si os meninos já viram corollas de outras cores. Naturalmente, elles responderão pela affirmativa. Porém, convém exigir a resposta em sentenças completas, eniciando cada criança, uma flor que conheça, exemplo:

— A corolla da violeta é róxa.

— A corolla da rosa é algumas vezes cor de rosa, outras amarella, outras branca, outras vermelha.

— A corolla da camelia pôde ser branca ou vermelha.

— A corolla do lyrio é róxa e pôde também ser branca.

Depois de ter firmado no espirito das crianças a idéa do que seja a corolla da flor, pôde-se continuar o estudo, tratando-se do *androceu*.

Mostre-se á classe esses pequenos cordões em cuja extremidade se nota um corpo amarello, dourado. E depois que toda a classe tiver notado a presença desses corpos na flor, ensine-se-lhes que a reunião de taes cordões toma o nome de *androceu*.

Uma vez firmadas estas noções, pôde o mestre proseguir com os alumnos, passando a estudar o ultimo verticillo da flor—o *gynneceu* ou *pistillo*.

Findo este estudo, pôde a classe, auxiliada pelo professor, synthetisar o que aprendeu, fazendo cada alumno exposições como a seguinte:

— «A flor sustenta-se no galho da planta pelo *pedunculo*.

As partes de uma flor são o calice, a corolla, o *androceu* e o *gynneceu*.

O *calice* é a parte mais de fóra da flor e é quasi sempre verde.

A *corolla* é pegada no lado do dentro do calice e pôde ser de diferentes cores.

O *androceu* é formado de uma porção de cordões que têm uma certa massa amarella na ponta.

O *gynneceu* é a parte mais de dentro da flor. Chama-se também *pistillo*. É formado quasi sempre de um canudinho, tendo na ponta uma superficie achatada, gomosa.

Conhecidos pelos alumnos os nomes dos quatro verticillos da flor completa, inicia-se o estudo das partes que os compoem; assim, tratando-se do calice, faz-se notar que elle é formado de folhas que podem ser ligadas ou separadas. Ensine-se que essas folhas chamam-se *sepalas*.

Depois ensine-se que as folhas que formam a corolla, chamam-se *petalas*.

Passando a estudar-se o *androceu* dir-se-á que as peças que o formam têm o nome de *estames*.

Leve-se ao conhecimento dos alumnos que o cordãozinho chama-se *filete*, a sua extremidade, *anthera* e que a anthera é cheia de um pó amarello denominado *pollen*.

Faça-se o mesmo em relação ao *pistillo*: ensine-se que a sua superficie chama-se *estigma*, a qual é sustentado pelo *estylete* e que este é uma especie de canudinho, composto de partes ligadas que se chamam *carpellas*. Ensine-se também que a cavidade do *stylete* se communica com o *ovario* da flor que é onde se desenvolve o fructo donde sahem as sementes que mais tarde vão produzir o vegetal.

Exija-se que os alumnos recapitulem, fazendo novas exposições de accordo, mais ou menos, com o modelo que dêmos acima, e accrescentando as novas noções que adquiriram, por sentenças simillhantes a estas:

— «O calice da flor é formado por *sepalas*.

O *androceu* compõe-se de *estames*. Os *estames* têm tres partes: *filete*, *anthera* e *pollen*.

O *filete* é que sustenta a anthera. A *anthera* é que contém o *pollen*. O *pollen* é um poquinho amarello que se acha na anthera.

O *gynneceu* ou *pistillo* é formado de *carpellas*. A sua parte superior chama-se *estigma*.

O *pistillo* é sustentado por um canudinho que se chama *stylete*. O *stylete* se communica com o *ovario*.

É no ovario da flor que se desenvolve o fructo donde se tiram as sementes. As sementes plantam-se o dollas é que nascem novas plantas.»

GEOGRAPHIA

POU GABRIELINA P. MACHADO

I.

O estudo da geographia tem se tornado muito difficil nas escolas pela falta de livros apropriados, mapas e principalmente deapparellhos.

Até então se encontravam muitos tratados de geographia que em quasi toda nos auxiliam no estudo

PEDAGOGIA PAULISTA

A ESCOLA PUBLICA

Ensaio de Pedagogia Pratica



S. PAULO
TYPOGRAPHIA PAULISTA
R. da Boa Vista, 112
1907

Revista A Escola Publica volume especial de 1895

E34



A ESCOLA PUBLICA

Aos Senhores Professores

Resolvemos formar um livro com os artigos publicados n' *A Escola Publica*, servindo-lhe de prefácio o editorial do primeiro numero dessa folha, cuja publicação começou em 1.º de Julho de 1893.

Eil-o:

Uma revista pedagogica é uma necessidade palpante em nosso meio—dizem. Pois bem, nós vamos ensaiar uma revista que satisfaga essa necessidade.

É pelas crianças que trabalhamos, por elles toda a nossa actividade, por elles todas as nossas esperanças; nenhuma outra recompensa queremos, além das sortidas que essa obra de lição e de dedicação cada vez que lhes proporcionamos um ensinamento.

PAULO BOURROUL

Gratidão, Cárria e Tereza/57

Poe. 11884 10/70

Chimarra

facil e nutritivo, capaz de ser assimilado pelo seu espirito.

Não recebemos delegação alguma do professorado paulista para defender seus interesses: não somos portanto um organo do professorado. Nosso alvo é o interesse infantil e para a consecução de nossas idéas appellamos para quem de mais perto compete velar pelas crianças—os professores e os pais.

Somos dos que pensam que todo o professor publico bem intencionado, é um combatente aproveitavel para a causa que defendemos, quaesquer que sejam as suas habilitações. Por isso daremos publicidade em nossas columnas a pequenos trabalhos praticos de pedagogia que nos enviarem as escolas publicas, tanto da capital como do interior. Esses trabalhos poderão versar sobre animaes da nossa fauna e plantas de nossa flora, constando de pequenas descripções de seus costumes e applicações sob o ponto de vista da utilidade humana; bem assim noticias mineralogicas, climatologicas e geographicas especialmente.

Não trazemos em nossas pennas os germens da discórdia: seremos paucos em elogios a quem quer que fôr, e bastante prodigos em conselhos onde por que encontremos o erro. Afastaremos das nossas columnas, quando pudermos, a censura apaixonada, que destrói domiosamente, e lança a confusão nas espiritos os mais lucidos.

Não promettimos artigos litterarios, e se sciendos que escreveremos o que pudermos, da modo que tenhamos, tendo sempre em vista o alvo que nos

ramos: velar pelas crianças, proporcionando aos professores publicos suggestões relativas ao ensino, suggestões que a Escola Normal não pode, nem poderá dar-lhes tão cedo.

Em nossa folha daremos modelos de lições apropriadas a cada gráo do curso preliminar; transcreveremos, adaptando ao nosso meio entretanto, tudo o que de util encontrarmos nas nações estrangeiras; aproveitaremos todas as informações que nos ministrarem as escolas publicas da capital e do interior.

Não fazemos artigo de apresentação, justificando o nosso apparecimento.

Queremos trabalhar, entendemos que nosso trabalho pôde ser util ao ensino—eis porque apparecemos.

S. Paulo, 1895.

Oscar Thompson,
A. R. Aires Pereira,
Joaquim de Sant'Anna e
Benedicto Maria Tolosa.

A ESCOLA PUBLICA

15 de Dezembro de 1896.

Com este numero completa a Escola Publica seu primeiro anno de publicação.

Temos o orgulho de dizer que fizemos mais do que promettemos, que demos a esta publicação um desenvolvimento superior ao que era de esperar de uma empresa nascente e que ao encetar seus trabalhos não contava senão com os poucos recursos de seus fundadores.

Mas é que em todos os cooperadores da empresa a dedicação foi incondicional, o trabalho foi sempre considerado como o cumprimento de um dever.

Por sua vez o patriótico Governo do Estado, reconhecendo a incontestavel utilidade da revista, veio em nosso auxilio offerecendo-nos um valioso subsidio; o professorado recebeu-nos com sympathia; a imprensa em suas referencias por vezes chegou a ultrapassar os limites da gentileza.

A Escola Publica continuará seu trabalho que até a dia se tornará mais proficuo. Para isto não lhe faltará a vontade de todos os seus cooperadores; é preciso porém, não faltarem os meios de que dispõe em seu primeiro anno.

A Escola Publica.

